



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha
ESQUADRÃO DE CAVALARIA
AEROMÓVEL

1ª Edição
2023

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

EB70-MC-10.381



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

ESQUADRÃO DE CAVALARIA

AEROMÓVEL

1ª Edição
2023

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

PORTARIA - COTER/C Ex Nº 342, DE 11 DE OUTUBRO DE 2023

EB: 64322.024140/2023-18

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.381 Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel, 1ª edição, 2023 e dá outras providências.

O COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do artigo 16 das Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina Militar Terrestre – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 6ª edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.676, de 25 de janeiro de 2022, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.381 Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel, 1ª edição, 2023, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Gen Ex ESTEVAM CALS THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA

Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 44, de 1º de novembro de 2023)

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

ÍNDICE DE ASSUNTOS

	Pag
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	
1.1 Finalidade.....	1-1
1.2 Considerações Iniciais.....	1-2
CAPÍTULO II – O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL	
2.1 Considerações Gerais.....	2-1
2.2 Conceito de Emprego.....	2-1
2.3 Missões, Características, Possibilidades e Limitações.....	2-1
2.4 Estrutura Organizacional.....	2-4
2.5 Capacidades Operacionais do Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel.....	2-9
CAPÍTULO III – COMANDO E CONTROLE	
3.1 Considerações Gerais.....	3-1
3.2 Organização do Sistema de Comando e Controle.....	3-1
3.3 Responsabilidades Funcionais.....	3-1
3.4 Postos de Comando.....	3-7
3.5 Planejamento e Condução das Operações.....	3-13
3.6 Sincronização das Operações.....	3-14
3.7 Ligações e Comunicações.....	3-17
CAPÍTULO IV – O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NAS OPERAÇÕES BÁSICAS	
4.1 Considerações Gerais.....	4-1
4.2 Operações Ofensivas.....	4-1
4.3 Operações Defensivas.....	4-17
4.4 Operações de Cooperação e Coordenação com Agências.....	4-23

CAPÍTULO V – O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NAS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

5.1 Considerações Gerais.....	5-1
5.2 Operações de Segurança.....	5-1
5.3 Operações de Junção.....	5-7
5.4 Operações Urbanas.....	5-8
5.5 Operações Aeromóveis.....	5-11

CAPÍTULO VI – O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NAS AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

6.1 Considerações Gerais.....	6-1
6.2 Ações Comuns de Reconhecimento, Vigilância e Segurança.....	6-1
6.3 Ação de Substituição de Unidades de Combate.....	6-10

CAPÍTULO VII – PLANEJAMENTO DO APOIO DE FOGO

7.1 Considerações Gerais.....	7-1
7.2 Planejamento e Coordenação de Fogos	7-1
7.3 Apoio de Fogo do Escalão Superior.....	7-4
7.4 Apoio de Fogo Orgânico.....	7-4
7.5 Apoio de Fogo por Meios Aéreos e Navais.....	7-6

CAPÍTULO VIII – LOGÍSTICA

8.1 Considerações Gerais.....	8-1
8.2 Estrutura de Apoio Logístico.....	8-2
8.3 Elementos e Frações com Responsabilidades Logísticas....	8-6
8.4 Peculiaridades do Apoio Logístico nas Operações Aeromóveis.....	8-10
8.5 Planejamento e Execução da Logística.....	8-13

REFERÊNCIAS

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este manual destina-se a estabelecer os fundamentos doutrinários do emprego operacional do Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel (Esqd C Amv), orgânico da Brigada de Infantaria Aeromóvel (Bda Inf Amv).

1.1.2 Apresenta considerações diversas no que se refere à sua estrutura organizacional, missões, possibilidade e limitações, além de fornecer elementos (Elm) que possibilitam a padronização do preparo e do emprego do Esqd C Amv, para o cumprimento de suas missões.

1.1.3 Dessa forma, busca orientar o comandante da subunidade (Cmt SU) e seu estado-maior (EM) no planejamento, na preparação, execução, coordenação e na sincronização das ações desenvolvidas pelo esquadrão.

1.1.4 Os conceitos abarcados por esta publicação devem ser analisados e aplicados em consonância com o disposto nos manuais de campanha (MC) que tratam das operações aeromóveis (Op Amv) e do emprego da cavalaria.



Fig 1-1 – Grupo de exploradores do pelotão de cavalaria aeromóvel

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 A brigada de infantaria aeromóvel (Bda Inf Amv) é uma grande unidade (GU) cuja principal característica é a possibilidade de mobilidade estratégica, proporcionada pelo transporte aéreo, com a utilização de aeronaves de asa rotativa e asa fixa.

1.2.2 Desde seu estabelecimento no Exército Brasileiro (EB), em 1995, por meio da transformação da 12ª Brigada de Infantaria Motorizada (Bda Inf Mtz), estudiosos da doutrina militar terrestre (DMT) verificaram a necessidade de que essa Bda possuísse uma tropa com maior mobilidade e relativo poder de fogo, capaz de executar missões de reconhecimento (Rec) e segurança (Seg), principalmente durante o assalto aeromóvel. Nesse sentido, após quase 10 anos de estudos, chegou-se à conclusão de que a Bda Amv necessitava de uma tropa de cavalaria com tais características em sua constituição.

1.2.3 A cavalaria aeromóvel do EB teve início em 2004, por ocasião da transformação do então 1º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec) em 1º Esquadrão de Cavalaria Leve. Desde então, a Bda Inf Amv passou a contar com uma tropa com elevada mobilidade, relativa proteção blindada (Bld), potência de fogo, ação de choque e comunicações amplas e flexíveis, capaz de realizar missões de Rec e Seg em proveito da GU.

CAPÍTULO II

O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 O Esqd C Amv é a tropa de reconhecimento e segurança da Bda, sendo, por isso, um elemento de economia de meios. Para tal, deve ser dotado com plataformas que permitam boa mobilidade terrestre, relativa proteção blindada, potência de fogo adequada e comunicações amplas e flexíveis.

2.1.2 O Esqd C Amv está apto a participar de variados tipos de operações que contribuem para a convergência dos efeitos desejados, tanto no Brasil como no exterior, seja atuando isoladamente, seja compondo uma força-tarefa (FT).

2.2 CONCEITO DE EMPREGO

2.2.1 De forma geral, o emprego do Esqd C Amv, uma vez atingida a área do objetivo (Obj), isto é, após o movimento aéreo e a fase de reorganização, é semelhante ao emprego de um Esqd C Mec. A diferença básica reside, por conseguinte, na forma de deslocamento do Esqd até a região onde será empregado, deslocamento este realizado por meio de movimento aéreo. Uma particularidade do emprego é que os pelotões de cavalaria aeromóveis (Pel C Amv) também podem ser empregados como integrantes das FT da Bda Inf Amv valor batalhão (Btl).

2.2.2 Embora não constitua sua forma normal de emprego, o Esqd C Amv, agindo isoladamente, pode realizar operações ofensivas e defensivas como elemento de economia de forças.

2.3 MISSÕES, CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

2.3.1 MISSÕES

2.3.1.1 O Esqd C Amv possui as seguintes missões principais:

- a) proporcionar profundidade às ações, participando do estabelecimento de uma cabeça de ponte aeromóvel (C Pnt Amv);
- b) realizar operações ofensivas e defensivas, prioritariamente como elemento de economia de forças;
- c) realizar operações de segurança ou participar delas, de forma independente ou incorporado a outras forças, em frentes e profundidades compatíveis com os meios à sua disposição; e

d) realizar ações de segurança, como reconhecimento, proteção, vigilância (Vig) e defesa de área de retaguarda (DEFAR).

2.3.2 CARACTERÍSTICAS

2.3.2.1 As características do Esqd C Amv são: mobilidade, flexibilidade, proteção blindada, ação de choque, sistema de comunicações amplo e flexível e potência de fogo.

2.3.2.1.1 Mobilidade – o Esqd C Amv é totalmente móvel e aerotransportável, podendo ser desembarcado por meio do transporte de carga interna e externa em aeronaves de asa rotativa, ou carga interna em aeronaves de asa fixa. Uma vez no solo, sua mobilidade é garantida pela velocidade, raio de ação e capacidade de suas viaturas deslocarem-se através campo.

2.3.2.1.2 Flexibilidade – decorre de sua mobilidade e do seu sistema de comunicações, permitindo engajar-se ou desengajar-se em combate (Cmb), mudar sua formação e direção de movimento.

2.3.2.1.3 Proteção blindada – proporcionada, em grau relativo, pela blindagem de suas viaturas, que resguardam as guarnições contra os fogos de armas portáteis, fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia (Art) e contra os efeitos dos engenhos nucleares.

2.3.2.1.4 Ação de choque – proporcionada, em grau relativo, pela combinação da potência de fogo com a mobilidade de suas viaturas.

2.3.2.1.5 Sistema de comunicações amplo e flexível – decorrente do pleno uso dos meios de comunicações dos quais o Esqd é dotado, particularmente o rádio, nos seus diversos alcances, permitindo ao comandante efetiva coordenação e controle de todos os seus elementos de manobra e apoio logístico (Ap Log), mesmo em largas frentes.

2.3.2.1.6 Potência de fogo – assegurada pela variedade de calibres, cadência de tiro e tipo de trajetória de seu armamento, em grande parte, instalado nas próprias viaturas.

2.3.3 POSSIBILIDADES

2.3.3.1 O Esqd C Amv é um elemento tático, dotado de meios suficientes para períodos limitados de combate (normalmente 48 horas), sem contar com ressuprimento do escalão superior (Esc Sp).

2.3.3.2 Suas principais possibilidades são:

- a) participar do estabelecimento de uma C Pnt Amv;
- b) realizar reconhecimento de eixo, área e zona, em frentes e profundidades

compatíveis com os meios à sua disposição;

- c) executar operações de segurança, em particular, integrando forças de proteção (F Ptç) e vigilância;
- d) realizar operações ofensivas e defensivas, no desenvolvimento das ações de reconhecimento e segurança, ou como elemento de economia de forças;
- e) realizar ligações de combate (Cmb);
- f) receber meios aéreos e planejar seu emprego sob controle operacional;
- g) executar ações contra forças irregulares;
- h) cumprir missões no quadro de defesa interna e defesa territorial;
- i) conduzir operações de combate sob condições de visibilidade limitada, com o emprego de meios de visão noturna e vigilância eletrônica;
- j) proporcionar limitada defesa anticarro (AC);
- k) deslocar-se por meios aéreos;
- l) preparar e receber cargas externas e internas em aeronaves de asa rotativa;
- m) isolar áreas que tenham sofrido ataques ou vazamentos químicos, biológicos, radiológicos e nucleares (com limitações);
- n) atuar como força a pé, cumprindo missões de Rec e Seg em proveito da Bda Inf Amv (com limitações), numa operação aeromóvel (Op Amv), na impossibilidade do transporte de suas viaturas (Vtr) orgânicas, inicialmente ou durante toda a operação;
- o) participar de variados tipos de operações que contribuirão para a convergência dos efeitos desejados no Brasil e no exterior;
- p) organizar suas peças de manobra em estruturas organizacionais provisórias (pelotões provisórios – Pel Provs) para atender a peculiaridades de determinadas missões que lhe forem atribuídas ou para fazer face a situações do combate; e
- q) operar vetores aéreos de vigilância (sistemas de aeronaves remotamente pilotadas – SARP).

2.3.4 LIMITAÇÕES

2.3.4.1 O Esqd C Amv possui algumas das limitações próprias das tropas aeromóveis e outras relativas ao seu material. Suas principais limitações estão a seguir especificadas.

2.3.4.1.1 Quanto ao inimigo:

- a) vulnerabilidade aos ataques aéreos;
- b) sensibilidade ao largo emprego de minas, armas AC e aos obstáculos;
- c) vulnerabilidade aos efeitos das armas e agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares;
- d) sensibilidade aos efeitos da guerra eletrônica; e
- e) vulnerabilidade na fase da reorganização.

2.3.4.1.2 Quanto ao terreno e às condições meteorológicas:

- a) sensibilidade às condições climáticas e meteorológicas adversas; e
- b) sensibilidade aos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos.

2.3.4.1.3 Quanto aos meios:

- a) exigência de considerável apoio da Força Aérea (F Ae), inicial e continuado, quando empregado em Op Amv;
- b) dependente da disponibilidade de aeronaves;
- c) necessidade de considerável apoio logístico, particularmente após as 48 horas iniciais;
- d) dificuldade em manter o terreno conquistado, tendo em vista o seu limitado efetivo; e
- e) dificuldade em assegurar o sigilo desejável, em virtude do ruído e da poeira produzidos por suas viaturas quando em deslocamento.

2.4 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL**2.4.1** O Esqd C Amv possui a seguinte estrutura organizacional básica:

- a) comando (Cmdo) e estado-maior (EM);
- b) 01 (um) pelotão de comando e apoio (Pel Cmdo Ap); e
- c) 03 (três) pelotões de cavalaria aeromóvel (Pel C Amv).

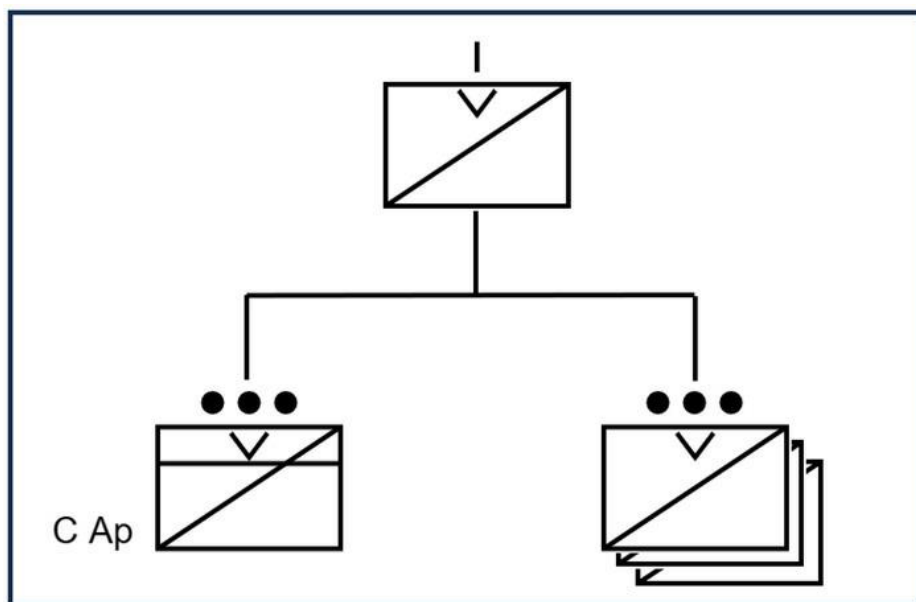


Fig 2-1 – Estrutura organizacional do Esqd C Amv

2.4.2 COMANDO E ESTADO-MAIOR

2.4.2.1 O comando do Esqd C Amv é composto pelo Cmt SU e pelo EM (geral e especial). O Cmt é o responsável pela instrução, disciplina e pelo emprego tático da SU, além da administração, devidamente assessorado pelo EM.

2.4.2.2 O EM do Esqd compreende: subcomandante (chefe do estado-maior); oficial de pessoal (S-1), oficial de inteligência (S-2); oficial de operações (S-3); oficial de logística (S-4); oficial de saúde; e adjunto de logística (Adj S-4).

2.4.3 PELOTÃO DE COMANDO E APOIO

2.4.3.1 O Pel Cmdo Ap do Esqd C Amv destina-se a apoiar a SU com os meios necessários à coordenação e ao controle, bem como fornecer ao comandante e às peças de manobra o apoio de fogo e logístico necessários. Proporciona, ainda, meios de observação e vigilância (tais como caçadores e aeronaves remotamente pilotadas – ARP) e de vigilância terrestre eletrônica (radares), os quais operam em apoio ao esquadrão como um todo ou, em casos excepcionais, em apoio direto a um dos Pel C Amv.

2.4.3.2 O Cmt do Pel Cmdo Ap, além de suas atribuições normais, é o responsável pela supervisão das instalações, segurança, deslocamentos e do funcionamento das áreas de trens da subunidade (ATSU).

2.4.3.3 O Pel Cmdo Ap é composto por:

- a) comando (Cmdo);
- b) seção de comando (Seç Cmdo);
- c) seção de logística (Seç Log);
- d) seção de vigilância terrestre e observação (SVTO);
- e) seção de mísseis anticarro (Seç MAC); e
- f) seção de morteiro médio (Seç Mrt Me).

2.4.3.4 A Seç Cmdo enquadra o efetivo e os meios de todas as frações que apoiam diretamente o comando do Esqd e seu EM (turma de comando, turma de pessoal, turma de inteligência, turma de operações e turma de logística) e os de emprego peculiar (turma de comunicações e turma de caçadores).

2.4.3.5 A Seç Log enquadra as turmas de manutenção (Tu Mnt), provisionamento (Tu Aprov), saúde (Tu Sau) e suprimento (Tu Sup). É responsável pelo apoio logístico ao Esqd (transportando e distribuindo os suprimentos das classes I, III, V, VIII e IX) e pelo preparo e pela distribuição da alimentação ao efetivo da subunidade.

2.4.3.6 A SVTO é composta de 02 (duas) equipes de radar e uma turma de SARP.

2.4.3.7 A Seç MAC é composta de 02 (duas) peças de MAC.

2.4.3.8 A Seç Mrt Me é composta de 03 (três) peças.

2.4.3.9 A constituição do Pel Cmdo Ap do Esqd C Amv é a do organograma apresentado abaixo.

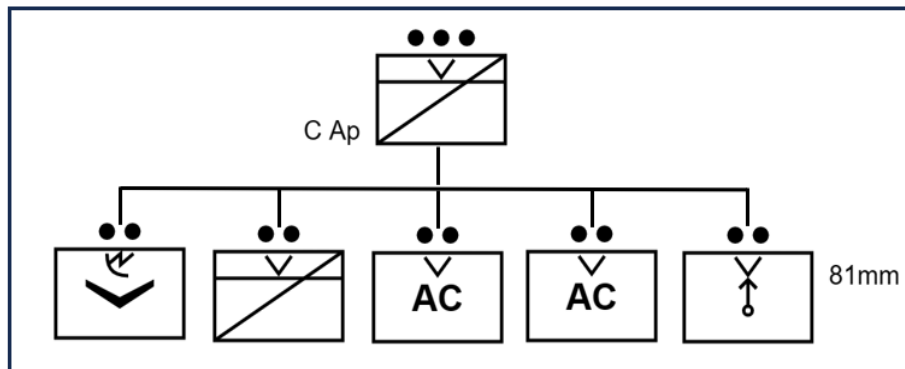


Fig 2-2 – Pel Cmdo Ap do Esqd C Amv

2.4.4 PELOTÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL

2.4.4.1 O Pel C Amv constitui o elemento de manobra do Esqd C Amv. Tem como missões principais: estabelecer segurança (em particular, proteção e vigilância), executar reconhecimento, movimentos retrógrados e combater em proveito do Esqd C Amv ou de unidades as quais se encontram reforçando ou integrando.

2.4.4.2 O Pel C Amv, graças à sua flexibilidade, proteção blindada e potência de fogo, é capaz de adaptar-se a qualquer situação e de engajar-se prontamente em distintos tipos de combate. É, também, capaz de agrupar-se, no âmbito de sua própria unidade, para enfrentar situações especiais que se apresentem e fujam ao emprego normal de seus meios. É organizado e equipado para atuar como um conjunto, não devendo, em princípio, ser fracionado. Entretanto, pode adotar a estrutura de pelotão provisório, caso se faça necessário.

2.4.4.3 É composto por:

- a) grupo de comando (Gp Cmdo);
- b) 02 (dois) grupos de exploradores (G Exp);
- c) 01 (uma) seção de mísseis anticarro (Seç MAC), a 02 (duas) peças; e
- d) 01 (uma) uma peça de apoio (Pç Ap) dotada de morteiro 81 mm.

2.4.4.4 Sua constituição é a do organograma apresentado na figura abaixo.

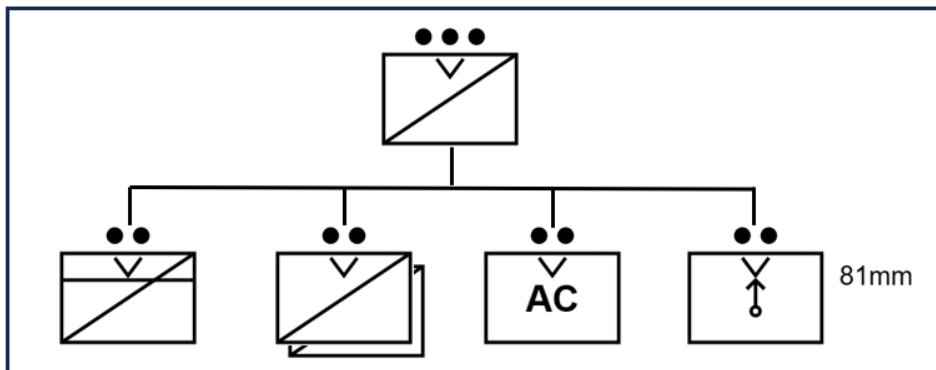


Fig 2-3 – Pel C Amv

2.4.5 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

2.4.5.1 A organização para o combate do Esqd C Amv depende dos fatores da decisão (missão, inimigo, terreno, condições meteorológicas, meios, tempo considerado e considerações civis – MITCMT) e das conclusões do exame de situação.

2.4.5.2 O Esqd C Amv pode organizar-se para o Cmb adotando uma das seguintes estruturas:

- a) estrutura organizacional básica – a SU enquadrando 03 (três) Pel C Amv;
- b) estrutura organizacional com Pel Provs – o Cmt SU reúne, em cada Pel da SU, as frações dos Pel C Amv de mesma natureza; e
- c) estrutura mista – com 01 (um) Pel C Amv, 01 (uma) Seç Provs Mrt Me (a duas Pç Mrt) e 02 (dois) Pel C Amv (-).

2.4.5.3 O Esqd C Amv, além de adotar uma estrutura organizacional básica ou uma estrutura provisória, pode receber outras frações e meios em reforço ou apoio.

2.4.5.4 O Esqd C Amv, como peça de manobra da Bda Inf Amv, é empregado, normalmente, em proveito dessa GU. Ocasionalmente, pode reforçar, como um todo, um dos batalhões de infantaria aeromóvel (BI Amv), em função das necessidades da operação. Extraordinariamente, o Esqd pode ceder um ou, no máximo, dois pelotões para reforçar outras unidades de combate.

2.4.5.5 O Esqd C Amv pode operar, em princípio, sem apoio. Contudo, quando a situação assim o indicar, o Esqd pode ser reforçado por elementos de combate e apoio ao combate (Ap Cmb).

2.4.5.5.1 Elementos de Combate

- a) Dependendo da situação, o Esqd pode ser reforçado por elementos de combate, orgânicos ou não da Bda Inf Amv, para o cumprimento de suas missões.
- b) Elementos de infantaria aeromóvel podem, em determinadas situações, reforçar o Esqd.
- c) Elementos de carro de combate ou de fuzileiros blindados, quando disponíveis e sob o comando operacional da GU Amv, podem ser passados em reforço ao Esqd para a execução de missão específica.
- d) Normalmente, o Esqd emprega os elementos de combate em reforço sem alterar-lhes a organização.

2.4.5.5.2 Elementos de Apoio ao Combate

- a) O apoio de artilharia (Art) é proporcionado ao Esqd pelo grupo de artilharia de campanha (GAC) Amv orgânico da GU Amv e/ou, eventualmente, por unidades de Art não orgânicas. Um observador avançado (OA), pertencente ao GAC Amv, acompanha o Esqd. Esse oficial é o assessor técnico do Cmt Esqd no que tange ao apoio de fogo de Art.
- b) Elementos de Engenharia (Eng) podem apoiar ou reforçar o Esqd. Elementos de Rec podem ser empregados com o Esqd para colher informes técnicos sobre estradas e pontes e auxiliar na preparação de obstáculos nos movimentos retrógrados (Mov Rtg), bem como para auxiliar na mobilidade do Esqd.
- c) O apoio aéreo aproximado (aviões e helicópteros) pode ser atribuído ao Esqd durante uma operação aeromóvel, sendo de particular importância na fase do assalto aeromóvel.
- d) Meios aéreos pertencentes à Aviação do Exército (Av Ex) podem ficar, temporariamente, sob controle operacional do Esqd, para realização de missões específicas.
- e) A situação normal é o Esqd receber meios aéreos sob controle operacional para o cumprimento de missão específica.
- f) As aeronaves mais aptas para operar com a cavalaria aeromóvel são os helicópteros, em particular os de observação, os de ataque e os de emprego geral. Os helicópteros são empregados em coordenação com o Cmdo Esqd, ampliando e complementando suas ações por meio de:
 - vigilância à frente e nos flancos;
 - reconhecimento de eixos transversais, acidentes capitais e áreas inacessíveis às viaturas e motocicletas;
 - localização e balizamento das vias de acesso para desvio de posições inimigas e obstáculos;
 - auxílio ao comando e controle da operação;
 - busca de alvos e condução dos tiros Mrt e Art;
 - atuação como posto de retransmissão de mensagens via rádio;
 - localização de vias de acesso favoráveis ao ataque e proteção de flancos, quando o Esqd for atacar;
 - engajamento em operações ofensivas, defensivas e em movimentos retrógrados em apoio ao Esqd;

- estabelecimento de contato com o inimigo;
- transporte de militares e equipamentos das diversas turmas ou grupos; e
- eventualmente, para o transporte de pequenos itens de suprimento e para evacuação aeromédica.

2.5 CAPACIDADES OPERACIONAIS DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL

2.5.1 O Esqd C Amv, em proveito da Bda Inf Amv, pode ser empregado em grandes distâncias, desde que apoiado por uma força aérea, com a utilização de aeronaves de asa fixa ou asa rotativa, o que lhe proporciona capacidade de pronta resposta, mobilidade e flexibilidade de emprego.

2.5.2 Por estar inserido na Bda Inf Amv, que é uma grande unidade que tem alta prioridade de emprego pelo Exército Brasileiro, o Esqd C Amv deve estar em condições de ser empregado em um prazo de 24 horas.

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

CAPÍTULO III

COMANDO E CONTROLE

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 A função de combate Comando e Controle (C²) permite ao comandante visualizar o campo de batalha, adquirir consciência situacional e dirigir as ações militares essenciais à vitória. Também estabelece as ligações necessárias ao exercício do comando, as comunicações entre os postos de comando e as frações subordinadas, quando estas deixam a área do posto de comando (PC). As comunicações são vitais para o exercício do comando e controle em combate.

3.2 ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE COMANDO E CONTROLE

3.2.1 O Cmt Esqd é o responsável pelo C² dos elementos orgânicos, dos elementos em reforço e em apoio e pela sincronização das operações.

3.2.2 Uma efetiva liderança é o instrumento que assegura uma vitória decisiva. O Cmt que desejar liderar a SU deve possuir um sistema de comando e controle confiável, seguro e eficiente. Esse sistema deve ser capaz de continuar a funcionar expedindo ordens, coordenando apoios e proporcionando diretrizes para o Esqd, apesar das interferências do inimigo, da perda de instalações de comando e de elementos-chave na cadeia de comando.

3.2.3 O sistema de C² do Esqd C Amv deve ser mais ágil e eficiente que o do inimigo. Isso permitirá que o Cmt Esqd receba, processe informações e expeça ordens de modo que a unidade reaja com mais rapidez que seu oponente.

3.3 RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS

3.3.1 COMANDANTE

3.3.1.1 Além das responsabilidades e prerrogativas inerentes à sua função, o Cmt tem como atribuições:

- a) assessorar o Cmt Bda/FT quanto ao emprego apropriado dos seus meios, mantendo-o informado, particularmente, quanto às questões de caráter técnico, tático e logístico;
- b) zelar pela manutenção (Mnt) da consciência situacional do Cmdo Bda/FT no que seja relevante, no âmbito de decisão considerado, incluindo os aspectos logísticos;
- c) prestar o apoio logístico aos seus elementos subordinados;

- d) operar, na sua área de responsabilidade, em coordenação com os elementos de apoio logístico do escalão enquadrante e suas redes de distribuição, de acordo com os procedimentos peculiares da Bda/FT, usando os canais de distribuição estabelecidos;
- e) executar tarefas logísticas conjuntas, dentro da sua área de responsabilidade, de acordo com a determinação do Cmt Bda/FT, em coordenação com os elementos de apoio logístico; e
- f) estabelecer e atualizar as necessidades de inteligência (NI), visando ao processo decisório, tanto para o planejamento quanto para a condução das operações militares.

3.3.2 SUBCOMANDANTE

3.3.2.1 A principal atribuição do subcomandante (SCmt) Esqd é secundar o Cmt Esqd no desempenho da sua função. Por isso, todas as atribuições previstas para o comandante são, em última análise, suas atribuições. Além disso, o SCmt assessora o Cmt em todos os aspectos relacionados ao Esqd.

3.3.2.2 Como chefe do estado-maior (ChEM), possui as seguintes atribuições:

- a) assessorar o Cmt;
- b) participar do processo de planejamento desde a concepção inicial das operações, coordenando a elaboração dos planos decorrentes;
- c) coordenar os trabalhos entre as seções, visando a garantir a unidade de esforço para o cumprimento da missão;
- d) supervisionar o cumprimento das normas e ordens emanadas do Cmt Esqd;
- e) estabelecer e monitorar a rotina de trabalho do PC do Esqd, garantindo o efetivo apoio ao planejamento e à tomada de decisões;
- f) formular os procedimentos operacionais padrão (POP) referentes ao funcionamento do EM e do Centro de Controle;
- g) comandar o posto de comando principal (PCP) da SU, sendo responsável pela sua instalação, segurança e deslocamento;
- h) assegurar as efetivas ligações com o escalão superior (Esc Sp) e com as outras unidades (U);
- i) supervisionar, diretamente, elementos especiais do EM, quando for o caso; e
- j) coordenar as reuniões do EM.

3.3.2.3 Para o desempenho da sua função, é fundamental que o SCmt tenha um profundo conhecimento da intenção do Cmt, a fim de decidir, de forma mais eficiente e harmônica possível, quando da impossibilidade de o Cmt atuar.

3.3.3 O ESTADO-MAIOR

3.3.3.1 O EM do Esqd C Amv é organizado para assessorar adequadamente o comandante no planejamento, organização e emprego dos elementos subordinados e na coordenação e controle das atividades.

3.3.3.2 O Estado-Maior

3.3.3.2.1 O chefe da seção de pessoal (S-1) possui as seguintes atribuições:

- a) proceder à análise de pessoal;
- b) estabelecer normas e procedimentos para os assuntos relativos à gestão e ao trato de civis ou militares, amigos ou inimigos, particularmente prisioneiros de guerra (PG), refugiados e deslocados, em coordenação com as seções de inteligência e de logística;
- c) fazer os pedidos de recompletamento de pessoal do Esqd, remetendo-o ao chefe da seção de pessoal do escalão enquadrante;
- d) estabelecer prioridades de recompletamento das frações subordinadas e acompanhar a sua execução;
- e) controlar o efetivo do Esqd;
- f) controlar os dados sobre as perdas;
- g) propor medidas para manter elevado o moral do pessoal;
- h) selecionar, planejar e coordenar a utilização das áreas de recuperação e centros de recreação;
- i) tratar dos assuntos relativos à disciplina e à justiça militar, dentro da esfera do Esqd;
- j) preparar e distribuir ordens e planos referentes à atividade do pessoal;
- k) elaborar normas, planejar e controlar a utilização de mão de obra civil, em coordenação com as seções de inteligência e de logística;
- l) organizar e controlar o histórico do pessoal e do Esqd durante as operações;
- m) estabelecer normas e controlar o serviço postal;
- n) receber, consolidar, confeccionar e remeter ao escalão superior (se for o caso) os registros e os relatórios de pessoal;
- o) contribuir com os dados de pessoal para subsidiar os planos de apoio logístico;
- p) planejar, coordenar e estabelecer normas para o sepultamento, em coordenação com o planejamento do escalão enquadrante;
- q) coordenar os trabalhos do assessor jurídico quando da existência dessa função na organização do EM;
- r) confeccionar o anexo de pessoal e participar da confecção do anexo de logística à ordem de operações, no tocante à função logística Recursos Humanos; e
- s) assessorar o Cmt Esqd na estruturação do EM e estruturar a seção de pessoal do referido EM.

3.3.3.2.2 O chefe da seção de inteligência (S-2) possui as seguintes atribuições:

- a) proceder à análise de inteligência e ao processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC), necessários ao planejamento das operações do Esqd;
- b) coordenar as atividades de Inteligência do Esqd;
- c) propor ao Cmt os elementos essenciais de inteligência (EEI), em todas as fases da operação;
- d) produzir informações e conhecimentos, visando ao apoio à decisão do Cmt;

- e) contribuir para a manutenção da consciência situacional do Cmt e dos demais chefes de seção do EM;
- f) elaborar o Plano de Inteligência do Esqd, conforme planos, diretrizes e ordens emanadas do escalão superior;
- g) elaborar os demais documentos pertinentes à atividade de Inteligência;
- h) manter atualizadas as ordens de batalha do inimigo e o mapa de situação;
- i) levantar as vulnerabilidades e as ameaças prováveis para a operação;
- j) levantar os pontos sensíveis e os sistemas de alvos de interesse do Esqd, apoiando e participando do processo de seleção e priorização de alvos;
- k) colaborar com o OA na elaboração da proposta de lista de alvos a ser encaminhada para o EM Bda;
- l) avaliar os danos aos sistemas de alvos;
- m) propor ao Cmt a priorização de emprego dos meios de vigilância na busca e na coleta de dados de inteligência;
- n) supervisionar a execução das medidas de contrainteligência;
- o) estabelecer, em coordenação com a seção de comando e controle, a arquitetura da rede de inteligência para troca de informações dentro do EM e com os elementos subordinados nos diferentes níveis;
- p) estabelecer ligações com os órgãos de Inteligência de outras OM porventura envolvidas na operação;
- q) coordenar, com as seções de pessoal e de logística, a seleção e o controle da mão de obra civil;
- r) coordenar, com as seções de pessoal e de logística, as atividades relacionadas a PG, internados, deslocados e refugiados;
- s) confeccionar o anexo de inteligência à ordem de operações;
- t) fiscalizar e coordenar o acesso de militares ou representantes de governos ou de organizações estrangeiras a informações ou documentos sigilosos ou sensíveis (normalmente no contexto de operações internacionais); e
- u) estruturar a seção de inteligência do EM.

3.3.3.2.3 O chefe da seção de operações (S-3) possui as seguintes atribuições:

- a) planejar, coordenar e integrar as ações do Esqd;
- b) conduzir e coordenar o Exm Sit do Esqd;
- c) manter atualizados os dados e a avaliação do poder de combate do Esqd;
- d) realizar o estudo e o preparo dos planos e ordens atinentes às operações do Esqd com o apoio da seção de planejamento, submetendo-os à apreciação do SCmt, quando for o caso, e do Cmt, para posterior autenticação e disseminação;
- e) levantar as linhas de ação (L Aç) para o cumprimento da missão do Esqd, em coordenação com as demais seções do EM;
- f) elaborar os registros e relatórios operacionais;
- g) auxiliar, em coordenação com o OA/Esqd, na elaboração da proposta de lista de alvos a ser encaminhada ao EM Bda;
- h) informar ao Cmt as regras de engajamento expedidas pelo centro de operações (C Op) da Bda e as orientações do assessor jurídico do Esc Sp, encarregando-se de disseminá-las as frações do Esqd;

- i) zelar pelo registro e consolidação dos dados necessários à manutenção da consciência situacional por parte do Cmt Esqd;
- j) supervisionar e coordenar o andamento das operações, utilizando os recursos do C Op do Esqd;
- k) consolidar o Sumário Diário de Situação do Esqd com base nas informações recebidas das frações subordinados e das demais seções do EM, submetendo-o à apreciação do SCmt ou do Cmt Esqd, conforme o caso, e transmitindo-o ao Esc Sp, conforme as diretrizes estabelecidas;
- l) coordenar os trabalhos do observador de Artilharia e do oficial de Engenharia/fração de Engenharia, quando da existência dessas funções na estrutura do Esqd; e
- m) estruturar a seção de operações do EM Esqd.

3.3.3.2.4 O chefe da seção de logística (S-4) possui as seguintes atribuições:

- a) proceder à análise de logística;
- b) estabelecer os níveis de estoque das diversas classes de suprimento;
- c) assegurar o funcionamento do fluxo do apoio logístico, estabelecendo a ligação com o batalhão logístico aeromóvel (B Log Amv), com o Cmdo da Bda Inf Amv e com os elementos apoiados;
- d) elaborar o anexo de logística à ordem de operações, prevendo a forma e os procedimentos para o atendimento das demandas dentro das funções logísticas previstas;
- e) levantar dados sobre os recursos e as capacidades logísticas dos elementos de manobra que integram o Esqd;
- f) colaborar com a seção de operações na avaliação da praticabilidade, do ponto de vista logístico, das linhas de ação elaboradas;
- g) planejar, em coordenação com os setores de logística envolvidos, a localização das instalações de apoio logístico do Esqd, selecionando as regiões onde devam se desdobrar;
- h) estabelecer normas para a utilização dos recursos locais;
- i) estabelecer prioridades e coordenar as atividades para a evacuação aeromédica no âmbito do Esqd;
- j) supervisionar os planejamentos logísticos dos elementos subordinados;
- k) estabelecer normas para o material salvado, capturado e inservível, no âmbito do Esqd;
- l) confeccionar os mapas e os relatórios relativos à atividade logística;
- m) manter atualizada a carta de situação de logística;
- n) estabelecer normas para a evacuação de material no âmbito do Esqd;
- o) controlar os pedidos eventuais de suprimento;
- p) coordenar o apoio de saúde no âmbito do Esqd, por meio de especialistas do Serviço de Saúde, englobando as seguintes ações:
 - fiscalização de inspeção alimentar, realizada por oficiais do Serviço de Saúde, bem como as demais atribuições do Serviço de Saúde;
 - fiscalização dos serviços de medicina preventiva e curativa;
 - supervisão e confecção de relatórios e estatísticas de saúde;

- assessoria quanto às ameaças de saúde relacionadas ao pessoal, aos alimentos ou à água; e
- assessoria quanto aos efeitos das operações sobre a saúde do pessoal militar e da população local; e

q) estruturar a seção de logística do EM.

3.3.3.3 Estado-Maior Especial

3.3.3.3.1 Assessora o Cmt nos setores profissional e técnico e em outras áreas funcionais mais restritas do que as do EM geral. É organizado em seções geralmente dos setores profissionais e técnicos e de outras áreas funcionais especiais da organização e por esse motivo tem a sua distribuição ajustável.

3.3.3.3.2 Devido ao reduzido efetivo do esquadrão, o Cmt do Pel Cmdo Ap pode acumular diversas funções do estado-maior especial:

- a) oficial de manutenção – é o assessor do S-4 no planejamento, na coordenação e na execução das atividades de manutenção do material do Esquadrão. Supervisiona e orienta o grupo de manutenção;
- b) oficial de comunicações – assessora o comandante e o estado-maior quanto às comunicações, supervisionando e orientando o grupo de comunicações. Exerce, também, supervisão técnica sobre o sistema e instalações de comunicações. Seu trabalho é diretamente supervisionado pelo S-3 e pelo S-4, cabendo-lhe o planejamento do emprego e a segurança das comunicações; e
- c) comandante do posto de comando – nas situações estáticas do esquadrão, o comandante do Pel Cmdo Ap é o responsável pelo deslocamento, instalação e segurança do PC.

3.3.3.3.3 O SCmt do Pel Cmdo Ap pode exercer as seguintes funções:

- a) oficial auxiliar de logística – auxilia o S-4 no planejamento das atividades de logística do material, na coordenação e supervisão das atividades de suprimento;
- b) oficial de munições – assessora o comandante e o S-4 no planejamento, coordenação e execução das atividades relacionadas à munição;
- c) oficial aprovisionador – assessora o comandante e o S-4 no planejamento, coordenação e execução das atividades relacionadas a suprimento classe I e água, bem como no emprego das cozinhas de campanha. Também assessora o S-1 na verificação da qualidade da alimentação da tropa e na supervisão de sua distribuição às frações; e
- d) É também o principal assessor e eventual substituto do comandante do Pel Cmdo Ap.

3.4 POSTOS DE COMANDO

3.4.1 GENERALIDADES

3.4.1.1 O manual de campanha *As Comunicações na Força Terrestre* detalha as características, a estrutura e o escalonamento padrão para os PC na F Ter.

3.4.1.2 Posto de comando (PC) é o local onde se instala o comando do Esqd C Amv para planejar e conduzir as operações. O PC reúne os meios necessários ao exercício do comando, incluindo a coordenação e o controle dos elementos de combate e de apoio.

3.4.1.3 O escalonamento do posto de comando compreende:

- a) posto de comando principal (PCP);
- b) posto de comando tático (PCT); e
- c) posto de comando alternativo (PC Altn).

3.4.1.3.1 Posto de comando principal (PCP) – principal instalação de comando e controle do Esqd, onde são realizados os planejamentos operacionais, o estudo de situação continuado das operações e a sincronização da manobra, do apoio de fogo e da logística. No PCP, é instalado o Centro de Coordenação de Operações e o Centro de Comunicações (C Com) do Esqd.

3.4.1.3.2 Posto de comando tático (PCT) – é uma estrutura de C² de constituição leve, flexível e com excepcional mobilidade. É dotado de pouco pessoal e material, instalados em veículos apropriados ou em plataforma aérea. A sua missão é conduzir as operações em curso, fornecendo, em interação com o posto de comando principal, informações em tempo real ao comando considerado. Também é a estrutura que tem por principal finalidade permitir ao comandante da tropa acompanhar de perto as operações, proporcionando rapidez e agilidade em toda a zona de ação (Z Aç) do seu escalão.

3.4.1.3.3 Posto de comando alternativo – é uma estrutura de C² ativada mediante ordem, emergência ou eventual destruição do PCP.

3.4.1.4 O PCT funciona como posto de comando alternativo do Esqd. Os meios de comunicações e de C² devem ser equivalentes aos do PCP para assegurar a sobrevivência do sistema de comando e controle da unidade, caso essa instalação de comando e controle venha a ser destruída.

3.4.1.5 Para atender às necessidades de comunicações do PCP do Esqd, a Tu Com instala um C Com. Esse centro, normalmente, é dotado de meio rádio e meios informatizados com programas para processamento, criptografia e decriptografia de mensagens e de outros meios de comunicações conforme a necessidade da missão.

3.4.2 LOCALIZAÇÃO DO POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.2.1 A localização dos PC varia de acordo com o tipo de operação na qual o Esqd está engajado.

3.4.2.2 Os PC são localizados de modo a facilitar o controle da unidade. São fatores que influem na sua localização: situação tática, comunicações, segurança e terreno. As entradas de cidades e vilas, os cruzamentos de estradas e outros acidentes do terreno que possam atrair o fogo inimigo devem ser evitados.

3.4.2.3 O S-3 propõe a delimitação da área do PCP, após consultar o oficial de comunicações e o S-2. Uma vez aprovada pelo comandante do Esqd, caberá ao S-2, juntamente com o oficial de comunicações, a escolha do local exato dos diversos órgãos.

3.4.2.4 Os PC e seus sistemas de comunicações são alvos de elevada prioridade para o inimigo. Eles apresentam assinaturas de radiofrequência, térmicas, acústicas e visuais facilmente detectáveis pelo inimigo. Em função dessa vulnerabilidade, a localização dos PC deve ser objeto de cuidadosa análise, a fim de se reduzir o risco de sua destruição ou bloqueio por meios eletrônicos. Medidas de camuflagem devem receber prioridade na instalação dos PC. A localização do PC deve ser alterada após determinados períodos, em função da situação tática e dos meios de guerra eletrônica (GE) do inimigo, a fim de reduzir a possibilidade de ser descoberto e se tornar alvo da ação do inimigo.

3.4.3 DISTRIBUIÇÃO INTERNA DE ÁREAS NO POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.3.1 O PCP é composto pelas seguintes instalações:

- a) centro de operações (C Op), que contém elementos das células de integração de ações correntes e de planejamento; e
- b) centro de comunicações do Esqd.

3.4.3.2 Na área do PCP, desdobram-se, ainda, o grosso dos elementos da seção de comando e da turma de comunicações/informática.

3.4.3.3 O S-2 é o responsável pela distribuição interna e pelo planejamento da segurança das instalações do PCP. Para tal, serve-se da assessoria do O Com/Cmt PCP.

3.4.3.4 As estações de rádio devem estar localizadas de modo a permitir a melhor transmissão e recepção e não comprometer a segurança do PC.

3.4.3.5 O oficial de comunicações do Esqd liga-se com o S-2 e com os comandantes do PCP e PCT para a localização dos meios de comunicações. Tais meios devem ser integrados no plano de segurança do PCT e PCP.

3.4.4 OPERAÇÃO DO POSTO DE COMANDO

3.4.4.1 O PC é organizado para funcionar ininterruptamente. As seções do EM são organizadas em turmas que se revezam para assegurar a operação efetiva do PC durante as 24 horas do dia e para que o pessoal possa ter o repouso necessário.

3.4.5 DESLOCAMENTO DO POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.5.1 A situação tática, a segurança e os meios de comunicações podem impor a necessidade de deslocamentos frequentes, que implicam, normalmente, declínio de eficiência e desgaste de pessoal e material. Em consequência, as seguintes considerações devem ser feitas para o PCP e PCT:

- a) buscar uma localização inicial que atenda, durante o maior tempo possível, às necessidades do comando;
- b) restringir, ao mínimo, os deslocamentos; e
- c) aproveitar, dentro do possível, os períodos em que houver uma redução no volume de tráfego de mensagens para realizar deslocamentos.

3.4.5.2 O destacamento precursor, constituído pelo oficial estacionador de cada PC, o elemento de segurança, os guias, o oficial de comunicações e as praças auxiliares escolhidas, desloca-se para o novo local, onde o oficial estacionador escolhe a localização exata do PC. Escolhidos os locais, os oficiais estacionadores colocam guias para orientar os elementos que chegam às respectivas áreas. Quando todas as providências tiverem sido tomadas, os antigos PC devem ser notificados.

3.4.5.3 Os PC deslocam-se, normalmente, em dois escalões, a fim de assegurar um contínuo controle das operações. O primeiro desloca-se para a nova área e prepara-se para operar. O segundo escalão continua a funcionar sob o controle de um oficial do EM. O comando da Bda e os elementos subordinados e em apoio devem ser informados do exato local e da hora de abertura do novo PC. Quando este ficar pronto para operar, os oficiais do EM que permaneceram nos antigos PC devem ser informados. Os novos PC são abertos simultaneamente ao fechamento dos antigos PC. O segundo escalão, então, reúne-se ao primeiro. Deve ser deixado um guia nos antigos PC, durante um certo tempo, para informar onde estão os novos PC.

3.4.5.4 Quando é planejado um deslocamento, o S-3 e o S-4 propõem ao comandante (ou, frequentemente, ao subcomandante) a nova localização geral do PC e a oportunidade para seu deslocamento. Os oficiais responsáveis pelo deslocamento do PC coordenam com:

- a) o S-3 – dispositivo da tropa, planos táticos, prioridade para utilização de estradas, hora de abertura do novo PC e fechamento do PC anterior; e
- b) o S-4 – considerações logísticas, particularmente sobre transportes.

3.4.6 SEGURANÇA DO POSTO DE COMANDO

3.4.6.1 A segurança dos PC está relacionada com a localização das instalações, a segurança das comunicações e as normas e procedimentos gerais para operação dos PC.

3.4.6.2 No estabelecimento da segurança dos PC, devem ser consideradas as seguintes medidas:

- a) desdobramento das instalações em locais abrigados e cobertos, que facilitem a defesa;
- b) máxima dispersão das instalações e viaturas;
- c) não indicar a localização dos PC por sinais detectáveis pelo inimigo;
- d) instalação de postos de segurança e áreas minadas;
- e) evitar a reunião de número significativo de viaturas próximo ao PC;
- f) camuflagem das instalações e viaturas;
- g) disciplina de luzes e ruídos; e
- h) reduzir, ao máximo, o deslocamento de pessoal entre as instalações dos PC.

3.4.6.3 A defesa do PCP é responsabilidade do SCmt Esqd, podendo ser delegada para o Cmt Pel Cmdo Ap/Cmt PCP. Essa responsabilidade inclui o emprego de meios recebidos, a segurança, o deslocamento, o apoio e a manutenção das instalações, viaturas e equipamentos.

3.4.6.4 O perímetro defensivo deve ser estabelecido em torno do PCP. Esse perímetro será mantido pelo pessoal do PCP e por elementos de apoio a essas instalações. Ele deve incluir posições de tiro (armamento individual e coletivo), minas e, dependendo da operação e do tempo de permanência no terreno, obstáculos de arame. Nas operações continuadas, as áreas de descanso do pessoal devem estar localizadas de maneira que as equipes fiquem próximas de suas posições, no perímetro defensivo. Todo o efetivo dos PC deve ter perfeita noção da missão a ser cumprida na defesa das instalações. Um sistema de alarme, postos e patrulhamento entre as posições deve ser estabelecido e treinamentos para a defesa dos PC devem ser realizados.

3.4.6.5 A prioridade dos trabalhos para segurança dos PC deve obedecer, em princípio, à seguinte ordem:

- a) estabelecimento de uma linha inicial de segurança;
- b) posicionamento do armamento coletivo e das viaturas em geral;

- c) localização do restante do pessoal e estabelecimento de patrulhamento;
- d) limpeza dos campos de tiro e observação;
- e) construção de obstáculos e lançamento de minas;
- f) preparação das posições de tiro;
- g) estabelecimento do sistema de comunicações fio;
- h) preparação de posições suplementares e de muda; e
- i) seleção e preparação de itinerários de suprimento e evacuação.

3.4.7 POSTO DE COMANDO TÁTICO

3.4.7.1 O PCT é uma instalação de comando e controle que apoia continuamente o Cmt Esqd e a turma de comando, quando do seu afastamento do PCP.

3.4.7.2 O PCT pode servir como instalação temporária ou operar por longo período. Pode ser considerado como o escalão avançado do C Op do PCP.

3.4.7.3 O grupo de comando utiliza o PCT como uma base de apoio, a partir da qual desenvolve o seu trabalho.

3.4.7.4 O PCT é comandado pelo Cmt Esqd e integrado por elementos das turmas da Seq Cmdo e por pessoal e meios de comunicações da Tu Com.

3.4.7.5 Devem ser mantidas, no PCT, cartas de situação atualizadas, a fim de apoiar as decisões do Cmt Esqd, a coordenação do apoio de fogo e a correta expedição de ordens. O PCT pode funcionar como PC alternativo do Esqd.

3.4.7.6 Quando o PCT não é desdobrado, seus meios e efetivos passam a integrar o PCP.

3.4.7.7 O Cmt Esqd, em princípio, só deverá permanecer no PCP durante o planejamento das operações de combate e nas situações estáticas do combate. Após concluído o planejamento da operação, o Cmt desloca-se com a sua Seq Cmdo para a Z Aç do Pel que realiza o esforço principal, de modo a influir decisivamente no combate, com sua liderança e ação de presença.

3.4.7.8 O Cmt Esqd deve posicionar-se no campo de batalha, de modo a poder observar o desenvolvimento das operações e a intervir no combate com rapidez e oportunidade. Quando as frentes forem muito extensas ou a situação for indefinida, o Cmt Esqd deve posicionar-se no campo de batalha, orientando-se para a Z Aç do Pel da ação principal, e o S-3 deve orientar-se para as Z Aç dos Pel das ações secundárias.

3.4.9 CENTRO DE OPERAÇÕES

3.4.9.1 O Centro de Operações (C Op) opera sob controle do SCmt e é constituído pelos elementos que planejam a manobra tática (2ª e 3ª seções), a

manobra logística (1ª e 4ª seções) e o apoio de fogo (centro de coordenação de apoio de fogo). Outros elementos e apoios recebidos podem ser organizados em torno dessas áreas básicas.

3.4.9.2 A organização interna do C Op deve facilitar a coordenação do EM além de prover adequado espaço para o trabalho e para as comunicações. Deve ser previsto um reduzido número de militares presentes no interior do C Op, a fim de facilitar o trabalho de EM.

3.4.9.3 No C Op, é realizado o planejamento das operações, o acompanhamento das operações correntes e a sincronização da manobra, apoio ao combate e apoio logístico. O C Op antecipa as necessidades futuras de apoio ao combate e apoio logístico, para que o planejamento seja realizado a tempo e o apoio esteja disponível no momento e local em que se fizer necessário.

3.4.9.4 O C Op realiza, também, a busca de informações, a coordenação das operações com elementos vizinhos e a monitoração da situação logística.

3.4.9.5 O SCmt Esqd, na qualidade de chefe do EM da subunidade, exerce suas funções do C Op no PCP do Esqd, coordenando o estudo de situação continuado e sincronizando a manobra com as outras funções de combate da SU.

3.4.9.6 As funções básicas do C Op do Esqd são: receber, divulgar e analisar informações.

3.4.9.6.1 Receber informações:

- a) receber mensagens e relatórios dos Esc Sp e subordinados;
- b) receber as ordens dos Esc superiores;
- c) monitorar a situação tática;
- d) manter um registro de todas as atividades mais significativas;
- e) manter atualizada a localização dos Elm superiores e subordinados;
- f) monitorar a situação do inimigo; e
- g) acompanhar a situação das classes de suprimentos críticos.

3.4.9.6.2 Divulgar informações:

- a) encaminhar relatórios aos escalões superiores;
- b) operar como enlace de comunicações entre diferentes elementos;
- c) expedir ordens e instruções; e
- d) processar e divulgar informações aos elementos pertinentes.

3.4.9.6.3 Analisar informações:

- a) consolidar relatórios;
- b) antecipar eventos e atividades, desenvolvendo as ações apropriadas;
- c) conduzir análise prognóstica baseada na situação tática;
- d) identificar informações que respondam aos EEI;
- e) conduzir o processo de tomada da decisão; e

f) identificar as necessidades de executar decisões de conduta com base na situação corrente.

3.5 PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES

3.5.1 PROCESSO DE PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES

3.5.1.1 O Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT) constitui o meio segundo o qual o comandante desenvolve uma das principais atividades da função de combate C²: o exercício da autoridade visando ao cumprimento de uma missão.

3.5.1.2 Para um perfeito entendimento desse processo e de sua aplicação ao planejamento das operações do Esqd C Amv, deverá ser consultado o manual de *Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres*.

3.5.2 INTENÇÃO DO COMANDANTE

3.5.2.1 Nas operações aeromóveis, é fundamental que os Cmt subordinados, em todos os níveis, tenham condições de prosseguir em suas missões, mesmo que as ligações com o comando do Esqd C Amv tenham sido descontinuadas em função da atuação do inimigo ou por falha técnica dos equipamentos.

3.5.2.2 Para que isso seja possível, é necessário que, além do conhecimento da missão, do conceito da operação e das tarefas e atividades que lhes cabem, os Cmt subordinados tenham perfeito entendimento da intenção do Esqd C Amv.

3.5.2.3 A intenção do comandante é destinada a orientar os comandos subordinados e estabelecer a ligação entre a missão, o conceito da operação e as tarefas para as frações subordinadas. Quando formulada com clareza, facilita o entendimento da missão e estimula e disciplina a iniciativa.

3.5.2.4 O comandante define sua intenção pessoalmente, tendo em mente que quanto mais concisa ela for, mais fácil será memorizá-la. A intenção do comandante deve regular:

- a) o propósito da operação, ampliando seu entendimento;
- b) as atividades e tarefas críticas a executar; e
- c) o estado final desejado (EFD).

3.5.3 CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

3.5.3.1 A consciência situacional consiste na percepção, precisa e permanentemente atualizada, do ambiente operacional no qual se atua e que influencia a missão atribuída. Em outras palavras, é a perfeita sintonia entre a

situação percebida pelos Cmt e a situação real, de modo a proporcionar melhores condições ao processo decisório.

3.5.3.2 O sucesso nas operações exige decisões oportunas e eficazes, tomadas com base no julgamento preciso dos conhecimentos e das informações disponíveis. Portanto, é fundamental desenvolver e manter uma consciência situacional consistente durante toda a operação.

3.5.3.3 Para tanto, é necessário que cada escalão, balizado pela intenção do comandante, missão e conceito da operação, alimente os demais com informações e conhecimentos sobre sua própria condição, o inimigo, o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis que permitam compor um quadro completo e fiel da situação vivida e que seja assegurado o fluxo de informações entre todos os escalões.

3.5.4 MISSÃO PELA FINALIDADE

3.5.4.1 Missão pela finalidade é uma missão designada basicamente pelo EFD. Normalmente, é empregada quando a fluidez da situação ou a premência de tempo impedem ou desaconselham o detalhamento do conceito da operação, com a subsequente descrição da sequência de ações que o subordinado necessita realizar do início da missão até o EFD. Na missão pela finalidade, é previsto um mínimo de medidas de coordenação e controle e o máximo de liberdade de ação é concedido aos comandantes subordinados.

3.5.4.2 O comandante que recebe uma missão pela finalidade tem grande liberdade para conceber e conduzir sua operação, devendo estabelecer atividades e tarefas para atingir o EFD, no mais curto prazo possível. Entretanto, deve estar atento para que as ações de sua tropa estejam alinhadas a ordens, condicionantes e, principalmente, à intenção dos comandantes superiores.

3.5.4.3 O Esqd C Amv deve estar adestrado para receber grande parte de suas missões pela finalidade, por meio de ordens fragmentárias ou mesmo ordens verbais, em função da incerteza, do ritmo intenso e da grande velocidade que caracterizam o combate mecanizado.

3.6 SINCRONIZAÇÃO DAS OPERAÇÕES

3.6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.6.1.1 A sincronização das operações é o ordenamento das ações táticas no tempo, no espaço e no propósito, para garantir sinergia ao conjunto das ações. Essa sincronização permite realizar ações inter-relacionadas e que se apoiam mutuamente, em diferentes locais, ao mesmo tempo ou não, de forma a obter um efeito maior do que aquele que seria obtido caso fossem iniciativas isoladas.

3.6.1.2 O dinamismo das operações aeromóveis diminui os prazos disponíveis para a tomada de decisões, tornando imprescindível a prévia sincronização dos meios postos à disposição do Cmt Esqd para a obtenção do êxito nas operações.

3.6.1.3 A sincronização, usualmente, requer estreita coordenação entre vários elementos e atividades que participam de uma operação. Contudo, por si só, essa coordenação não é garantia de sincronização: é necessário que o comandante primeiro visualize os efeitos desejados e qual a sequência de atividades que os produzirá, passando, a partir daí, a coordenar os esforços para moldar a sequência necessária de atividades.

3.6.1.4 O objetivo da sincronização é usar cada meio disponível onde, quando e de maneira que possa melhor contribuir para obter a superioridade no local e momento decisivos. Isso exige:

- a) o conhecimento dos efeitos produzidos pelos meios de combate;
- b) a visualização da relação entre as próprias possibilidades e as do inimigo;
- c) o perfeito entendimento das relações entre tempo e espaço; e
- d) unidade de propósito.

3.6.2 A SINCRONIZAÇÃO NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL

3.6.2.1 O Cmt Esqd, normalmente, sincroniza suas operações:

- a) assegurando-se de que os meios de inteligência de combate estão ajustados às necessidades e que responderão a tempo de influenciar as decisões e a operação;
- b) determinando qual fração executará o esforço principal e carreando os meios necessários para que esse elemento obtenha sucesso;
- c) coordenando a manobra com os meios de Ap Cmb e Ap Log disponíveis;
- d) utilizando a estimativa logística para assegurar-se de que os meios necessários estarão disponíveis e alocados;
- e) emassando rapidamente seu poder de combate no ponto decisivo para obter a surpresa, a massa e uma efetiva ação de choque;
- f) planejando “à frente”, prevendo a exploração de possíveis oportunidades criadas pelo sucesso inicial;
- g) permitindo uma execução descentralizada das operações;
- h) utilizando as ferramentas da sincronização; e
- i) conduzindo ensaios de sincronização.

3.6.3 FERRAMENTAS DE SINCRONIZAÇÃO

3.6.3.1 Matriz de Sincronização

3.6.3.1.1 É um documento empregado pelo estado-maior do Esqd na visualização e no ensaio de todas as ações a ser realizadas antes, durante e após o combate.

3.6.3.1.2 A matriz de sincronização não é padronizada, podendo ser adaptada ao sistema de trabalho do estado-maior do Esqd ou da operação a ser conduzida. Deve-se fazer cada função de combate reagir com o faseamento da operação e o tempo, considerando-se, ainda, a interferência do inimigo, do terreno, das condições climáticas, das considerações civis e de outros dados que possam influenciar no cumprimento da missão.

3.6.3.2 Planilha de Acompanhamento do Combate

3.6.3.2.1 É um documento de trabalho empregado pelas seções de EM e elementos de Ap Cmb e Ap Log, no qual são sintetizadas ações, atividades e atuações de cada função de combate. Busca facilitar o acompanhamento do combate e a realização do estudo de situação continuado, permitindo maior rapidez na introdução das correções que se fizerem necessárias durante o combate no planejamento inicial.

3.6.3.3 Ensaios

3.6.3.3.1 O ensaio da sincronização é uma importante ferramenta a ser empregada para testar e corrigir a sincronia das ações e verificar o entendimento do sincronismo de cada fração pelos elementos subordinados.

3.6.3.3.2 O ensaio poderá ser realizado verbalmente, na carta ou no caixão de areia, ou em um terreno reduzido, com movimentação simulada de peças de manobra. Quando a situação tática permitir, pode ser realizado à luz do terreno ou mesmo com a movimentação efetiva de peças de manobra (principalmente, na fase de preparação de uma posição defensiva – P Def).

3.6.3.4 Calco e Matriz de Apoio à Decisão

3.6.3.4.1 O calco e a matriz de apoio à decisão são documentos que permitem relacionar o movimento e a localização do inimigo com a adoção de alguma medida tática que tenha que ser tomada.

3.6.3.4.2 Esses documentos não devem ditar as decisões ao comandante, mas permitem reduzir as incertezas do combate e sincronizar a tomada de decisão com as operações, bem como o desencadeamento das ações.

3.6.3.4.3 Maiores informações sobre a confecção e o emprego do calco e matriz de apoio à decisão podem ser consultadas no manual *Planejamento e Emprego da Inteligência Militar*.

3.6.4 O PROCESSO DE SINCRONIZAÇÃO

3.6.4.1 O processo de sincronização é conduzido em três fases distintas:

a) durante o planejamento da operação;

- b) durante o ensaio da operação; e
- c) durante o combate.

3.6.4.2 Durante o planejamento, a sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico é conduzida pelo Cmt Esqd, auxiliado pelo seu EM. Nessa fase, são planejadas as ações a realizar e como elas ocorrerão.

3.6.4.3 Encerrada a fase de planejamento, com a ordem de operações pronta, é realizado um ensaio da operação, com a presença do estado-maior, Cmt Pel e dos Elm em Ap ou em reforço.

3.6.4.3.1 Cabe ao SCmt conduzir o ensaio, que ocorre da seguinte forma:

- a) de início, o S-2 expõe todos os dados e conhecimentos disponíveis sobre o terreno, as condições meteorológicas, o inimigo e de que forma se espera que interfiram na operação;
- b) em seguida, para cada fase da operação, os oficiais responsáveis pelas funções de combate e os comandantes subordinados expõem como atuarão durante a fase considerada;
- c) o S-2 passa a atuar como se fosse o comandante inimigo, interferindo e procurando neutralizar a ação de cada função de combate; e
- d) frente às interferências do S-2, o EM deve aperfeiçoar o planejamento inicial.

3.6.4.3.2 Ao final do ensaio, tendo certeza da viabilidade da operação e de que todos sabem o que fazer, o SCmt dá por encerrada essa fase da sincronização.

3.6.4.4 Ao se iniciar o combate, o SCmt passa a conduzir a terceira fase da sincronização, a partir do PCP. Apoiado pelo EM, ele procura desenvolver e manter uma consciência situacional consistente, durante toda a operação, interagindo os dados obtidos com a matriz de sincronização. Em face da mudança da situação tática ou logística e após contato com o Cmt Esqd, o SCmt introduz modificações no planejamento inicial, agilizando a resposta dos elementos envolvidos.

3.7 LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

3.7.1 LIGAÇÕES

3.7.1.1 Ligações são as relações e contatos estabelecidos por meios diversos, pelo comando do esquadrão, de modo a coordenar esforços, com vistas ao êxito das operações.

3.7.1.2 Em cada situação tática, o Cmt Esqd avalia e determina as necessidades em ligações, as quais são estabelecidas, principalmente, por meio de contatos pessoais e pelo emprego de meios de comunicações.

3.7.1.3 No âmbito do Esqd, normalmente, as ligações necessárias são estabelecidas de modo a permitir a entrada, na cadeia de comando, do escalão imediatamente superior e a ligação com os elementos vizinhos, em apoio, apoiados e subordinados, inclusive reforços.

3.7.2 COMUNICAÇÕES

3.7.2.1 O Cmt é o responsável pelo funcionamento do sistema de comunicações do Esqd. Cabe a ele, também, zelar para que os Pel disponham de meios de comunicações adequados para fazer face às necessidades das operações.

3.7.2.2 O Cmt é auxiliado pelo oficial de comunicações (que é o Cmt Pel Cmdo Ap) e pelo sargento de Com do Esqd no cumprimento das suas atribuições.

3.7.2.3 O O Com é o principal assessor do Cmt e do EM em todos os aspectos relativos às comunicações. Ele planeja, coordena e supervisiona as atividades de comunicações de todos os elementos do Esqd.

3.7.2.4 As responsabilidades de comando sobre as comunicações são igualmente aplicadas a todos os comandantes subordinados, incluindo os chefes das demais viaturas onde estiverem instalados meios de comunicações.

3.7.2.5 Os diferentes meios de comunicações disponíveis do Esqd agrupam-se de modo a constituírem conjuntos homogêneos. Esses conjuntos são chamados sistemas.

3.7.2.6 O Esqd dispõe basicamente do sistema rádio e de meios informatizados para estabelecer suas ligações de combate. Possui, também, meios suplementares de comunicações, empregados em situações especiais, como os mensageiros, meios acústicos, visuais e fio.

3.7.2.7 Cabe à Tu Com orgânica do Pel Cmdo Ap a missão de instalar, explorar, manter e proteger o sistema de comunicações do Esqd, de modo a assegurar as ligações necessárias ao comando.

3.7.2.8 Sempre que possível, deve-se evitar a ligação por um único meio. O grau de confiança proporcionado pelo sistema de comunicações da SU é aumentado pelo emprego de todos os meios disponíveis.

CAPÍTULO IV

O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NAS OPERAÇÕES BÁSICAS

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 A função de combate movimento e manobra constitui-se em um dos elementos do poder de combate terrestre a ser aplicado para a execução de operações militares. Caracteriza-se pela capacidade de deslocar ou dispor forças de forma a colocar o inimigo em desvantagem relativa e, assim, atingir os resultados que de outra forma seriam mais custosos em pessoal e material. Contribui para obter a superioridade, aproveitar o êxito alcançado e preservar a liberdade de ação, bem como para reduzir as próprias vulnerabilidades.

4.1.2 São três os tipos de operações básicas previstos pela doutrina militar terrestre: ofensiva (Ofs); defensiva (Def) e operação de cooperação e coordenação com agências (OCCA). No amplo espectro dos conflitos, essas operações podem ocorrer simultânea ou sucessivamente, concorrendo para obter a convergência de efeitos, estabelecer as condições para alcançar os objetivos definidos e atingir o EFD da campanha da F Ter.

4.1.3 O planejamento das operações básicas deverá ser realizado conforme previsto nos manuais *Operações Ofensivas e Defensivas* e *Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres*. O manual de campanha *Estado-Maior e Ordens* apresenta em detalhes os documentos relativos ao planejamento e à execução das operações (ordem de operações e esquema de manobra).

4.1.4 Além dos manuais supracitados, o manual *Operações Aeromóveis* deverá ser consultado, por tratar da especificidade das tropas de natureza aeromóvel.

4.2 OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.2.1 GENERALIDADES

4.2.1.1 A ofensiva é a ação de emprego da força militar no campo de batalha, para impor a sua vontade sobre a do inimigo que se concentra para o combate de alta intensidade, representando o melhor caminho para se obter a vitória.

4.2.1.2 As operações ofensivas (Op Ofs) são operações terrestres agressivas, nas quais predominam o fogo, o movimento, a manobra e a iniciativa, para a conquista de objetivos, destruindo ou neutralizando as forças inimigas.

4.2.1.3 São fundamentos das operações ofensivas: a manutenção do contato, o esclarecimento da situação, a exploração das vulnerabilidades do inimigo, o controle dos acidentes capitais do terreno, a iniciativa, a neutralização da capacidade de reação do inimigo, o fogo e movimento, a impulsão, a concentração do poder de combate, o aproveitamento do sucesso obtido e a segurança.

4.2.1.4 O Esqd C Amv realiza Op Ofc em áreas fracamente defendidas ou não defendidas que sejam essenciais para a obtenção de resultados decisivos.

4.2.1.5 O Esqd C Amv, inserido no contexto de uma operação ofensiva do escalão superior, devido às suas características, será empregado em missões de reconhecimento e segurança. O emprego será, preferencialmente, de forma centralizada e eixado com o esforço principal da Bda Inf Amv.

4.2.1.6 Para informações detalhadas sobre as principais características, finalidades e fundamentos das operações ofensivas, devem ser consultados os manuais Operações e *Operações Ofensivas e Defensivas*.

4.2.2 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.2.2.1 Os tipos de operações ofensivas, em função de suas finalidades específicas, são: marcha para o combate (M Cmb), reconhecimento em força (Rec F), ataque (Atq), aproveitamento do êxito (Apvt Exi) e perseguição (Prsg).

4.2.2.2 No Atq, podem ser empregadas as formas de manobra desbordamento (Dsb), envolvimento (Env), penetração (Pntr), infiltração (Infl) e ataque frontal (Atq Frt). O Atq e suas formas de manobra serão detalhados oportunamente neste capítulo.

OPERAÇÕES OFENSIVAS	
TIPOS DE OPERAÇÕES	FORMAS DE MANOBRA
MARCHA PARA O COMBATE	-
RECONHECIMENTO EM FORÇA	-
ATAQUE	DESBORDAMENTO
	ENVOLVIMENTO
	PENETRAÇÃO
	INFILTRAÇÃO
	ATAQUE FRONTAL
APROVEITAMENTO DO ÊXITO	-
PERSEGUIÇÃO	-

Quadro 4-1 – Tipos de operações ofensivas e formas de manobra

4.2.3 MARCHA PARA O COMBATE

4.2.3.1 Conceitos e Características

4.2.3.1.1 A marcha para o combate é um movimento tático na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras.

4.2.3.1.2 Em uma M Cmb, a tropa que se desloca organiza-se, normalmente, em força de segurança (F Seg) e grosso. O grosso é o elemento responsável pela impulsão da manobra. Ao ser empregado, visa a manter o inimigo desarticulado e impedir que possa estabelecer uma defesa eficiente. A força de segurança deve esclarecer prontamente as situações surgidas em suas zonas de responsabilidade. Dentro das suas possibilidades, ela destrói as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e detém as que não puder destruir.

4.2.3.1.3 Nesse contexto, o Esqd C Amv normalmente atua como força de segurança (vanguarda, flancoguarda e retaguarda), podendo, ainda, fazer parte do grosso ou deslocar-se isoladamente.

4.2.3.2 Classificação

4.2.3.2.1 Quanto à segurança:

- a) coberta – a marcha é coberta quando, entre o inimigo e a tropa que a realiza, existe uma força amiga capaz de lhe proporcionar a necessária segurança. À noite, preferencialmente, deve ser executada a marcha coberta; ou
- b) descoberta – a marcha para o combate é descoberta quando não há tropa amiga interposta ou quando a segurança por ela proporcionada for insuficiente.

4.2.3.2.2 Quanto ao dispositivo:

- a) em coluna – facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento. Admite, como variante, o dispositivo em escalão, o que favorece o desenvolvimento para o flanco; ou
- b) em linha – o dispositivo em linha dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, mas aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força maior poder de fogo à frente.

4.2.3.2.3 Quanto à possibilidade de contato:

- a) remoto – situação em que o inimigo terrestre não pode atuar sobre o Esqd;
- b) pouco provável – é a fase de transição entre o contato remoto e o iminente. O término dessa fase se dá quando o contato se torna iminente e se inicia o desdobramento do Esqd C Amv; ou
- c) iminente – situação em que o Esqd C Amv pode, a qualquer momento, sofrer ação terrestre do inimigo. O contato torna-se iminente a partir da linha de provável encontro (LPE), linha do terreno onde se estima que possa haver o

encontro inicial ou o restabelecimento do contato com os primeiros elementos das forças inimigas.

4.2.3.3 Dispositivo e Formação

4.2.3.3.1 Durante a realização de uma M Cmb, o Esqd C Amv pode sofrer a interferência de ações por parte do inimigo, em qualquer parte do itinerário. Conforme o maior ou menor grau da possibilidade de interferência, pode-se adotar os seguintes dispositivos e formações:

a) coluna de marcha – dispositivo adotado quando o contato com o inimigo é remoto. Nesse caso, prevalecem as medidas que visam a facilitar e a acelerar o movimento em detrimento de medidas que visam à manobra. Preferencialmente, realiza-se o movimento apoiado em estradas ou rodovias. Os grupamentos e unidades de marcha podem receber itinerários distintos para os seus deslocamentos;

b) coluna tática – dispositivo adotado quando o contato com o inimigo é pouco provável. As tropas marcham reunidas taticamente, o que facilita a rápida adoção de dispositivo de combate, sem, no entanto, desdobrá-las. A adoção desse dispositivo inicia-se na linha da pior hipótese e encerra-se quando as forças atingem a LPE; e

c) marcha de aproximação – dispositivo adotado quando o contato com o inimigo é iminente. A tropa desloca-se reunida e desdobrada taticamente. Tal dispositivo é adotado entre a LPE e o estabelecimento do contato com o inimigo.

CONTATO	FORMAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Remoto	Coluna de marcha	- Prevalecem as medidas administrativas. - Podem deslocar-se por vários meios e diferentes ltn. - Velocidade e conforto da tropa semelhantes aos da M Adm.
Pouco Provável	Coluna tática	- Fase intermediária. - Organização tática. - Manutenção da rapidez e segurança. - Equilíbrio das medidas administrativas e táticas.
Iminente	Marcha de aproximação	- Prevalecem as medidas táticas. - Elementos desdobrados e agrupados taticamente. - Constituição de uma vanguarda, de modo a assegurar a progressão rápida e ininterrupta.

Quadro 4-2 – Formações e características da M Cmb

4.2.3.4 O Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel na Marcha para o Combate

4.2.3.4.1 Quando participa de uma M Cmb do Esc Sp, o Esqd C Amv pode integrar o grosso ou, mais comumente, ser empregado em sua missão típica, como F Seg. Nesse caso, o Esqd deve esclarecer prontamente as situações surgidas em sua zona de responsabilidade. Dentro das possibilidades, o Esqd destrói as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e detém

as que não puder destruir, até que o Esc Sp determine a ação, o apoio ou o reforço de elementos do grosso para liberar o eixo de progressão (E Prog).

4.2.3.4.2 Informações detalhadas sobre as missões, organização e atuação das F Seg são apresentadas no capítulo V do presente manual.

4.2.3.4.3 As medidas de coordenação e controle, em uma M Cmb, são:

- a) linha de controle (L Ct);
- b) ponto de controle (P Ct);
- c) ponto de ligação (P Lig);
- d) região de destino (R Dstn);
- e) eixo de progressão;
- f) objetivo da marcha;
- g) limites (Lim);
- h) horário de início de deslocamento; e
- i) linha de provável encontro (LPE).

4.2.4 RECONHECIMENTO EM FORÇA

4.2.4.1 Generalidades

4.2.4.1.1 O reconhecimento em força (Rec F) é uma operação de objetivo limitado, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o valor, a composição e o dispositivo do inimigo ou de obter outras informações. Seu objetivo principal é o de esclarecer a situação, podendo ser conduzido no quadro de uma operação ofensiva ou defensiva. O Rec F não constitui um tipo de missão de reconhecimento.

4.2.4.1.2 O Esqd C Amv pode executar esse tipo de operação de forma limitada. No entanto, das unidades orgânicas da Bda Inf Amv, é a tropa mais apta à sua execução. Quando receber esse tipo de missão, o Esqd C Amv deve contar com apoio de fogo e engenharia.

4.2.4.1.3 O Cmt, ao decidir pela execução de um Rec F, deve considerar:

- a) o conhecimento que possui sobre a situação do inimigo;
- b) a urgência e importância das informações desejadas;
- c) a eficiência, a rapidez e a disponibilidade de outros órgãos de busca;
- d) até que ponto a realização do Rec F pode comprometer o sigilo das operações de seu escalão e do superior; e
- e) a possibilidade de arriscar-se em um engajamento decisivo com o inimigo.

4.2.4.1.4 O valor da força de Rec F deve ser suficiente para levar o inimigo a revelar a localização de suas forças em primeiro escalão, o seu dispositivo, valor e localização de suas reservas e fogos de apoio.

4.2.4.1.5 Para planejar um Rec F, o Cmt Esqd C Amv deve verificar com o escalão superior:

- a) o conhecimento já disponível sobre a situação do inimigo;
- b) a profundidade da ação (que depende, também, da finalidade da operação);
- c) as ações a tomar para o aproveitamento de possíveis vulnerabilidades do dispositivo inimigo;
- d) o apoio disponível caso ocorra um engajamento decisivo; e
- e) as possíveis restrições para a operação.

4.2.4.2 Execução do Reconhecimento em Força

4.2.4.2.1 O reconhecimento em força pode ser executado como um ataque com objetivo limitado ou uma incursão.

4.2.4.2.2 Após completar a operação de reconhecimento em força, o Esqd C Amv pode permanecer em contato, explorar um êxito alcançado, apoiar uma ultrapassagem ou retrain.

4.2.4.2.3 Rec F como um Ataque com Objetivo Limitado

- a) O Rec F realizado como um ataque com objetivo limitado pode ser desencadeado sobre toda a frente ou apenas sobre uma determinada parte da frente.
- b) Esse ataque constitui-se em uma (ou uma série de) sondagem agressiva sobre regiões onde se supõe que o inimigo se encontre.

4.2.4.2.4 Rec F como uma Incursão

- a) Ao contrário da forma anterior, é uma ação desencadeada sobre uma posição inimiga, sem a ideia de conquistar ou de manter o terreno. Consiste em introduzir, no dispositivo inimigo, uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas e seus planos de fogos.
- b) Após essa ação, segue-se um rápido retraimento para as linhas amigas. A incursão caracteriza-se por uma varredura com as viaturas com maior proteção blindada, ação de choque e poder de fogo disponíveis.

4.2.4.2.5 A manutenção de um objetivo não é, por si só, uma finalidade do Rec F. A operação busca obter o máximo de informes com relação ao inimigo, e sua profundidade deve ser a suficiente para obter esses dados. Quando os dados (valor, dispositivo e linhas de ação prováveis do inimigo) são obtidos, pode ser dada outra missão à força de Rec F, tal como: retrain, manter o contato, realizar o aproveitamento do êxito ou apoiar a ultrapassagem de uma outra força.

4.2.4.2.6 Informações adicionais sobre as características e a execução do Rec F podem ser consultadas no manual de campanha *Forças-Tarefas Subunidades Blindadas*.

4.2.5 ATAQUE

4.2.5.1 Generalidades

4.2.5.1.1 O ataque é um tipo de operação ofensiva que tem por finalidade capturar, destruir ou neutralizar o inimigo.

4.2.5.1.2 O Esqd C Amv poderá realizar operações de ataque em diversas situações, sendo que a forma mais comum é que seja realizado no decorrer de uma operação complementar de segurança. Pode, ainda, ser empregado como Elm de economia de meios do Esc Sp.

4.2.5.1.3 O Cmt deverá decidir por um determinado tipo de ataque e uma determinada forma de manobra, considerando os fatores da decisão, a sua situação tática e as características operacionais da sua tropa.

4.2.5.2 Formas de Manobra na Operação Ofensiva Ataque

4.2.5.2.1 Existem 05 (cinco) formas de manobra tática ofensiva de ataque: o desbordamento, o envolvimento, a penetração, o ataque frontal e a infiltração.

4.2.5.2.2 Desbordamento

a) O desbordamento ocorre quando a força principal do atacante contorna, por um ou ambos os flancos, a principal força de resistência do inimigo, para conquistar objetivos situados em sua retaguarda imediata. Dependendo dos flancos a serem contornados, o Dsb poderá ser simples ou duplo.

b) Qualquer escalão pode realizar um Dsb quando a situação tática permitir. Essa escolha de manobra é preferível à penetração ou ao Atq Frt, pois ela obriga o inimigo a combater em uma direção em que está menos preparado e em um local onde possui menor efetivo e menor número de armas AC.

c) A principal finalidade do desbordamento é a destruição da força inimiga, principalmente a reserva, instalações de C², meios logísticos e de apoio de fogo.

d) O Dsb é a forma de manobra mais indicada para ser utilizada pelo Esqd C Amv.

e) Alguns gatilhos devem ser observados para favorecer a adoção dessa forma de manobra, são eles: existência de flanco vulnerável no dispositivo inimigo, possibilidade de obtenção da surpresa, disponibilidade de tempo para se efetuar o planejamento do Atq, terreno que permita o deslocamento através do campo.

f) Quando o desbordamento é conduzido pelo Esqd, um ou mais Pel atacam o inimigo para fixá-lo frontalmente, enquanto o restante da SU manobra para atacá-lo no flanco ou na retaguarda. A força que fixa o inimigo deve ter suficiente poder de combate para mantê-lo decisivamente engajado, enquanto o desbordamento é realizado.

g) Quando enquadrado em uma força maior, o Esqd C Amv pode compor a reserva ou atuar como proteção de flanco.

h) A força de helicópteros (F He) deve ser utilizada para aumentar a mobilidade da força, podendo caracterizar um desbordamento vertical.



Fig 4-1 – Desbordamento simples

4.2.5.2.3 Envolvimento

- a) No envolvimento, a força envolvente, realizando ou não a ação principal e operando independentemente a uma distância fora do apoio de qualquer outra força terrestre atacante, contorna, por terra ou pelo ar, a posição inimiga para conquistar objetivos profundos em sua retaguarda, como área de trens (AT) e linhas de suprimento.
- b) Pelas suas capacidades, a Bda Inf Amv tem, no envolvimento vertical, a forma de manobra tática no ataque mais adequada ao seu emprego.
- c) O envolvimento, devido à sua finalidade, ao poder de combate empregado, ao grau de descentralização e à amplitude do movimento, é uma forma de manobra normalmente realizada pelo escalão DE ou superior.

4.2.5.2.4 Penetração

- a) É a forma de manobra que busca romper a posição defensiva inimiga, atravessar e desorganizar seu sistema defensivo, para atingir objetivos em profundidade, buscando dividir o inimigo e derrotá-lo por partes.
- b) Por ser uma tropa de natureza leve, a Bda Inf Amv não é a mais apta a cumprir esse tipo de missão. A tropa mais apta a realizar essa forma de manobra é a blindada.
- c) Caso o Esqd seja empregado no âmbito da Bda Inf Amv, em um ataque de penetração, o seu melhor emprego seria realizando o isolamento da área selecionada para a Pntr, onde são posicionadas forças em um dispositivo de segurança em torno da força atacante, à frente da posição inimiga, de modo a permitir a realização da Pntr sem interferência de outras forças.

4.2.5.2.5 Ataque Frontal

- a) No Atq Frt, o inimigo é pressionado, igualmente, ao longo de toda a frente.
- b) É empregado para destruir ou capturar forças inimigas reconhecidamente fracas ou para fixá-las em suas posições, em uma ação secundária.
- c) Essa forma de manobra é compatível com o emprego da Bda Inf Amv nas seguintes condições: a existência de inimigo reconhecidamente fraco, que não possua forças concentradas à retaguarda, e para o estabelecimento de objetivos pouco profundos e de importância similar.
- d) Em um Atq Frt, as características e possibilidades do Esqd C Amv não são adequadamente exploradas. Essa forma só deverá ser adotada pelo Esqd quando não for possível a realização do desbordamento.

4.2.5.2.6 Infiltração

- a) A tropa infiltrante procura desdobrar uma força à retaguarda de uma posição inimiga, por meio de um deslocamento dissimulado.
- b) Os BI Amv são as tropas mais indicadas para realizar a infiltração, pois podem empregar pequenos grupos a pé, por vias aéreas ou por embarcações.
- c) O Esqd C Amv, devido aos seus meios, não é a tropa mais apta a realizar a infiltração, visto que é necessário maior dissimulação e obtenção da surpresa.
- d) São objetivos da infiltração: atacar posições sumariamente organizadas, atacar pontos fortes, reservas, instalações de comando ou logísticas, no flanco ou retaguarda do inimigo; ocupar posições importantes que contribuam com a ação principal do Esc Sp; conquistar terreno decisivo no contexto geral da operação; e conduzir operações de inquietação e desgaste à retaguarda do inimigo.

4.2.5.3 Tipos de Ataque

4.2.5.3.1 Há dois tipos de ataque que se diferenciam pela quantidade de tempo à disposição do Cmt antes do desencadeamento da ação:

- a) ataque coordenado (Atq Coor) – ocorre quando o comandante dispõe de tempo suficiente para planejamento, coordenação e preparação antes da execução da operação; e
- b) ataque de oportunidade (Atq Oport) – ocorre quando o tempo disponível para desencadear a ação não permite planejamento, coordenação e preparação completa.

4.2.5.4 Ataque Coordenado

4.2.5.4.1 O Atq Coor é uma operação ofensiva que consiste na combinação do fogo, movimento e ação de choque contra uma resistência ou posição defensiva do inimigo, sobre o qual as informações disponíveis indicam a necessidade de um planejamento completo.

4.2.5.4.2 O Atq Coor geralmente é planejado e executado quando a força atacante se defronta com uma posição defensiva inimiga fortemente

estabelecida, exigindo um estudo de situação completo e minucioso para o cumprimento da missão.

4.2.5.4.3 Antes do ataque coordenado ser efetivado, é necessário que se realize um reconhecimento detalhado, uma avaliação metódica do poder relativo de combate, busca e levantamento de alvos e uma análise sistemática dos fatores que influenciam a decisão.

4.2.5.4.4 Pelo fato de ser utilizado contra posições fortemente organizadas, é necessário que se tenha um poderoso apoio de fogo.

4.2.5.4.5 O Esqd C Amv pode realizar um Atq Coor integrando o esforço da Bda Inf Amv.

4.2.5.4.6 O Esqd C Amv pode, de acordo com a situação, formar pelotões provisórios para o Atq, na seguinte configuração: 01 (um) Pel Exp, 01 (um) Pel MAC, 01 (um) Pel Mrt Me.

4.2.5.4.7 O Esqd C Amv, no ataque coordenado, em geral, constituirá 03 (três) grupamentos de forças: escalão de ataque, base de fogos e reserva.

4.2.5.4.8 Escalão de Ataque

a) A missão do Esc Atq é cerrar sobre o inimigo e neutralizá-lo, destruí-lo ou capturá-lo.

b) O Esc Atq deve receber o maior poder de combate possível.

c) O Esc Atq deve priorizar o flanqueamento do inimigo com presteza, a fim de aproveitar o apoio de fogo proporcionado pela base de fogos.

d) Ao transpor a linha de partida (LP), os elementos do Esc Atq devem empregar o máximo de velocidade e de agressividade que forem capazes, de modo coordenado.

e) Quando restrições impostas pelo terreno ou pela defesa AC inimiga impedirem que o Esc Atq progrida continuamente, seus integrantes avançarão apoiando-se mutuamente, por meio da técnica de fogo e movimento.

f) No momento do assalto ao objetivo, os fogos de todas as armas do Esc Atq devem ser intensificados. Simultaneamente, a base de fogos transporta seus tiros para os flancos e para além do objetivo. Tiros de tempo da Art da Bda em apoio (SFC) e de Mrt podem ser empregados no Obj, enquanto os exploradores permanecerem embarcados.

g) Prioritariamente, o desembarque dos exploradores pode ser realizado após o Esc Atq ter ultrapassado o objetivo. Assim, os Exp realizarão o assalto na direção contrária ao movimento inicial, surpreendendo as resistências remanescentes pela retaguarda e enfrentando menor número de obstáculos e armas automáticas com tiro ajustado. É importante intensificar as medidas de coordenação e controle para evitar o fratricídio.

h) O desembarque também poderá ser realizado sobre o Obj, quando não puder ser feito após sua ultrapassagem.

i) O desembarque antes do objetivo deve ser evitado, a não ser que a progressão dos veículos seja dificultada pelo terreno ou se for necessária a segurança aproximada de algum meio do Esqd.

j) Em caso de desembarque, a proteção blindada das viaturas deve ser aproveitada, ou seja, o deslocamento dos Exp deve ser realizado à retaguarda delas, somente se desdobrando em campo aberto quando necessário para o cumprimento da missão.

4.2.5.4.9 Base de Fogos

a) A missão da base de fogos é apoiar pelo fogo a progressão dos elementos de manobra (Esc Atq e reserva) e fixar o inimigo no terreno para neutralizar suas armas.

b) A base de fogos orgânica do Esqd C Amv é constituída por morteiros médios, Seç MAC e outros meios de apoio de fogos disponíveis, em apoio ou em reforço.

4.2.5.4.10 Reserva

a) A reserva é uma fração da força mantida sob controle direto do Cmt, que lhe permite intervir no combate para manter a sua liberdade de manobra. Normalmente, é empregada para explorar o êxito obtido pelas forças do escalão de ataque, reforçar elementos de primeiro escalão, substituir elementos de primeiro escalão, manter ou aumentar a impulsão do ataque, manter o terreno conquistado pelo Esc Atq, destruir os contra-ataques (C Atq) inimigos e proporcionar segurança nos flancos ou na retaguarda.

b) Quando enquadrado na Bda Inf Amv, no contexto de um Atq Coor, o Esqd pode ser passado à reserva após uma operação de Rec F, após ser ultrapassado, ou ao final de uma operação complementar de segurança. Pode, ainda, ser empregado no Esc Atq em caso de economia de meios da Bda ou em outra situação determinada pelo Esc Sp.

4.2.5.4.11 O planejamento do Atq coordenado deve ser criterioso, por meio de planos bem concebidos, estudo do terreno judicioso e energicamente executados.

4.2.5.4.12 Após o recebimento da missão, o Cmt Esqd C Amv, assessorado pelo seu EM, deve realizar o exame de situação, sempre que possível, à luz do terreno.

4.2.5.4.13 Podemos destacar algumas medidas de coordenação e controle que devem fazer parte do esquema de manobra em um Atq Coor: objetivos, zona de ação, limites, linha de partida e hora de ataque.

4.2.5.4.14 Podem ser marcados como objetivos do Esqd C Amv: a posição defensiva de uma força inimiga (F Ini), regiões capitais do terreno, instalações de comando e controle, instalações logísticas e outras, na retaguarda do inimigo.

4.2.5.4.15 O objetivo do Esqd C Amv deve ter as seguintes características: ser facilmente identificável; contribuir, de modo marcante, para o cumprimento da missão do Esqd, facilitando as operações futuras; e ser compatível com o escalão SU, considerando as limitações de tempo e espaço impostas à sua conquista.

4.2.5.4.16 Objetivos intermediários são aqueles indispensáveis ao cumprimento da missão. Podem ser marcados para proporcionar segurança à manobra, facilitar mudanças de direção ou outras coordenações e controles necessários à etapa da manobra.

4.2.5.4.17 Objetivo final é aquele que se situa na região que caracteriza o cumprimento da missão.

4.2.5.4.18 Objetivo decisivo é aquele cuja posse facilita o cumprimento da missão.

4.2.5.4.19 O Cmt determinará, com base nos fatores da decisão, o valor que será necessário dar ao Esc Atq, para que conquiste o Obj final do Esqd. Após a determinação dos meios necessários para o Esc Atq conquistar o objetivo final, o comandante designa o ataque principal (Atq Pcp) e o Atq secundário.

4.2.5.4.20 O Atq Pcp é dirigido contra o objetivo que melhor contribua para o cumprimento da missão (objetivo decisivo) e deverá utilizar a via de acesso que possibilite conquistar o objetivo com o menor número de baixas para o atacante, infligindo maiores danos ao inimigo, além de possuir a mais alta prioridade de distribuição de poder de combate e de apoio de fogo.

4.2.5.4.21 Em princípio, a melhor via de acesso para o atacante será aquela onde o inimigo concentrará seu poder de combate, lançando a maioria dos obstáculos e planejando fogos ajustados. Por essa razão, pode não ser a mais indicada para o Atq Pcp.

4.2.5.4.22 A reserva deverá ser orientada para a Z Aç do Atq Pcp.

4.2.5.4.23 O Atq secundário tem como finalidade contribuir para o sucesso do Atq Pcp e é utilizado para: conquistar e controlar terreno que facilite a manobra do Atq Pcp, desgastar o inimigo, proteger o Atq Pcp, fixar forças inimigas em partes selecionadas da frente, iludir o inimigo quanto à localização do Atq Pcp, forçar o emprego prematuro da reserva ou, em áreas não decisivas, impedir que o inimigo que se defronta com o Atq Pcp seja reforçado. Visa, ainda, a proporcionar uma maior flexibilidade ao Cmt e maiores alternativas para a conquista do objetivo decisivo.

4.2.5.4.24 O seu poder de combate deve estar compatível com a sua missão.

4.2.5.4.25 O planejamento da execução do ataque deve ser realizado por fases. Em princípio, deve ser faseado em quatro:

- a) 1ª Fase – da zona de reunião (Z Reu) à linha de partida:
 - o planejamento do deslocamento deve ser feito de modo que os elementos ultrapassem a LP na hora determinada e em movimento contínuo; e
 - o ideal é que não ocorram paradas na posição de Atq, mas se for necessário, deve ser rápida o suficiente para adotar a formação de ataque e prosseguir.
- b) 2ª Fase – da linha de partida ao objetivo:
 - o Esc Atq, sempre que possível, desloca-se em massa da LP para o objetivo;
 - o Esc Atq deve cerrar sobre o objetivo no menor tempo possível, utilizando itinerários que proporcionem cobertas e abrigos; e
 - o rápido movimento e o uso de todos os fogos disponíveis multiplicam a ação de choque do Esc Atq. Se houver necessidade de se empregar o fogo e o movimento para progredir, deve haver ação de comando para assegurar que os movimentos sejam executados rapidamente e que toda a força continue a avançar sobre o inimigo. Quando a situação permitir ou na preparação para o assalto, o avanço em massa deve ser retomado.
- c) 3ª Fase – assalto ao objetivo:
 - quando o Esc Atq se aproximar do objetivo, a base de fogos intensifica os fogos. Assim que os elementos de primeiro escalão atingem uma distância que permita o combate aproximado, o assalto é iniciado, e os fogos de apoio são transportados para além e para os flancos do objetivo, a fim de isolá-lo.
- d) 4ª Fase – ações no objetivo:
 - essa fase do ataque é bastante crítica, pois o inimigo agressivo pode desencadear contra-ataques planejados e coordenados, apoiados por fogos;
 - as ações no objetivo têm a finalidade de consolidar a posse do terreno conquistado e reorganizar a subunidade;
 - a consolidação do objetivo compreende todas as medidas executadas para assegurar a sua posse e fazer face aos possíveis contra-ataques inimigos. Essas medidas podem variar desde o simples estabelecimento da segurança local até a completa organização da posição para a defesa;
 - as medidas utilizadas para consolidar o Obj são: segurança, reconhecimento, tomada do dispositivo adequado para repelir contra-ataques e apoio de fogo;
 - a reorganização do esquadrão compreende as medidas destinadas a manter ou restabelecer a eficiência combativa e o controle da subunidade; e
 - é importante, nessa fase, a confecção de relatórios, a execução de recompletamentos, ressuprimentos, evacuação de material e pessoal e C².

4.2.5.5 Ataque de Oportunidade

4.2.5.5.1 O Atq Oport caracteriza-se pela imediata expedição de missões pela finalidade e de ordens fragmentárias, a fim de privilegiar a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão. Deve-se buscar, em princípio, a execução de manobras desbordantes associadas à fixação do inimigo, com a finalidade de permitir à força prosseguir no cumprimento da sua missão.

4.2.5.5.2 As considerações e táticas, técnicas e procedimentos (TTP) do Atq Oport são iguais às do Atq Coord. No entanto, devem ser priorizadas aquelas que não comprometem a prestação da operação.

4.2.5.5.3 Características do Atq Oport:

- a) possibilidade de emprego simultâneo de todas as peças de manobra no assalto;
- b) prazo reduzido para planejamentos e reconhecimento;
- c) execução agressiva e rápida, impedindo o Inimigo de se reorganizar ou rocar meios;
- d) necessidade de rapidez para abrir caminho e prosseguir na missão inicial;
- e) expedição de missões pela finalidade e ordens fragmentárias; e
- f) inimigo fraco, sobre o qual a execução de um reconhecimento pode levantar dados suficientes para realizar um ataque de sucesso.

4.2.5.5.4 O Esc Atq, a base de fogos e a reserva constituem o grupamento de forças no Atq Oport.

4.2.5.5.5 Ações a serem realizadas pelo Esqd C Amv na execução do Atq Oport:

- a) reconhecer e determinar o dispositivo, o valor, a composição, a atitude e a orientação da F Inimiga (empregar os sensores disponíveis);
- b) determinar se a F Inimiga a ser atacada está apoiada por outras forças próximas;
- c) encontrar uma via de acesso coberta, que incida no flanco do inimigo e possibilite o deslocamento em alta velocidade;
- d) deslocar os elementos da Seção MAC para uma posição dominante e realizar um ataque pelo fogo;
- e) estabelecer uma base de fogos com elementos do Seção Mrt Me e Seção MAC para destruir ou anular todas as ameaças de maior grau que possam ser observadas, antes que o Esc Atq inicie seu ataque;
- f) isolar a força inimiga que será atacada, de forma que não possa ser apoiada;
- g) atacar o inimigo pelo fogo ou pelo fogo e movimento; e
- h) imediatamente após o êxito do ataque, estabelecer posições de bloqueio (P Bloq) e postos de observação (PO) sobre as vias de acesso que conduzam à posição conquistada.

4.2.5.5.6 O sucesso desse ataque depende da percepção do momento mais adequado, do correto esclarecimento da situação e da habilidade do Cmt Esqd em empregar seus meios de combate para cumprir as ações na sequência correta.

4.2.5.5.7 O Atq Oport deve ser executado com rapidez, explorando as deficiências do inimigo, as vantagens que o terreno proporciona às forças amigas e as situações que se apresentam no momento. Além disso, o inimigo deve ser rapidamente destruído, sem tempo para reagir.

4.2.5.5.8 Ações ofensivas e defensivas são realizadas simultaneamente. Fogos de destruição e fogos de cegar devem ser aplicados.

4.2.5.5.9 Durante a execução das operações complementares de segurança, elementos do Esqd C Amv frequentemente estabelecem contato com forças inimigas.

4.2.5.5.10 Decisão para realizar o Atq Oport:

- a) a decisão de realizar o Atq de oportunidade é prerrogativa do Cmt Esqd, que, após esclarecer a situação, pode decidir por sua adoção;
- b) qualquer inimigo que seja considerado fraco, mas possa causar danos às nossas tropas no desenrolar das operações deve sofrer um Atq Oport; e
- c) a decisão normalmente é tomada após o reconhecimento indicar que a iniciativa e o fator tempo são preponderantes, e a vitória pode ser alcançada com um ataque rápido, com um mínimo de planejamento e preparação.

4.2.5.5.11 Caso seja tomada a decisão de atacar, o Cmt Esqd atribui missões pela finalidade às suas peças de manobra e expede ordens fragmentárias para os elementos subordinados que, rapidamente, posicionarão suas frações para, no mais curto prazo, desencadear um ataque de execução simples.

4.2.5.5.12 As táticas para a condução do ataque devem observar três características comuns:

- a) as armas AC inimigas anuladas ou destruídas pelo fogo direto e/ou indireto, antes de o escalão de ataque ser empregado;
- b) a manobra deve ser planejada forçando o inimigo a combater em duas direções; e
- c) busca da perda da capacidade de reação por parte das forças inimigas.

4.2.6 APROVEITAMENTO DO ÊXITO

4.2.6.1 O aproveitamento do êxito é uma operação que se segue a um ataque bem-sucedido e que, normalmente, inicia-se quando a força inimiga se acha, reconhecidamente, em dificuldades para manter suas posições. É caracterizado por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar, ao máximo, as vantagens obtidas no ataque e destruir a capacidade do inimigo de reorganizar-se ou de realizar um movimento retrógrado ordenado.

4.2.6.2 A oportunidade para o lançamento da Bda Inf Amv em uma operação de aproveitamento do êxito deve ser judiciosamente considerada, conforme os seguintes indícios:

- a) visível diminuição da resistência inimiga em pontos importantes da sua defesa;
- b) aumento do número de prisioneiros de guerra e de material abandonado pelo inimigo; e
- c) ultrapassagem de posições de artilharia e de instalações de comando e de suprimento.

4.2.6.3 Características do Apvt Exi:

- a) planejamento centralizado e execução descentralizada;
- b) medidas de controle reduzidas ao mínimo;
- c) objetivos profundos;
- d) progressão rápida, contínua e em larga frente;
- e) ataques de oportunidade, por incursões rápidas e desbordamentos, partindo da coluna de marcha;
- f) missões atribuídas pela finalidade;
- g) ampla utilização de meios aéreos para reconhecimento e apoio de fogo; e
- h) desbordamento e manutenção do contato em pontos de forte resistência.

4.2.6.4 O Esqd C Amv no aproveitamento do êxito:

- a) tendo em vista as possibilidades, limitações e características do Esqd C Amv, é possível que o seu emprego seja compondo a força de Apvt Exi no nível da Bda Inf Amv;
- b) o Esqd C Amv, atuando como Elm de primeiro escalão em um eixo de progressão, deve contar com reforço de engenharia (Eng) e de Ap Log. Os fogos de apoio devem ser proporcionados pela artilharia (Art) e pelas armas orgânicas;
- c) deve-se buscar coordenação com os elementos da Aviação; e
- d) a mobilidade torna-se muito importante durante o Apvt Exi. Os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico devem ser altamente móveis.

4.2.7 PERSEGUIÇÃO

4.2.7.1 A perseguição tem por finalidade cercar e destruir uma força inimiga que está em processo de desengajamento do combate ou que tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao aproveitamento do êxito.

4.2.7.2 A perseguição é realizada, normalmente, nos escalões Bda ou superiores.

4.2.7.3 No contexto de uma perseguição, normalmente a Bda Inf Amv é lançada como força de cerco, atingindo a retaguarda do inimigo e bloqueando a sua fuga. Isso permite que ele seja destruído por uma força, normalmente blindada, que avança desde o aproveitamento do êxito.

4.2.7.4 O Esqd C Mec de Bda, na Prsg, é empregado em ações complementares de segurança.

4.2.8 OUTRAS TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

4.2.8.1 Combate de Encontro

4.2.8.1.1 O combate de encontro é uma ação que ocorre quando uma força em movimento, que não esteja desdobrada para o combate, engaja-se com uma

força inimiga, parada ou em movimento, a respeito da qual não dispõe de informações precisas.

4.2.8.1.2 A ação deixa de ser um combate de encontro quando a situação do inimigo tiver sido esclarecida e possam ser desencadeadas operações subsequentes, planejadas e coordenadas.

4.2.8.1.3 As principais características do combate de encontro são o conhecimento limitado do inimigo, rápidas evoluções de situação, um mínimo de tempo disponível para o comandante tomar conhecimento da situação e para formular e executar as ações necessárias.

4.2.8.1.4 Conduta do Esqd C Amv no combate de encontro:

- a) deve ser priorizado o princípio da conquista e da manutenção da iniciativa;
- b) as seguintes atividades devem ser priorizadas pelo Cmt para manter a iniciativa no combate de encontro:
 - execução de rápido estudo de situação;
 - emissão de ordens fragmentárias; e
 - emprego, a partir da própria coluna de marcha, de elementos aptos, que irão atuar de forma planejada e descentralizada.

4.2.8.2 Incursão

4.2.8.2.1 É uma ação ofensiva em pequena escala, que se caracteriza por ações rápidas em áreas controlada pelo inimigo, contra objetivos específicos importantes, desorganizando-o e infligindo-lhe perdas na sua capacidade operacional. Não tem como objetivo a conquista ou manutenção do terreno.

4.2.8.2.2 O Esqd C Amv, dentro do contexto da Bda Inf Amv, não é a tropa mais indicada para realizar uma incursão, pois possui dificuldades em proporcionar a surpresa e dissimulação, as quais são requisitos básicos nesse tipo de ação.

4.3 OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.3.1 GENERALIDADES

4.3.1.1 As operações defensivas (Op Def) constituem-se em atitudes temporárias adotadas pela força, até que, criadas as condições favoráveis, possa tomar ou retomar a ofensiva. São realizadas para conservar a posse de uma área ou negá-lo ao inimigo, e, também, para garantir a integridade de uma unidade ou meio.

4.3.1.2 Os fundamentos da defesa são os seguintes:

- a) apropriada utilização do terreno;
- b) segurança;
- c) defesa em todas as direções;
- d) defesa em profundidade;
- e) flexibilidade;
- f) dispersão;
- g) máximo emprego da ação ofensiva;
- h) integração e coordenação das medidas defensivas;
- i) tempo; e
- j) apoio mútuo.

4.3.1.3 O manual *Operações Ofensivas e Defensivas* detalha os fundamentos da defesa e aprofunda outras informações sobre o tema.

4.3.1.4 As operações defensivas são divididas de acordo com o quadro abaixo.

OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
TIPOS DE OPERAÇÕES	FORMAS DE MANOBRA
DEFESA EM POSIÇÃO	DEFESA DE ÁREA
	DEFESA MÓVEL
MOVIMENTO RETRÓGRADO	AÇÃO RETARDADORA
	RETRAIMENTO
	RETIRADA

Quadro 4-3 – Operações defensivas

4.3.2 DEFESA EM POSIÇÃO

4.3.2.1 O Esqd C Amv é mais apto a realizar operações de defesa em posição (Def Pos) como elemento de economia de meios de seu escalão superior. Pode, ainda, ser empregado em operações complementares de segurança, enquadrado em uma defesa em posição de seu escalão enquadrante.

4.3.2.2 Ao se planejar o emprego de um Esqd C Amv em operações de Def Pos, deve-se levar em consideração que:

- a) ao se deparar com carros de combate (CC), o Esqd ficará em desvantagem e com limitada capacidade de realizar ações dinâmicas da defesa. Seu emprego contra CC e armamento AC será a partir de posições cobertas e/ou abrigadas e integrado ao emprego de fogos indiretos;
- b) as armas AC ocuparão posições de tiro ou posições de combate na crista topográfica e não na crista militar;
- c) mesmo empregando, provisoriamente, os Exp como se fossem fuzileiros, a sua capacidade de manter o terreno é inferior à de um BI Amv;

- d) seu emprego como reserva (atuando embarcado) é limitado; e
- e) o melhor emprego do Esqd em operações de Def Pos será sempre nas forças de segurança (atuando embarcado).

4.3.2.3 Defesa de Área

4.3.2.3.1 A defesa de área (Def A) é uma forma de manobra da defesa em posição, que dá ênfase à manutenção ou ao controle de um terreno específico, por um determinado tempo. O defensor desdobra a maioria de seu poder de combate na área de defesa avançada (ADA) para deter as forças inimigas à frente dessa área e conduz C Atq para expulsar ou destruir forças inimigas que ali penetrarem, retomando o controle do terreno que deseja conservar.

4.3.2.3.2 São possibilidades do Esqd na Def A de seu Esc Sp:

- a) executar o reconhecimento e prover segurança;
- b) vigiar áreas passivas;
- c) ser empregado nos postos avançados de combate (PAC);
- d) manter o terreno, com restrições;
- e) contra-atacar; e
- f) integrar outras forças.

4.3.2.3.3 Planejamento de Defesa

- a) Quando realizando uma defesa de área, o Esqd C Amv atua no planejamento de forma semelhante ao regimento de cavalaria mecanizado, diferenciando-se apenas pelos meios orgânicos do Esqd C Amv.
- b) Informações adicionais sobre as características e a execução do planejamento da Defesa podem ser consultadas no manual *Regimento de Cavalaria Mecanizado*.

4.3.3 MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

4.3.3.1 Movimento retrógrado (Mov Rtg) é qualquer movimento tático organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, forçado por este ou executado voluntariamente. Um Mov Rtg bem planejado e executado pode proporcionar excelentes oportunidades para infligir consideráveis danos ao inimigo.

4.3.3.2 Os Mov Rtg são executados para atingir as seguintes finalidades:

- a) inquietar, desgastar, resistir, retardar e infligir baixas ao inimigo;
- b) conduzir o inimigo a uma situação desfavorável;
- c) permitir o emprego da força ou de uma parte dela em outro local;
- d) evitar o combate sob condições desfavoráveis;
- e) ganhar tempo, sem engajar-se decisivamente em combate;
- f) desengajar-se do combate;
- g) adaptar-se aos movimentos de outras tropas amigas; e
- h) encurtar as vias de transporte.

4.3.3.3 Deve-se evitar ao máximo que o Ini perceba nossa intenção de retrain, ocultando-se o movimento por meio de rigorosas medidas passivas de segurança e de simulação. Tais medidas podem incluir: o silêncio rádio para os Pel que retraem da posição e a manutenção de padrões normais de utilização do rádio nos núcleos de primeiro escalão; a manutenção de fogos normais de artilharia e de outros meios de apoio de fogo; o deslocamento dos pelotões durante períodos de escuridão ou sob condições de reduzida visibilidade; e a manutenção de tropas suficientes na posição, para simular a presença da força como um todo.

4.3.3.4 O grau de disciplina da tropa e a efetiva liderança em todos os escalões constituem medidas de segurança apropriadas contra a ação de agentes inimigos infiltrados na área de operações do Esqd.

4.3.3.5 Medidas de dissimulação possibilitam o mínimo de interferência do Ini no retraimento do grosso e das F Seg.

4.3.3.6 O planejamento e execução do Esqd C Amv nos Mov Rtg são os mesmos previstos nos manuais *Regimento de Cavalaria Mecanizado* e *Esquadrão de Cavalaria Mecanizado*.

4.3.3.7 Ação Retardadora

4.3.3.7.1 Considerações Gerais

- a) É uma forma de Mov Rtg em que a força defensora sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao Ini o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no Cmb. Na execução de uma ação retardadora (Aç Rtrd), o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo.
- b) A Aç Rtrd exige o emprego dos princípios da defesa em cada posição retardadora (P Rtrd). Em cada posição, são conduzidas ações ofensivas e defensivas que devem obrigar o inimigo a se desdobrar prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque. Na conduta da Aç Rtrd, deve-se obedecer a todas as prescrições referentes ao retraimento e à retirada.
- c) O Esqd C Amv, devido às suas características dos meios orgânicos e de emprego, é a fração mais apta a realizar uma Aç Rtrd, quando enquadrado dentro da Bda Inf Amv.
- d) As P Rtrd não são organizadas em profundidade. Utiliza-se o máximo poder de combate em primeiro escalão, sobre as prováveis vias de acesso do inimigo.

4.3.3.7.2 O Esqd C Amv, em ações retardadoras, atua de forma semelhante ao Esqd C Mec. Para maior aprofundamento sobre seu planejamento e execução, sugere-se consultar os manuais de campanha *Operações Ofensivas e Defensivas* e *Regimento de Cavalaria Mecanizado*.

4.3.3.8 Retraimento

4.3.3.8.1 Considerações Gerais

- a) É um Mov Rtg no qual toda ou parte de uma força desdobrada rompe o contato físico com o Ini. Ele pode ser executado durante o dia ou à noite, com ou sem pressão do Ini.
- b) O Esqd, em uma operação de retraimento, executa um movimento para longe do inimigo para preservar ou recuperar a liberdade de ação, cumprindo missão no quadro da manobra do escalão superior.
- c) Os planos e ordens para um retraimento devem ser pormenorizados e, tão logo o conceito da operação seja formulado, o Cmt emite uma ordem preparatória com os pormenores necessários para que os comandos subordinados possam realizar reconhecimento e planejamentos durante o dia.
- d) A execução de um C Atq de objetivos limitados pode facilitar o retraimento.
- e) Em qualquer retraimento, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga (fumígenos, por exemplo) devem ser utilizados, particularmente quando houver perda do sigilo da operação.
- f) O retraimento diurno deve ser evitado, sempre que possível, para fugir dos fogos observados do inimigo e da atuação de sua F Ae, ambos capazes de causar pesadas baixas ou provocar a perda da liberdade de manobra. Quando o retraimento diurno for imperioso, cresce a importância do emprego de fogos de artilharia, fumígenos e apoio da força de helicópteros.
- g) Em qualquer retraimento, o contato pelo fogo e visual com o inimigo deve ser mantido, para proporcionar dissimulação e segurança e contribuir para evitar que ele avance rapidamente. Uma força de segurança pode ser empregada para assegurar que as tropas em contato possam retrair sem que o inimigo cerre rapidamente sobre elas.

4.3.3.8.2 O Esqd C Amv, no retraimento, atua de forma semelhante ao Esqd C Mec. Para maior aprofundamento sobre seu planejamento e execução, sugere-se consultar os MC *Operações Ofensivas e Defensivas* e *Regimento de Cavalaria Mecanizado*.

4.3.3.9 Retirada

4.3.3.9.1 Retirada é o tipo de movimento retrógrado no qual uma força, não estando em contato, desloca-se para longe do Ini, a fim de evitar o combate em condições desfavoráveis. A retirada pode ser feita após um retraimento.

4.3.3.9.2 A retirada pode ser realizada com as seguintes finalidades:

- a) ampliar a distância entre o inimigo e a força amiga;
- b) reduzir a distância de apoio entre forças amigas;
- c) assegurar um terreno mais favorável;
- d) adaptar-se a um reajustamento de dispositivo do Esc Sp; e
- e) permitir o emprego da força em outro local.

4.3.3.9.3 O Esqd C Amv na Retirada

- a) Normalmente, o Esqd Amv pode ser empregado em uma retirada, após a junção com a força de junção e a ultrapassagem/substituição da Bda Inf Amv. Nessa ocasião, o Esqd C Amv é a tropa mais apta a realizar a segurança da Bda.
- b) A segurança do Esqd é realizada de maneira semelhante à da M Cmb. Ela é proporcionada pela Vgd, Fg e Rtg. O Cmt Esqd deve estar atento à tentativa de envolvimento de sua unidade por parte do Ini.
- c) Quando a retirada é precedida de um retraimento, as forças em contato (destacamento de contato ou F Ptç) proveem a segurança à retaguarda.
- d) Na retirada, o Esqd C Amv organiza-se de modo inverso ao da M Cmb. São designados itinerários e objetivos de marcha ou posições à retaguarda para os elementos que marcham com o grosso. O controle deve ser descentralizado no estágio inicial da retirada, passando gradativamente à centralização, à medida que aumenta a distância do inimigo.

4.3.3.10 Outras Ações Táticas e Técnicas Defensivas

4.3.3.10.1 Embora o Esqd C Amv possa ser empregado nas ações dinâmicas da defesa, dispositivos de expectativa e defesa elástica, o planejamento e execução de tais ações são as mesmas daquelas descritas em outras publicações. Dessa forma, este manual abordará apenas a defesa em ponto forte e a defesa circular, por serem as mais apropriadas às tropas aeromóveis.

4.3.3.10.2 Defesa em Ponto Forte

- A defesa em ponto forte é uma técnica de defesa que pode ser empregada pela Bda Inf Amv para defender uma posição capital no terreno. Normalmente, a defesa em ponto forte adota o dispositivo de defesa circular, com grande apoio mútuo, menor dispersão e com consideráveis trabalhos de organização do terreno.

4.3.3.10.3 Defesa Circular

- a) A defesa circular é uma técnica especial de defesa variante da Def A, na qual as U são dispostas de modo a fazer frente, simultaneamente, a um ataque inimigo proveniente de qualquer direção.
- b) A defesa circular pode ser empregada nas seguintes situações:
 - para defender posições isoladas no interior das linhas inimigas;
 - na constituição de pontos fortes na defesa móvel ou em larga frente;
 - no caso de isolamento da GU (cerco ou envolvimento) por ação do Ini; e
 - sob condições de restrição de terreno, tais como áreas montanhosas, locais de densa cobertura vegetal e regiões áridas, que impeçam a organização de um dispositivo de defesa clássico.
- c) A defesa circular caracteriza-se, particularmente, por:
 - máxima potência de fogo à frente;
 - grande apoio mútuo; e
 - pequeno espaço de manobra.

d) O Esqd C Amv na defesa circular:

- o Cmt Esqd deve dispor seus pelotões de maneira a bater as prováveis vias de acesso do Ini e estabelecer a segurança local;
- o Pel Cmdo Ap deve integrar a reserva, ocupando posições de tiro na crista topográfica com a Seç Mrt e Seç MAC, a fim de bater o Ini o mais longe possível do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA) e em qualquer direção;
- as metralhadoras leves devem procurar bater a linha de reconhecimento e segurança (LRS), e os Mrt Me dos pelotões devem bater o Ini à frente da LRS até o limite do seu alcance de utilização; e
- como medida de segurança, o PC e os trens devem estar localizados no centro da área ou nas proximidades de um dos pelotões.

4.4 OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

4.4.1 GENERALIDADES

4.4.1.1 Nas operações de cooperação e coordenação com agências, o Esqd C Amv atuará em apoio aos órgãos ou às instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), definidos genericamente como agências, com o propósito de coordenar esforços para a consecução de operação nas situações de guerra e não guerra.

4.4.1.2 Tais operações são executadas, normalmente, em situações de não guerra, mas podem ser desencadeadas em situações de guerra, simultaneamente com as Op Ofs e Def.

4.4.1.3 Nessas Op, a liberdade de ação do Cmt está limitada pela norma legal que autorizou o emprego da tropa. Assim, o emprego é episódico, limitado no espaço e tempo.

4.4.1.4 Nesse contexto, o Esqd C Amv participa de ações que envolvam:

- a) garantia dos poderes constitucionais;
- b) garantia da lei e da ordem;
- c) atribuições subsidiárias;
- d) prevenção e combate ao terrorismo;
- e) ações sob a égide de organismos internacionais;
- f) apoio à política externa em tempo de paz relativa ou crise; e
- g) outras ações de cooperação e coordenação com agências (segurança de grandes eventos, garantia de votação e apuração etc.).

4.4.2 GARANTIA DOS PODERES CONSTITUCIONAIS

4.4.2.1 Destinam-se a assegurar o livre exercício dos poderes da República (Executivo, Legislativo e Judiciário), de forma independente e harmônica,

inseridas no marco legal do Estado Democrático de Direito, seja em situações de normalidade institucional, seja em situação de crise.

4.4.2.2 O emprego do Esqd C Amv em operações, nesse contexto, é similar ao emprego em operações de garantia da lei e da ordem, diferindo na finalidade e no grau de ameaça à ordem institucional existente.

4.4.3 GARANTIA DA LEI E DA ORDEM

4.4.3.1 É uma operação militar conduzida pelas Forças Armadas, de forma episódica, em área previamente estabelecida e por tempo limitado, que tem por objetivo a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.

4.4.3.2 O Esqd C Amv realiza esse tipo de operação, conduzindo ou participando de ações de caráter preventivo ou repressivo. No contexto de um Plano de Segurança Integrada, elementos de manobra de cavalaria podem receber responsabilidades de GLO sobre determinada região ou parcela do território nacional.

4.4.3.3 Tendo em vista esse tipo de operação ser normalmente desencadeada em área urbana, cujas características principais são o alto índice demográfico e a grande restrição de movimento imposta aos meios blindados, as tropas Esqd C Amv estão entre as mais aptas a participar de operações de garantia da lei e da ordem.

4.4.4 ATRIBUIÇÕES SUBSIDIÁRIAS

4.4.4.1 O Esqd C Amv pode participar de operações de atribuições subsidiárias gerais e particulares.

4.4.4.2 As atribuições gerais são cooperações para o desenvolvimento nacional e com a Defesa Civil, de acordo com as determinações do Presidente da República.

4.4.4.3 As atribuições particulares destinam-se à cooperação com os órgãos federais, quando se fizer necessário, na repressão aos delitos de repercussão nacional e internacional, no território nacional.

4.4.4.4 De uma forma geral, por ocasião das atribuições subsidiárias gerais, o emprego do Esqd C Amv pode cooperar para o desenvolvimento nacional, particularmente na área em que está localizado, bem como apoiar as ações da Defesa Civil local.

4.4.4.5 No transcurso de ações caracterizadas como atribuições subsidiárias particulares, o Esqd C Amv realiza reconhecimento, patrulhamento, bloqueio e

controle de estradas, para obter informações relevantes sobre a região de operações, contribuindo para o combate aos ilícitos nacionais e transfronteiriços.

4.4.5 PREVENÇÃO E COMBATE AO TERRORISMO

4.4.5.1 O terrorismo é a forma de ação que consiste no emprego da violência física ou psicológica, de forma premeditada, por indivíduos ou grupos, apoiados ou não por Estados, com o intuito de coagir um governo, uma autoridade, um indivíduo, um grupo ou mesmo toda a população a adotar determinado comportamento. É motivado e organizado por razões políticas, ideológicas, econômicas, ambientais, religiosas ou psicossociais.

4.4.5.2 A prevenção (antiterrorismo) constitui as ações para a proteção, caracterizada pela presença ostensiva ou não, de caráter ativo ou passivo, com a principal finalidade de dissuadir, antecipar, impedir e limitar possíveis ameaças.

4.4.5.3 O combate (contraterrorismo) engloba as medidas ofensivas de caráter repressivo, a fim de dissuadir, antecipar, impedir ou limitar seus efeitos e responder às ações terroristas.

4.4.5.4 O Esqd C Amv pode participar dessas ações, apoiando os esforços conduzidos por forças policiais civis e militares especializadas. Pode participar, ainda, da segurança de áreas e de autoridades, escoltas e outras tarefas, particularmente na realização de grandes eventos nacionais, com projeção significativa no cenário mundial.

4.4.6 AÇÕES SOB A ÉGIDE DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS

4.4.6.1 Caracteriza-se pela participação de elementos do Esqd C Amv em missões estabelecidas em alianças do Estado brasileiro com outros países e/ou em cumprimento aos compromissos com organismos internacionais dos quais o Brasil seja signatário.

4.4.6.2 O Esqd C Amv pode participar de operações de paz, de ações de caráter humanitário, para socorro aos nacionais de países atingidos por catástrofes naturais ou de guerra e na estabilização de áreas fora do território nacional.

4.4.7 EMPREGO EM APOIO À POLÍTICA EXTERNA EM TEMPO DE PAZ RELATIVA OU CRISE

4.4.7.1 Constitui-se no uso controlado do poder militar, restrito ao nível aquém da violência, em reforço às ações de caráter político, diplomático, econômico e psicossocial.

4.4.7.2 O Esqd C Amv pode ser empregado como parte do poder militar:

- a) na concentração de forças terrestres, em determinada área ou região;
- b) em exercícios de adestramento para a demonstração de capacidades;
- c) em movimentos de forças militares; e
- d) na mobilização de meios de combate.

4.4.8 OUTRAS AÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

4.4.8.1 O Esqd C Amv, quando empregado em cooperação e coordenação com agências, pode, ainda, conduzir ou participar das seguintes atividades:

- a) segurança de grandes eventos e de chefes de Estado;
- b) garantia da votação e apuração;
- c) apoio ao cumprimento da legislação vigente e verificação de acordos sobre controle de armas e produtos controlados; e
- d) salvaguarda de pessoas, dos bens, dos recursos brasileiros ou sob a jurisdição brasileira, fora do território nacional.

CAPÍTULO V

O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NAS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 As operações complementares (Op Cmpl) destinam-se a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as Op básicas – Ofs, Def e OCCA –, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de Cmb terrestre e a contribuir para o incremento de seus resultados.

5.1.2 O Esqd C Amv, em função de suas características, possibilidades e meios orgânicos, é capaz de realizar diversos tipos de Op Cmpl, seja de forma isolada, seja enquadrado em uma força de maior escalão. Contudo, o presente manual aborda apenas as operações de segurança, junção, operações urbanas e aeromóveis, por serem mais adequadas ao Esqd.

5.2 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

5.2.1 GENERALIDADES

5.2.1.1 A segurança compreende um conjunto de medidas tomadas pelo comando de uma tropa a fim de protegê-la da surpresa, da espionagem, da sabotagem, da observação ou de qualquer forma de perturbação de suas atividades por parte do inimigo. A segurança tem por finalidade a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal.

5.2.1.2 O Esqd C Amv, por sua organização, dotação, equipamentos, instrução e adestramento, é particularmente apto à execução das operações de segurança em proveito do escalão enquadrante.

5.2.1.3 Nas operações de segurança, o Esqd C Amv pode ser reforçado por elementos de combate e apoio ao combate.

5.2.1.4 O Esqd C Amv, cumprindo missões de segurança, adotará uma atitude ofensiva ou defensiva empregando os seus meios de acordo com os fatores da decisão. O estabelecimento de uma cortina de contrarreconhecimento, destruindo ou repelindo, pela manobra ou pelo fogo, as forças de reconhecimento do inimigo é um dos objetivos das F Seg.

5.2.1.5 Ao planejar uma missão de segurança, o Cmt Esqd C Amv deve ter total conhecimento do itinerário, E Prog ou Z Aç onde deverá atuar, assim como da frente a ser ocupada, composição e velocidade de deslocamento do grosso.

5.2.1.6 O emprego de meios da Av Ex e da F Ae integrados à manobra do Esqd possibilitará o aumento da frente e da profundidade da sua área de responsabilidade e a eficácia no cumprimento da missão.

5.2.2 FINALIDADE DA OPERAÇÃO DE SEGURANÇA

5.2.2.1 O Esqd C Amv executa uma operação de segurança para atingir uma ou mais finalidades abaixo:

- a) negar ao inimigo o uso da surpresa e/ou monitoramento das ações da tropa em proveito da qual opera;
- b) impedir que o inimigo interfira, de modo decisivo, nas ações da tropa em proveito da qual opera;
- c) restringir a liberdade de atuação do inimigo nos ataques a pontos sensíveis da Z Aç da tropa em proveito da qual opera;
- d) possibilitar que a tropa em proveito da qual opera mantenha a iniciativa das ações, fornecendo-lhe o tempo necessário para reagir às ações do inimigo; e
- e) preservar o sigilo das operações da tropa em proveito da qual opera.

5.2.3 GRAUS DE SEGURANÇA

5.2.3.1 Existem três graus distintos de segurança e cada um deles condiciona o rol de tarefas que o Esqd C Amv deve cumprir:

- a) cobertura (Cob);
- b) proteção (Ptç); e
- c) vigilância (Vig).

5.2.4 FORÇAS DE SEGURANÇA

5.2.4.1 As Op Seg são realizadas, basicamente, por forças de cobertura, de proteção e de vigilância. Entretanto, o Esqd C Amv não atua isoladamente como força de cobertura em função de suas limitações de pessoal e material.

5.2.4.2 Também executam missões de segurança: força de ligação (F Lig) e a F Seg que opera na área de segurança (A Seg) da Def A, ocupando os PAC e os PAG.

5.2.4.3 Força de Proteção

5.2.4.3.1 A força de proteção é uma força de segurança que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os tiros diretos e o ataque de surpresa do inimigo. Ela repele, destrói e retarda, de acordo com suas possibilidades, os elementos inimigos que ameacem a força protegida.

5.2.4.3.2 A força de proteção opera, em princípio, dentro do alcance dos fogos de apoio da força em proveito da qual opera. O Esqd, portanto, quando executando uma F Ptç em proveito da Bda Inf L Amv, opera dentro do alcance dos fogos da Art Amv. Já o Pel, quando atuando como F Ptç em proveito de um dos batalhões de infantaria leve (BIL) Amv, opera, se possível, dentro do alcance dos fogos dos Mrt.

5.2.4.3.3 A força de proteção é constituída, normalmente, de elementos orgânicos da força protegida ou que a estejam reforçando. O Esqd C Amv, geralmente, opera como F Ptç da Bda Inf L Amv.

5.2.4.3.4 O Pel C Amv opera como F Ptç de um determinado BIL Amv quando, ocasionalmente, estiver reforçando uma dessas peças de manobra da Bda Inf L Amv, e assim tiver decidido o Cmt da unidade reforçada.

5.2.4.3.5 Para a execução de uma F Ptç, o Esqd C Amv poderá receber elementos de Eng e Art em reforço ou apoio direto. Esses meios deverão ter uma mobilidade compatível com a do Esqd.

5.2.4.3.6 De acordo com sua posição em relação à força principal, a F Ptç denomina-se vanguarda, flancoguarda ou retaguarda. Contudo, a missão de proteção, que normalmente cabe ao Esqd, durante a realização de uma Op Amv, será a execução de uma vanguarda, seja durante o assalto, seja durante a consolidação da C Pnt Amv.

5.2.4.3.7 Nessa fase, a velocidade de progressão do Esqd C Amv, como F Ptç, será regulada pela da força em proveito da qual opera, e a distância deverá ser suficiente para assegurar a esta o tempo e o espaço necessários para manobrar em face de uma ameaça inimiga.

5.2.4.3.8 O Esqd C Amv na Vanguarda

a) A Vgd proporciona o esclarecimento da situação o mais cedo possível, evitando a surpresa, protegendo o desdobramento do grosso e facilitando sua progressão pela remoção de obstáculo, limpeza de itinerários e localização de roçadas alternativas (desbordamentos), de acordo com suas possibilidades.

b) Numa Op Amv, o Esqd C Amv pode executar a Vgd da Bda Inf L Amv. Isso ocorre quando as zonas de desembarque (Z Dbq) estão afastadas da C Pnt Amv, obrigando o Esc Ass a realizar uma marcha tática até seus objetivos. Pode também proteger a Mnt da linha de cabeça de ponte (LC Pnt) Amv, por meio da execução de uma Vgd, atuando em uma operação com características defensivas. Em ambos os casos, o Esqd opera, geralmente, fora dos limites da C Pnt Amv.

c) As demais características de planejamento e as ações do Esqd Amv, no cumprimento de uma missão de vanguarda, são similares àquelas previstas no manual de campanha *Esquadrão de Cavalaria Mecanizado*.

5.2.4.3.9 O Esqd C Amv como Flancoguarda

a) Flancoguarda é uma força de proteção que opera no flanco de uma força estacionada ou em movimento, para protegê-la da observação terrestre, dos fogos diretos e de qualquer ataque de surpresa do inimigo. Ela destrói ou retarda o inimigo de acordo com suas possibilidades. Pode ser empregada durante operações ofensivas e defensivas. Nas operações ofensivas ou nos movimentos retrógrados, a flancoguarda é móvel (Fg Mv).

b) Nas operações ofensivas, a tropa que a executa poderá lançar flancoguarda fixa em determinadas regiões, particularmente quando a ameaça inimiga for de pouca monta ou quando o terreno oferecer possibilidades de atuação do inimigo apenas nessas regiões.

c) O Esqd C Amv atua como Fg Mv especialmente quando a Z Dbq se encontra afastada da LC Pnt Amv, durante a M Cmb da força protegida, e protege o corpo principal por meio da ocupação de uma linha de P Blq sobre as principais penetrantes que incidem no flanco da força protegida.

d) No interior da A Seg da Fg, o Esqd C Amv deverá conduzir um retardamento, ocupando P Blq sobre as penetrantes, de forma a evitar ação lni sobre o grosso.

e) O Esqd C Amv, compondo uma Fg Fix, ocupará, com seus Pel C Amv, P Blq semelhantes às ocupadas em final de uma missão de Fg Mv. Deverá manter uma reserva posicionada em profundidade e em condições de desferrar, por meio de C Atq, elementos que estejam decisivamente engajados, reforçar os Elm em 1ª Esc ou acolher, em uma posição intermediária e os Elm de 1ª Esc que estiverem mais pressionados. A Fg Fix confunde-se com a vanguarda (Vgd), devido ao dispositivo circular da C Pnt Amv.

f) As demais características de planejamento e as ações do Esqd Amv, no cumprimento de uma missão de flancoguarda, são similares àquelas previstas no manual de campanha *Esquadrão de Cavalaria Mecanizado*.

5.2.4.3.10 O Esqd C Amv como Retaguarda

a) A retaguarda é uma força de proteção que, operando atrás de uma força principal que se desloca em movimento para frente ou em movimento retrógrado, resguarda a força protegida de qualquer ação terrestre do inimigo. Segue a força protegida a uma distância determinada pelo comandante desta e, em princípio, pelo mesmo eixo de progressão. A retaguarda atua de modo a evitar que o inimigo a desvie, ultrapasse-a ou a recalque antes que a força em proveito da qual opera possa oferecer condições de reação.

b) As demais características de planejamento e as ações do Esqd Amv, no cumprimento de uma missão de retaguarda, são similares àquelas previstas no manual de campanha *Esquadrão de Cavalaria Mecanizado*.

5.2.4.4 Força de Vigilância

5.2.4.4.1 A força de vigilância é a F Seg que proporciona alerta, o mais cedo possível, pela observação sobre uma área estendida à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento.

5.2.4.4.2 O Esqd C Amv, por suas características, é a tropa mais apta a realizar operações de vigilância (fixa ou móvel) em prol da Bda Inf L Amv.

5.2.4.4.3 A extensão da frente a ser vigiada é definida pelo Esc Sp, baseando-se nos fatores da decisão. Dentre tais fatores, em missões de Vig, o fator terreno é o preponderante, pois da sua análise são levantados os corredores de mobilidade do Ini.

5.2.4.4.4 A linha de vigilância é materializada por uma L Ct imposta pelo Esc Sp e tem a característica restritiva de limitar o avanço da F Vig. Essa L Ct poderá ser até mesmo a LC Pnt Amv, se esta for de grande extensão e possuir frentes em que haverá a necessidade de conduzir uma Vig.

5.2.4.4.5 A Vig será estabelecida em uma linha de posto de observação (e de escuta) complementada pelo patrulhamento de partes específicas da Z Aç, pelo emprego de meios de vigilância terrestre e, quando disponível, por meios da F Ae e da Av Ex. Linhas de vigilância subseqüentes devem ser previstas para o caso de o inimigo forçar um retraimento dos postos de vigilância iniciais.

5.2.4.4.6 No Pel C Amv, cabe aos grupos de exploradores estabelecer os postos de observação e patrulhar o setor recebido. As demais frações são, geralmente, mantidas à retaguarda e em posições centrais, em relação à linha de PO do pelotão, ou em posições que barrem a principal via de acesso. Elas são empregadas na destruição das patrulhas inimigas e no auxílio ao retraimento dos postos de observação. Vigilância são os meios óticos e optrônicos e os radares de vigilância terrestre e câmeras de longo alcance da seção de vigilância terrestre.

5.2.4.4.7 Vigilância Fixa

- a) Diz-se que a operação de vigilância é fixa quando realizada em proveito de uma tropa estacionada ou instalada no terreno.
- b) Nesse tipo de vigilância, o PC do Esqd C Amv permanece em posição central, à retaguarda da linha de postos de observação.
- c) É o tipo de vigilância empregado quando a Bda atribui ao Esqd um setor de vigilância na C Pnt Amv.

5.2.4.4.8 Vigilância Móvel

- a) Se a vigilância se destina à segurança de uma tropa em movimento, é chamada vigilância móvel.
- b) O Esqd C Amv conduz uma vigilância móvel à semelhança de uma flancoguarda móvel, exceto quando aos seguintes aspectos:
 - o Esqd não é, normalmente, responsável pela área entre ele e a força assegurada; e
 - o Esqd, em lugar de posições de bloqueio, ocupa sucessivos postos de observação ao longo do flanco exposto.

c) O Cmt do Esqd planeja a ocupação dos postos de observação por lanços sucessivos ou alternados dos pelotões.

5.2.4.4.9 As demais características de planejamento e as ações do Esqd Amv, no cumprimento de uma missão de vigilância, são similares àquelas previstas no manual de campanha *Esquadrão de Cavalaria Mecanizado*.

5.2.4.5 Força de Ligação (F Lig)

5.2.4.5.1 A ligação é uma ação que visa a ocupar um vazio entre duas forças amigas.

5.2.4.5.2 Essa missão pode ser cumprida pelo Esqd C Amv tanto em operações ofensivas quanto em operações defensivas.

5.2.4.5.3 Nas operações ofensivas iniciais de uma Op Amv como, por exemplo, a marcha para o combate dos BIL Amv em direção e seus objetivos de assalto, o Esqd (ou um de seus Pel) pode receber a missão de F Lig entre dois Btl que se desloquem por eixos de progressão afastados.

5.2.4.5.4 Na defensiva, a missão de ligação, em geral, será cumprida pela vigilância ou pelo retardamento, na frente atribuída à unidade.

5.2.4.5.5 O Esqd pode, ainda, ser empregado como F Lig entre duas C Pnt Amv estabelecidas pela Bda.

5.2.4.6 Força dos Postos Avançados de Combate

5.2.4.6.1 O Esqd C Amv poderá receber a missão de mobiliar postos avançados de combate (PAC) de seu Esc Sp.

5.2.4.6.2 A missão geral do Esqd C Amv, como PAC, será garantir contínua segurança ao longo de toda frente que lhe for atribuída. A composição detalhada dos PAC será determinada pelo Cmt Esqd C Amv, dentro das limitações da SU e impostas pelo escalão Sp.

5.2.4.6.3 O apoio de artilharia de campanha e os morteiros pesados aos PAC provêm, normalmente, do interior da LC Pnt Amv. Quando isso não é possível, os elementos de apoio de fogo poderão ocupar posições à frente da LC Pnt Amv.

5.2.4.6.4 O Esqd deve manter contato com elementos de segurança terrestre que estiverem à frente do PAC (PAG, F Cob), caso a Bda não estabeleça essa ligação. Nesse caso, a presença dessas forças permite que os PAC tenham seu valor reduzido. Dessa forma, apenas o efetivo e os meios suficientes para patrulhar e observar o terreno à frente devem permanecer em posição.

5.2.4.6.5 Se não houver elementos amigos à frente, devem ser empregadas patrulhas avançadas para estabelecer e manter o contato com o inimigo. Os PAC não devem engajar-se em combate aproximado; eles devem retrair por itinerários previamente reconhecidos.

5.2.4.6.6 O Esqd C Amv estabelecerá seus postos de vigilância em posições do terreno que devem:

- a) proporcionar profundos campos de observação e de tiro (crista topográfica);
- b) proporcionar obstáculos à frente e nos flancos;
- c) possuir itinerários de retraimento desenhados das vistas e dos fogos inimigos;
- d) possuir posições cobertas e abrigadas;
- e) impedir a aproximação terrestre e os tiros diretos sobre a LC Pnt Amv;
- f) estar dentro da distância de apoio dos elementos da ADA; e
- g) controlar todas as vias de acesso do inimigo.

5.2.4.6.7 O Cmt Esqd C Amv (quando todo o Esqd ocupar PAC), ou da tropa que garante PAC, deve informar, com oportunidade, os Cmt das tropas na LC Pnt Amv sobre seus planos e a hora prevista para o retraimento. Para evitar sua captura ou destruição, a tropa que estiver garantindo os PAC poderá retrair por iniciativa própria, após haver cumprido sua missão.

5.2.4.6.8 Todo esforço deverá ser feito para manter os interessados informados do retraimento do PAC.

5.2.4.6.9 Esse contato com as forças, na LC Pnt Amv, é importante para acolhimento dos PAC e para o planejamento conjunto dessa ação (por quem acolhe e por quem é acolhido). Devem ser estabelecidas medidas de coordenação, como o emprego de artifícios pirotécnicos e outros meios visuais para sinalização, além das marcações normais de combate para as viaturas das frações que retraem pela P Def, para se evitar fratricídio.

5.3 OPERAÇÕES DE JUNÇÃO

5.3.1 GENERALIDADES

5.3.1.1 A operação de junção compreende o estabelecimento do contato físico entre duas forças amigas em operações, separadas no terreno.

5.3.1.2 Tal encontro pode ocorrer em operações aeroterrestres (Aet), anfíbias ou aeromóveis, na substituição de uma unidade isolada, no estabelecimento de ligações com as forças de infiltração, na reunião de forças divididas ou na convergência de forças independentes.

5.3.1.3 No caso específico do Ass Amv, a operação de junção mais provável que pode ocorrer é o encontro da força em contato com a tropa inimiga, com a tropa

presente na C Pnt Amv, isolando as reservas e impedindo o tráfego pelos eixos de suprimento.

5.3.1.4 Faz parte do planejamento de uma Op Amv a ocorrência de junção das tropas citadas no item anterior.

5.3.1.5 Sendo o Esqd C Amv a tropa dotada de maior mobilidade da Bda Amv e, por isso, utilizada como elemento mais avançado de reconhecimento e monitoramento, é imperativo seu emprego na busca do contato com a força amiga, com a finalidade de acelerar a junção, uma vez que o fator tempo é o único garantidor da manutenção da iniciativa das ações no teatro de operações.

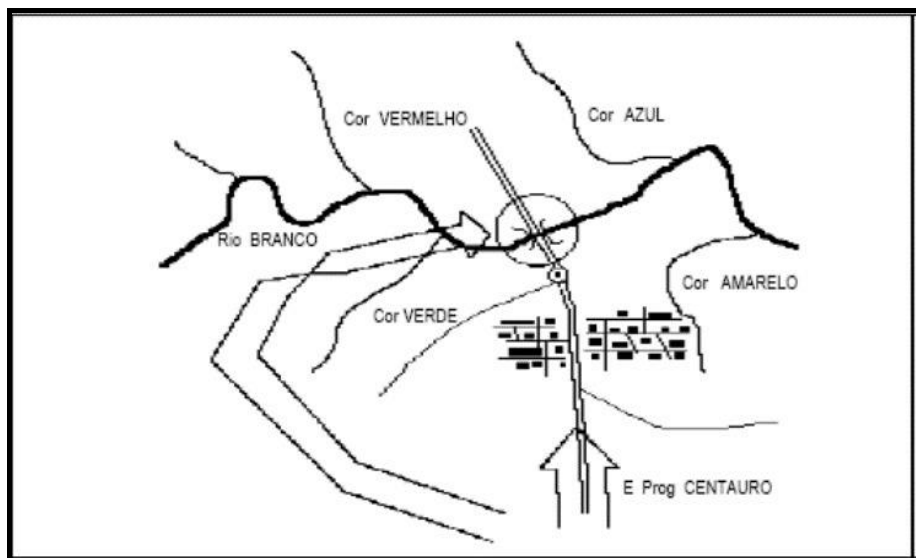


Fig 5-1 – Esquema de manobra de uma Op Jç da Bda Amv com uma DE

5.3.1.6 O manual de campanha *Forças-Tarefas Blindadas* traz maiores informações sobre o planejamento e execução da operação de junção.

5.4 OPERAÇÕES URBANAS

5.4.1 GENERALIDADES

5.4.1.1 Operação urbana é uma operação complementar, normalmente inserida no contexto de uma operação básica (ofensiva, defensiva e de cooperação e coordenação com agências), com o propósito de obter e manter o controle de parte ou de toda uma área edificada ou para negá-la ao inimigo.

5.4.1.2 Percebe-se a constante utilização das áreas edificadas do ambiente operacional nos conflitos atuais, com a finalidade de proporcionar acentuada vantagem a qualquer uma das forças oponentes que as conquistem ou as mantenham sob controle.

5.4.2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL EM OPERAÇÕES URBANAS

5.4.2.1 Generalidades

5.4.2.1.1 O Esqd C Amv busca orientar suas missões utilizando-se dos princípios de guerra, dos fundamentos da operação em área edificada e das prescrições doutrinárias de utilização dos meios orgânicos.

5.4.2.1.2 O Esqd C Amv atua, durante as operações urbanas, com o propósito de obter e manter, temporariamente, o controle total ou parcial de uma área edificada ou, ainda, negá-la ao inimigo. Utiliza, sempre que possível, meios de sensoriamento, a fim de ampliar o grau de segurança e manter um alto nível de consciência situacional.

5.4.2.1.3 A área urbana, que normalmente é imposta ao Esqd C Amv, além de ser um acidente capital, tem por finalidade ampliar a área de segurança da Bda Inf L (Amv) e, conseqüentemente, a continuação das missões dessa grande unidade.

5.4.2.1.4 O emprego de pequenas frações é uma característica dessa operação complementar. Para isso, o uso de motocicletas pelos integrantes do Esqd C Amv amplia a mobilidade e a rapidez das ações de reconhecimento necessários ao grau de segurança imposto pelo ambiente operacional.

5.4.3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NO ATAQUE A UMA ÁREA URBANA

5.4.3.1 O Esqd C Amv pode combater em uma área urbana, com a finalidade de manter livres vias terrestres críticas, conquistar objetivos específicos e realizar P Blq para prover segurança às ações da Bda Inf L (Amv) até a chegada de elementos mais aptos à realização de tais ações.

5.4.3.2 Em primeiro momento, a utilização de meios de mobilidade como a motocicleta, junto aos meios de busca de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de avos (IRVA), e do armamento orgânico proporcionará agressividade e rapidez às ações ofensivas do Esqd, nas operações em área urbana.

5.4.3.3 Caso o Esqd C Amv receba a missão de realizar um investimento em área edificada, o Esqd pode constituir frações provisórias e descentralizar as ações.

5.4.4 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NA DEFESA DE UMA ÁREA URBANA

5.4.4.1 A defesa de uma área urbana é organizada em torno dos acidentes capitais que possibilitem a manutenção da integridade da área e proporcionem facilidades ao movimento do defensor.

5.4.4.2 Quando receber a missão de defender uma localidade, o Esqd C Amv, sempre que possível, deve ocupar e manter as orlas dessa localidade com seus exploradores, apoiados pelas seções de mísseis anticarro.

5.4.5 EMPREGO DOS MEIOS BLINDADOS DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NAS OPERAÇÕES URBANAS

5.4.5.1 O Esqd C Amv é a única peça de manobra da Bda Inf L (Amv) possuidora de meios com ampla mobilidade, relativo poder de fogo e proteção blindada. Desse modo, o uso dos meios leves e mecanizados orgânicos do Esqd C Amv proporciona um aumento do poder relativo de combate dessa grande unidade durante as operações urbanas.

5.4.5.2 As viaturas blindadas são utilizadas para neutralizar posições inimigas pelo fogo e para permitir que os exploradores cerrem sobre o inimigo para destruí-lo.

5.4.5.3 Os meios orgânicos do Esqd C Amv possuem a capacidade de isolar objetivos conquistados dentro da área construída, destruir obstáculos de arame em prol da tropa a pé, rebocar outras viaturas e ampliar a mobilidade dos elementos dessa subunidade.

5.4.5.4 A utilização das viaturas leves e mecanizadas, em conjunto com os meios de sensoriamento, amplia a capacidade de reconhecimento da tropa e aumenta, significativamente, o grau de segurança, possibilitando maior agressividade e rapidez nas ações de ataque ou defesa de uma área urbana.

5.4.5.5 As viaturas do Esqd C Amv podem ser empregadas, também, para o transporte alternativo de pessoal, material, água, munição e outros materiais, dentro da área edificada. Outra possibilidade das viaturas leves e mecanizadas é a de facilitar o acesso da tropa a andares superiores das edificações. Nesse caso, os exploradores utilizam as viaturas, basicamente, para acessar o segundo andar das edificações.

5.4.5.6 Em uma ofensiva na área urbana, os meios leves e mecanizados podem ser empregados nas três fases do ataque: isolamento, conquista de área de apoio na periferia e progressão no interior da área edificada.

5.4.5.7 Para maiores informações sobre a execução dessa operação complementar, sugere-se consultar o MC *Operação em Área Edificada*.

5.5 OPERAÇÕES AEROMÓVEIS

5.5.1 GENERALIDADES

5.5.1.1 As Op Amv são aquelas realizadas por forças de helicópteros (F He) e/ou forças-tarefas aeromóveis (FT Amv), visando à execução de operações de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, em benefício de determinado elemento da F Ter.

5.5.1.2 As Op Amv são consideradas operações complementares, ou seja, são destinadas a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as operações básicas, nas situações de guerra e não guerra, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre.

5.5.1.3 Apresentam as seguintes características principais: surpresa, iniciativa, flexibilidade, oportunidade, modularidade, seletividade, sustentabilidade, agressividade e velocidade para vencer rapidamente grandes distâncias e ultrapassar obstáculos do terreno.

5.5.2 ASSALTO AEROMÓVEL

5.5.2.1 O assalto aeromóvel (Ass Amv) é a operação na qual uma FT Amv desloca tropa adestrada e equipada, visando ao envolvimento, à captura ou à destruição de forças inimigas, bem como à conquista e manutenção de regiões importantes do terreno para o prosseguimento das operações.

5.5.2.2 O Ass Amv é executado em áreas fracamente defendidas ou não ocupadas pelo inimigo, devido à vulnerabilidade dos helicópteros aos fogos terrestres. A análise dos fatores de decisão deve indicar a necessidade de um Ass Amv, haja vista a quantidade e a qualidade de meios humanos e materiais alocados para essa operação, a sua complexidade de planejamento, a execução e o risco de elevadas perdas em pessoal e equipamentos de elevado custo. O Ass Amv é uma operação de grande vulto cujo sigilo é quebrado após o seu desencadeamento.

5.5.2.3 As brigadas de infantaria do tipo leve, em especial, a Bda Inf Amv, são as tropas mais aptas para executar o Ass Amv. Unidades dessas GU, agindo como força de superfície (F Spf), atuam em conjunto com a F He. Quando

integradas com outros elementos de apoio ao combate e de apoio logístico, formam uma FT Amv, normalmente de valor unidade, para atuar isoladamente ou no contexto da manobra do Esc considerado. No entanto, outras unidades de infantaria podem ser adestradas para executar, com limitações, essa operação quando a situação assim o exigir.

5.5.2.4 Uma vez desdobrada no terreno, a força de superfície (F Spf) atua de acordo com o seu plano tático terrestre. A critério do Esc Sp, a F He pode permanecer atuando em benefício da F Spf desembarcada, realizando tarefas de reconhecimento, segurança, ataque, comando e controle, observação de tiro, transporte, suprimento e de evacuação aeromédica, dentre outras.

5.5.2.5 O comando da FT Amv, para a execução de tarefas do Ass Amv, pertence à F Spf.

5.5.2.6 Apesar de sua aptidão para o Ass Amv, devido às peculiaridades de sua estrutura organizacional, do seu material (particularmente, o armamento e equipamento) e do adestramento específico, as tropas da brigada de infantaria aeromóvel apresentam as seguintes limitações quanto ao seu emprego:

- a) capacidade de durar na ação com seus meios orgânicos (período de até 48 horas após a interrupção do fluxo do apoio logístico);
- b) vulnerabilidade à execução de operações em terrenos abertos;
- c) mobilidade tática restrita à mobilidade do homem a pé;
- d) reduzido apoio de fogo orgânico;
- e) capacidade orgânica de transporte destinada, basicamente, ao comando e controle, ao apoio de fogo e ao apoio logístico, repercutindo nas ações dentro da C Pnt Amv e nas ações subsequentes;
- f) limitada proteção antiaérea;
- g) limitada proteção contra blindados; e
- h) limitada proteção contra os efeitos de armas químicas, biológicas, radiológicas e nucleares (QBRN).

5.5.2.7 O Ass Amv é uma operação de combate complexa e totalmente sincronizada. O nível de eficiência requerido para conduzir com sucesso o Ass Amv está diretamente ligado a um planejamento meticuloso e a uma sincronização detalhada de todos os envolvidos na sua execução.

5.5.2.8 Por esse motivo, o planejamento do Ass Amv deve ser conduzido, de forma integrada, entre a F He e a F Spf, mesmo durante a elaboração dos planos específicos de cada uma dessas partes.

5.5.2.9 Atividades de guerra eletrônica (GE), principalmente, medidas de apoio à guerra eletrônica (MAGE) e medidas de ataque eletrônico (MAE), devem ser empregadas contra sistemas de C² das armas de defesa aérea e antiaérea e radares inimigos que possam interferir no cumprimento da missão.

5.5.2.10 A segurança do Ass Amv é fornecida pelas esquadrilhas de helicópteros de reconhecimento e ataque (EHRA), em coordenação com o apoio de fogo convencional. Essa prescrição visa a estabelecer condições de apoio de fogo antes da hora sobre o objetivo e após o Ass Amv, uma vez que a F Spf esteja desdobrada no terreno.

5.5.2.11 Missões de Atq e de apoio de fogo (Ap F) realizadas pela força de aviação (F Av) devem sempre ser consideradas para ajudar na superação de obstáculos ou de inimigos, durante a tomada dos objetivos, e em missões de acompanhamento e apoio, para preservar o ímpeto do ataque.

5.5.2.12 O Ass Amv normalmente tem objetivos localizados à retaguarda do dispositivo inimigo e que, preferencialmente, estejam situados dentro do alcance de utilização da artilharia de campanha do escalão superior. Conforme a análise dos fatores da decisão, a profundidade do Ass Amv pode ser maior. Entretanto, o Cmt do escalão da F Ter que determinar sua realização, nessas condições, deve considerar os riscos que serão assumidos. É o caso do emprego nas operações de aproveitamento do êxito e de perseguição.

5.5.2.13 O Ass Amv apresenta as seguintes possibilidades de emprego da F He:

- a) atacar o inimigo numa direção ou área inacessível por outros meios;
- b) bloquear uma força inimiga, conquistando e mantendo acidentes capitais que dificultem a sua progressão;
- c) destruir forças inimigas de vulto que estejam atuando na área de retaguarda de forças amigas;
- d) posicionar, rapidamente, forças em pontos decisivos do campo de batalha, atendendo às oportunidades táticas;
- e) conquistar e manter acidentes capitais de interesse vital para o sucesso da manobra;
- f) obrigar o inimigo a reagir prematuramente ou a revelar suas posições ou outras forças de ataque; e
- g) manter elevado o ritmo das operações, mediante o combate simultâneo em mais de uma direção ou em mais de uma área de atuação.

5.5.2.14 O Ass Amv apresenta as seguintes limitações de emprego da F He:

- a) dificuldade em manter ligação com o escalão enquadrante em função da profundidade das ações;
- b) influência das condições meteorológicas da área de operações, particularmente, aquelas ligadas à visibilidade horizontal;
- c) elevado consumo de combustível de aviação, limitando a profundidade do Ass Amv, em princípio, a 100 Km;
- d) sensibilidade aos diferentes vetores antiaéreos do inimigo;
- e) necessidade de áreas para o pouso das aeronaves;
- f) vulnerabilidade ao ataque aéreo e terrestre do inimigo no momento do desembarque da F Spf;

- g) sujeição às interferências eletrônicas por parte do inimigo, dificultando o C² das ações; e
- h) limitada capacidade de durar na ação da F Spf (até 48 horas) com seus meios orgânicos, após o desembarque, empenhando a F Av e demais meios aéreos disponíveis a realizarem outras tarefas em proveito dos elementos que se encontram na C Pnt Amv, até o momento da junção ou exfiltração (terrestre e/ou aérea), conforme o desenrolar do combate.

5.5.3 FASES DO ASSALTO AEROMÓVEL

5.5.3.1 Planejamento – tem início com o recebimento e o estudo da missão pelos escalões considerados, conclusão dos reconhecimentos, reunião das informações e confecção dos planos, por todos os elementos (Elm) envolvidos na Op Amv, indo até a ordem para concentração dos meios. Devido à complexidade logística que envolve uma Op Amv, seu planejamento deve ser o mais detalhado possível.

5.5.3.2 Concentração dos meios – tem início com o deslocamento das forças e apoios envolvidos na missão, desde suas bases iniciais até a ocupação de uma ou mais zonas de reunião (Z Reu), conforme o planejado.

5.5.3.3 Aprestamento – tem início nas Z Reu das forças envolvidas. Consiste nos treinamentos de embarque e de desembarque de aeronaves, nos deslocamentos das F Spf e F He para as zonas de embarque (Z Emb) e na expedição de instruções específicas para o cumprimento dessa fase. Como o Ass Amv deve ser executado prioritariamente no período noturno, com emprego de equipamentos de visão noturna, crescem de importância o aprestamento e o ensaio adequados, para a realização do embarque e do desembarque, e a execução nas melhores condições.

5.5.3.4 Carregamento e embarque – tem início com a reunião das F Spf e/ou F He na Z Emb para as atividades de embarque de pessoal e de carregamento dos materiais, com vistas ao cumprimento da missão e em cumprimento ao plano de carregamento e embarque. Finda com o início do movimento aéreo (Mvt Ae).

5.5.3.5 Movimento aéreo e desembarque – tem início com o deslocamento aéreo do pessoal e dos materiais necessários à condução da Op Amv em atendimento aos planos de movimento aéreo e de desembarque até o pouso, se for o caso, nas zonas de desembarque (Z Dbq) planejadas.

5.5.3.6 Ação no objetivo e ações subsequentes – tem início com o desembarque (Dbq), se for o caso, ou com a ação direta no objetivo, estendendo-se até o cumprimento final da Op Amv, de acordo com o plano tático terrestre.

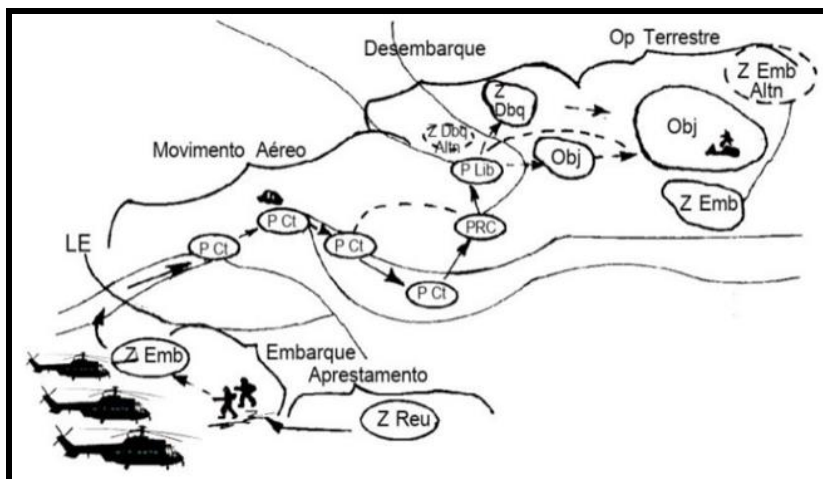


Fig 5-2 – Fases de um assalto aeromóvel

5.5.4 PLANOS

5.5.4.1 Os principais planos do Ass Amv são os seguintes: plano tático terrestre, plano de carregamento e embarque, plano de movimento aéreo e plano de desembarque.

5.5.4.1.1 Plano Tático Terrestre

a) O plano tático terrestre é elaborado com base nos princípios das operações ofensivas e defensivas, com características peculiares que exigem especial atenção quanto à organização para o combate, à manobra do escalão enquadrante, às medidas de coordenação e controle, ao planejamento dos apoios de fogo e logístico, à localização e ao dimensionamento das forças em reserva.

b) Deve incluir, obrigatoriamente, dentre outros, os seguintes planos: de assalto, para a conquista do objetivo; de defesa de posição, para a manutenção da C Pnt Amv; de contra-ataque; e de junção, substituição ou exfiltração.

5.5.4.1.2 Plano de Carregamento e Embarque

a) O plano de carregamento e embarque tem as seguintes finalidades: selecionar, estabelecer e controlar a Z Emb; regular o deslocamento de tropas, equipamentos e suprimentos para o interior da Z Emb; fixar a prioridade e o horário de carregamento e embarque para cada fração da F Spf nas aeronaves; distribuir as cargas nas aeronaves em um carregamento diversificado e, em cada uma delas, evitar que a perda de uma aeronave signifique uma carência irreparável de pessoal e materiais críticos à operação; e manter a integridade tática das frações e dos elementos que exercem funções na FT Amv.

b) O comandante da força de superfície (Cmt F Spf) é o responsável pela organização e pelo controle da Z Emb.

5.5.4.1.3 Plano de Movimento Aéreo

- a) O plano de movimento aéreo é baseado no plano tático terrestre e no plano de desembarque. Objetiva fornecer instruções necessárias ao deslocamento aéreo da FT Amv, dos equipamentos e suprimentos da Z Emb à Z Dbq.
- b) Nesse documento, são reguladas as rotas de voo, principais e alternativas, os pontos de controle aéreo, a velocidade, a altitude e o tipo de formação da F He, bem como os procedimentos de resgate de pessoal e de material abatido.
- c) O plano de movimento aéreo é elaborado pelo comandante da força de helicóptero (Cmt F He), em estreita ligação com o Cmt F Spf.

5.5.4.1.4 Plano de Desembarque

- O plano de desembarque informa a sequência, o momento e o local de desembarque da tropa, dos meios de apoio de fogo, dos equipamentos e dos suprimentos, tendo como base o plano tático terrestre.

5.5.4.2 Para a realização do Ass Amv, a força-tarefa aeromóvel é escalonada em: escalão de assalto (Esc Ass), escalão de acompanhamento e apoio (Esc Acomp Ap) e escalão recuado (Esc R).

5.5.4.2.1 Escalão de assalto (Esc Ass) – composto por forças e equipamentos pertencentes aos elementos de combate e de apoio ao combate que são desembarcados na área de objetivo ou em área próxima a esta, visando ao combate terrestre. Deve ser deslocado em vaga única. Porém, em função do tipo, da quantidade e da disponibilidade de meios da F He, pode ser deslocado em mais de uma vaga.

5.5.4.2.2 Escalão de acompanhamento e apoio (Esc Acomp Ap) – é composto por elementos de apoio ao combate e de apoio logístico, os quais são transportados pela F He e/ou aeronaves de asa fixa e desembarcados com o objetivo de apoiar o Esc Ass na conquista do objetivo.

5.5.4.2.3 Escalão recuado (Esc R) – são os demais elementos de apoio ao combate e de apoio logístico desembarcados pela F He e/ou aeronaves de asa fixa, destinados à manutenção da C Pnt Amv.

5.5.4.3 Para a realização do Ass Amv, a F He normalmente é escalonada em:

- a) escalão de reconhecimento (Esc Rec) – é o escalão da F He empregado para neutralizar forças inimigas terrestres que ameacem o deslocamento aéreo da FT Amv. Deve evitar o engajamento decisivo e, no caso de não neutralizar o alvo, deve alertar o Cmt F He para que os demais escalões evitem aquela posição;
- b) escalão de segurança (Esc Seg) – é o escalão da F He encarregado da proteção contra a ameaça de aeronaves inimigas, com capacidade de combate a baixa altura, ao longo da rota de voo e na Z Dbq. Destina-se, também, à proteção aérea na fase de execução do plano tático terrestre; e

c) escalão de manobra (Esc Man) – é o escalão da F He que realiza o deslocamento propriamente dito da F Spf, sendo protegido pelo Esc Seg e precedido pelo Esc Rec.



Fig 5-3 – Balizamento de uma aeronave em uma zona de pouso de helicópteros

5.5.5 ZONA DE POUSO DE HELICÓPTEROS

5.5.5.1 A Z Dbq pode ser constituída de uma ou mais zonas de pouso de helicópteros (ZPH). Sempre que possível, os especialistas na montagem de ZPH são infiltrados nas linhas inimigas, precedendo e reconhecendo a Z Dbq a ser empregada no Ass Amv.

5.5.5.2 O comandante da força-tarefa aeromóvel (Cmt FT Amv), em coordenação com o Cmt F He e o oficial de ligação da aviação do exército (O Lig Av Ex), seleciona as ZPH principais e alternativas. O Cmt F He assessora o Cmt FT Amv na aptidão ou não das ZPH inicialmente selecionadas.

5.5.5.3 A decisão de usar uma única ou múltiplas ZPH tem como base o plano tático terrestre, a disponibilidade das áreas de pouso e a intenção do Cmt FT Amv. No entanto, há vantagens em usar uma ou outra.

5.5.5.4 Vantagens da escolha por ZPH única:

- a) facilita o comando e controle das operações;
- b) requer menos tempo de planejamento e ensaio;
- c) centraliza operações de ressurgimento necessárias;

- d) concentra o apoio de fogo;
- e) proporciona melhor segurança às vagas subsequentes;
- f) concentra o poder de combate em um único local; e
- g) dificulta a detecção do Ass Amv pelo inimigo, uma vez que o Ass fica confinado a uma pequena parte da área de operações.

5.5.5.5 Vantagens da escolha por múltiplas ZPH:

- a) não concentração de meios em um único local, mitigando a constituição de alvo compensador para o inimigo;
- b) força o inimigo a lutar em múltiplas direções;
- c) permite uma rápida dispersão da F Spf para realizar tarefas em áreas separadas; e
- d) dificulta ao inimigo determinar o tamanho da força de ataque.

5.5.6 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NO ASSALTO AEROMÓVEL

5.5.6.1 O Esqd C Amv é apto a executar o Ass Amv, agindo como F Spf, e atuando em conjunto com tropas da Av Ex.

5.5.6.2 Apesar de sua aptidão para o Ass Amv, devido às peculiaridades de sua estrutura organizacional, do seu material, particularmente o armamento e equipamento, e do adestramento específico, o Esqd C Amv apresenta as seguintes limitações quanto ao seu emprego nessa operação:

- a) permanência em combate, com seus meios orgânicos, por pouco tempo (período de quarenta e oito horas após a interrupção do fluxo do apoio logístico), em função da profundidade das ações e interposição de forças inimigas;
- b) vulnerabilidade à execução de operações em terrenos abertos;
- c) reduzido apoio de fogo orgânico;
- d) transporte orgânico destinado, basicamente, ao comando e controle, ao apoio de fogo e ao apoio logístico, repercutindo nas ações dentro da cabeça de ponte aeromóvel e nas ações após a substituição;
- e) reduzida proteção antiaérea e contra blindados;
- f) baixa ação de choque; e
- g) reduzida proteção contra os efeitos de agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares.

5.5.6.3 O Esqd C Amv integra o Esc Ass e deverá, sempre que possível, ocupar uma vaga única a fim de que ocupe PAC para iludir o inimigo sobre a real localização da C Pnt Amv e fornecer alerta oportuno sobre o avanço das tropas da reserva inimiga.

5.5.6.4 Quando a situação permitir, o Esqd Amv deverá ser lançado em ZPH diferente do restante das tropas aeromóveis, em local fora da C Pnt Amv que permita o emprego do Esqd em ação retardadora na sua área de engajamento, desde o início das operações.



Fig 5-4 – Transporte de suprimento por carga externa no Esc Acomp Ap

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

CAPÍTULO VI

O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NAS AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 Ações comuns são aquelas que podem ser realizadas independentemente do tipo de operação básica ou complementar que esteja acontecendo e em situação de guerra ou não guerra. São executadas de acordo com a necessidade, em proveito das próprias unidades ou do escalão superior.

6.1.2 Trata-se de ações terrestres no âmbito das Op Amv. Entre as ações comuns às operações terrestres, serão abordadas, neste manual, aquelas em que o emprego do Esqd C Amv é mais comum:

- a) reconhecimento, vigilância e segurança; e
- b) substituição de unidades em combate.

6.2 AÇÕES COMUNS DE RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E SEGURANÇA

6.2.1 GENERALIDADES

6.2.1.1 As ações comuns de Rec, Vig e Seg completam-se mutuamente e proporcionam consciência situacional, melhores condições para a tomada de decisão e maior proteção à tropa.

6.2.1.2 Essas ações são abordadas neste manual, em dois momentos:

- a) dentro das operações complementares de segurança, apresentando a missão e as características de uma força que atua como F Ptç e F Vig de um escalão enquadrante, o que foi abordado no Cap V; e
- b) dentro das ações comuns, percorrendo sobre as ações de Rec, Vig e Ptç que forças realizam internamente, no desempenho dessas e quaisquer outras missões.

6.2.1.3 A Op Seg (operação complementar) não pode ser confundida com a ação de segurança (ação comum às operações terrestres). O que as diferencia é a finalidade da ação, quem determina sua execução, sua amplitude, o valor da tropa empregada e em benefício de quem é executada.

6.2.1.4 O presente capítulo tratará do Rec, da Vig e da Seg no contexto das ações comuns a todas as operações.

6.2.2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NA EXECUÇÃO DA AÇÃO COMUM DE RECONHECIMENTO

6.2.2.1 Generalidades

6.2.2.1.1 O Rec consiste na busca direta de informes que tenham valor militar, sobre a região de operações e o Ini (suas atividades e meios). A partir dos informes obtidos, são produzidas informações de Cmb as quais permitem ao Cmdo realizar o planejamento e a condução de sua manobra. Cabe ressaltar que o Rec não se constitui uma operação em si mesma, devendo ser compreendida como uma ação conduzida no escopo de uma operação básica ou complementar.

6.2.2.1.2 A ação de Rec pode ser de duas formas que diferem na finalidade e no valor da tropa empregada. No entanto, ambas seguem os mesmos fundamentos e TTP:

- a) como ação comum a todas as operações, podendo ser conduzida por qualquer tropa, sempre por iniciativa e em proveito próprios, em situações de guerra e de não guerra. Esse é o enquadramento que será abordado no presente capítulo deste MC; e
- b) especificamente, como parte da operação complementar segurança, caso em que é realizada pela tropa de cavalaria mecanizada, em proveito do escalão superior. Enquadramento esse que caracteriza parte de uma Op Compl Seg e que não será matéria da presente publicação.

6.2.2.1.3 As demais informações sobre planejamento e ações de uma missão de reconhecimento são similares às aquelas previstas no manual de campanha *Esquadrão de Cavalaria Mecanizado*.

6.2.3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NA EXECUÇÃO DA AÇÃO COMUM VIGILÂNCIA

6.2.3.1 A ação comum de vigilância será executada em qualquer tipo de operação, seguindo os mesmos fundamentos, TTP, medidas de coordenação e controle e dados de planejamento da operação complementar vigilância.

6.2.3.2 O Esqd C Amv conduz a ação comum vigilância com o propósito de detectar, registrar e informar as atividades ocorridas em parte ou na totalidade de sua Z Aç, a fim de buscar e adquirir alvos de interesse do Cmdo da SU, controlar os fogos das armas orgânicas e em apoio e seus efeitos, observar as atividades do inimigo para evitar a surpresa.

6.2.3.3 A vigilância estabelecida na área de retaguarda do Esqd pelas frações do Pel Cmdo Ap limita-se, em princípio, a postos de observação ou escuta, podendo incluir, em algumas situações táticas (mais estáticas), a realização de patrulhas.

6.2.4 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL NA EXECUÇÃO DA AÇÃO COMUM DE SEGURANÇA

6.2.4.1 Considerações Gerais

6.2.4.1.1 As ações de segurança compreendem o conjunto de medidas adotadas pelo Esqd C Amv, visando a se prevenir e a se proteger da inquietação, da surpresa e da observação por parte do inimigo. Essas ações comuns de segurança são realizadas mediante ordem do Cmt Esqd, em proveito das operações da SU, e para a proteção de seu efetivo, material e instalações.

6.2.4.1.2 O Esqd C Amv pode realizar as seguintes ações comuns de segurança:

- a) ações contra blindados;
- b) ações contra forças de infiltração;
- c) ações contra forças aeroterrestres e forças aeromóveis;
- d) ações contra forças irregulares;
- e) segurança de área de retaguarda (SEGAR); e
- f) contrarreconhecimento.

6.2.4.2 Ações contra Blindados (Defesa Anticarro)

6.2.4.2.1 O objetivo da defesa anticarro (DAC) é a neutralização ou destruição de viaturas blindadas e mecanizadas inimigas, que se constituam em ameaça ao Esqd C Amv. As ações da DAC devem ser planejadas em todas as operações em que o inimigo possa atuar com meios blindados ou mecanizados.

6.2.4.2.2 A DAC é constituída pelo emprego de meios ativos e passivos, empregados de maneira coordenada e sincronizada e desdobrados em largura e em profundidade por toda a Z Aç do Esqd C Amv.

6.2.4.2.3 Os meios passivos compreendem todos os obstáculos naturais que impeçam ou retardem o movimento das viaturas blindadas Ini.

6.2.4.2.4 Os meios ativos compreendem o emprego de fossos e todas as armas AC existentes na SU.

6.2.4.2.5 A maior capacidade de DAC ativa de que o Esqd C Amv dispõe está presente nos Pel C Amv, particularmente nas Seq MAC.

6.2.4.2.6 Cabe ao Cmt Esqd, assessorado pelo Cmt Seq MAC e seus Cmt Pel C Amv, coordenar o emprego eficiente de todos os meios AC disponíveis no Esqd C Amv. O planejamento da DAC acha-se intimamente ligado ao planejamento das barreiras: os obstáculos naturais e os campos de minas AC canalizam o movimento dos blindados para as regiões batidas pelas armas anticarro.

6.2.4.2.7 A DAC deve ser estabelecida em largura e em profundidade e engloba o emprego de armas anticarro, minas e artilharia. Deve ser complementada, ainda, pelo plano de fogos dos armamentos indiretos e diretos e pelo emprego da força de helicópteros.

6.2.4.2.8 Planejamento e Execução da Defesa Anticarro

a) O planejamento da DAC deve incluir todo o armamento AC orgânico da SU e ser consolidado no plano de DAC. Este é um documento preparado pelo S-3, mediante integração, consolidação e sincronização na execução das ações constantes dos planos de DAC dos Pel subordinados, do plano de barreiras e do plano de apoio de fogo.

b) O planejamento da DAC deve dar particular atenção às vias de acesso que apresentem ameaça à posição do Esqd, mesmo que apresentem terrenos restritivos ao movimento de blindados.

c) A DAC deve iniciar-se o mais à frente possível. Na Def A, deve bater o inimigo à frente do LAADA e procurar separar os blindados da tropa a pé que os acompanha, a fim de destruir as viaturas blindadas à frente da ADA. Se os blindados inimigos penetrarem na ADA, deve-se procurar canalizá-los em profundidade para área de engajamento (AE) previamente escolhidas, onde serão destruídos por fogos AC flanqueantes e pelo C Atq da reserva.

d) Devido às suas características de limitada mobilidade terrestres, as tropas aeromóveis não são as mais aptas para realizar um movimento retrógrado, exceto se o Ini também tiver reduzida capacidade de mobilidade. Nesse caso, as armas AC podem aprofundar o combate AC à frente das P Rtrd e auxiliar no desengajamento das SU ou Pel, enquanto essas se deslocam para novas posições de combate mais à retaguarda.

e) A Seç MAC normalmente é empregada de forma centralizada, aprofundando a defesa AC nas AE ou barrando a penetração de força blindada nos flancos ou na retaguarda do Esqd C Amv.

6.2.4.3 Ações contra Forças de Infiltração

6.2.4.3.1 A infiltração pode ser executada por forças Aet, Amv ou terrestres que se reúnam em áreas à retaguarda dos elementos em 1º escalão (ou área de retaguarda do Esqd) para atacar, destruir e causar confusão nas instalações de C² e de logística.

6.2.4.3.2 Normalmente, são objetivos de uma força de infiltração:

a) atacar posições sumariamente organizadas;

b) atacar pontos fortes, reservas, postos de comando, áreas de trens no flanco ou na retaguarda da U em contato;

c) ocupar posições importantes que contribuam para ação principal nos compartimentos de contato; e

d) conduzir operações de inquietação e desgaste à retaguarda da U em contato.

6.2.4.3.3 A não linearidade e a não continuidade comuns às operações do esquadrão e a habitual dispersão de seus meios facilitam as ações de infiltração do inimigo. É nas operações defensivas que normalmente se apresentam as melhores e mais compensadoras oportunidades para uma infiltração inimiga.

6.2.4.3.4 Todo esforço do Esqd C Amv deve ser feito para identificar as prováveis Z Reu na sua zona de ação e, principalmente na sua retaguarda, onde deve ser dada prioridade para a destruição ou neutralização do inimigo, antes que ele possa se reorganizar e desencadear suas ações.

6.2.4.3.5 As seguintes medidas devem ser adotadas pelo Esqd C Amv, para a defesa contra forças de infiltração:

- a) planejar o emprego de patrulhas (à frente e no interior da posição ocupada ou da Z Aç) e de PO para localizar o inimigo que tenta se infiltrar ou que já se infiltrou e procura reorganizar-se;
- b) empregar os meios de Vig e Seg não utilizados na ação principal (radares de vigilância terrestre);
- c) planejar e colocar em execução as ações de contrarreconhecimento;
- d) planejar e implementar medidas de segurança passiva (camuflagem, dispersão, utilização de cobertas e abrigos, disciplina de luzes e ruído);
- e) na defensiva, prever cobertura protetora contra os efeitos dos fogos inimigos, enterrar todas as posições, na medida em que o tempo permitir e, sempre que possível, construir abrigos subterrâneos;
- f) escalonar AE em profundidade voltadas para as faixas favoráveis à infiltração;
- g) vigiar todas as áreas no interior da posição ou à retaguarda dos elementos em 1ª escalão que possam servir de área de concentração ou reorganização de elementos inimigos infiltrados;
- h) planejar o emprego da reserva em toda a Z Aç, para fazer frente a forças inimigas que se infiltrarem no dispositivo do Esqd; e
- i) planejar fogos em apoio às ações contra forças de infiltração.

6.2.4.3.6 As ações contra forças de infiltração devem, também, negar ao inimigo informações sobre as ações e intenções do Esqd C Amv e das forças amigas, de forma a dificultar o planejamento de operações de infiltração pelo inimigo. As medidas de segurança normalmente adotadas pelo esquadrão incluem, além do contrarreconhecimento, ações para a segurança das informações, a segurança das comunicações e a segurança física (tropa, viaturas e instalações).

6.2.4.4 Ações contra Forças Aeroterrestres e Aeromóveis

6.2.4.4.1 As ações contra um envolvimento Aet ou um assalto Amv devem iniciar-se com a identificação de possíveis zonas de lançamento (ZL), Z Dbq, locais de aterragem (Loc Ater), ZPH e campos de pouso na Z Aç do Esqd.

6.2.4.4.2 O plano de fogos em apoio a essas ações deve incluir concentrações nas prováveis ZL, Z Dbq, Loc Ater e ZPH, e o plano de barreiras (nas Op Def)

deve prever o lançamento de obstáculos para interditar tais locais e para bloquear as vias de acesso, orientadas em direção à posição ocupada pelo Esqd.

6.2.4.4.3 Identificado o risco do emprego de força aeroterrestre ou Amv, cabe ao Cmt Esqd C Amv estabelecer vigilância e medidas de identificação e alarme, integrar sistemas de armas e defesa antiaérea, desdobrar tropas em condições de defender prováveis ZL e Z Dbq e constituir uma reserva com suficiente mobilidade tática.

6.2.4.4.4 A rapidez na contenção e no C Atq sobre o inimigo que conseguiu realizar um envolvimento vertical ou um assalto Amv é vital para impedir a sua reorganização.

6.2.4.4.5 Normalmente são objetivos das forças aeroterrestres e Amv:

- a) cortar as linhas de suprimento em profundidade;
- b) atacar bases e instalações logísticas;
- c) garantir regiões de passagem em profundidade; e
- d) impedir a circulação de tropas em profundidade.

6.2.4.4.6 Uma operação Aet ou Amv é planejada e executada em diversas fases, das quais as de maior interesse para o estabelecimento de ações defensivas pelo Esqd C Amv são o deslocamento aéreo da tropa, o assalto e as ações subsequentes.

6.2.4.4.7 Na fase do assalto Aet ou Amv, o Esqd C Amv deve focar suas ações na destruição das aeronaves e da força inimiga no solo, impedindo que se reorganize e inicie sua ação ofensiva. Para isso, será fundamental a rapidez na contenção do assalto e no contra-ataque ao inimigo. A tropa previamente desdobrada imediatamente defende o local selecionado pelo inimigo para ZL ou Z Dbq e a reserva se coloca em condições de, rapidamente, contra-atacar.

6.2.4.5 Ações contra Forças Irregulares

6.2.4.5.1 No campo de batalha moderno, poderão ocorrer operações e ações diversas à frente, nos flancos e na retaguarda do esquadrão, de forma contínua ou não, desencadeadas por forças convencionais ou irregulares. Diante desse cenário de incertezas, agentes descaracterizados (ou infiltrados na população) apresentam-se como ameaças que podem atuar de forma dispersa e, mais comumente, ao longo dos eixos rodoviários e nas localidades.

6.2.4.5.2 As forças e infraestruturas localizadas na área de retaguarda são vulneráveis às ações de forças irregulares. O Esqd C Amv deve dar atenção às medidas para impedir o apoio externo a essas forças, em coordenação com o planejamento da SEGAR do escalão superior.

6.2.4.5.3 A efetividade das ações das forças irregulares depende, em grande parte, do apoio da população da área e de informações atualizadas sobre as nossas operações, exigindo atenção à segurança das comunicações e às medidas de proteção eletrônica.

6.2.4.5.4 Para impedir ou neutralizar a ação de forças irregulares, é importante localizar possíveis áreas para o estabelecimento de suas bases, identificar seus líderes e colaboradores e negar o uso de suas fontes de suprimento e meios de comunicações.

6.2.4.5.5 Os seguintes requisitos fundamentais deverão ser seguidos pelo Esqd C Amv para o êxito de suas operações contra forças irregulares:

- a) conquistar o apoio da população. Esse é o aspecto mais importante, as operações contra forças irregulares devem estabelecer como centro de gravidade o apoio da população local, o qual também representa o foco de interesse para as forças irregulares;
- b) engajar-se na guerra da informação e vencê-la;
- c) manter a iniciativa das ações;
- d) possuir boa rede de informantes (o que depende do apoio da população);
- e) integrar esforços entre elementos civis e militares na Z Aç do Esqd;
- f) manter a mobilidade superior à das forças irregulares;
- g) buscar permanentemente a surpresa;
- h) empregar operações psicológicas, preferencialmente com o apoio de tropas especializadas, se disponível; e
- i) manter um contínuo adestramento da tropa contra forças irregulares, atualizando-o de acordo com a evolução dos métodos empregados pela força irregular contra a qual estiver combatendo.

6.2.4.5.6 As principais ações a serem planejadas pelo Esqd C Amv, em sua Z Aç, para impedir ou neutralizar a ação das forças irregulares, deverão ser:

- a) localizar possíveis áreas para o estabelecimento de bases da força irregular;
- b) identificar seus líderes e colaboradores; e
- c) negar o uso de suas fontes de suprimento e meios de comunicações.

6.2.4.5.7 Nesse tipo de operação, a missão do Esqd C Amv será erradicar a ameaça proveniente das forças irregulares, principalmente de seu braço armado, em sua Z Aç, isolando-o de seus apoios locais, desmantelando-lhe a infraestrutura e neutralizando seu poder de combate. Nesse contexto, o Esqd C Amv deverá realizar as seguintes ações:

- a) prover a segurança, especialmente de área de retaguarda e de pontos sensíveis;
- b) reconhecer e vigiar a área de atuação das forças irregulares;
- c) monitorar regiões de interesse para a inteligência (RIPI);
- d) conquistar e manter acidentes capitais que possibilitem o desdobramento de outras tropas;
- e) realizar ações diretas em conjunto com tropas especiais que estiverem

operando em sua Z AÇ ou em áreas vizinhas;

f) patrulhar vias de tráfego e itinerários de deslocamento motorizado ou a pé;

g) bloquear, manter, controlar ou garantir o acesso a áreas de interesse;

h) estabelecer postos de segurança estáticos e postos de bloqueio e controle de estradas/vias urbanas;

i) realizar isolamento e cerco em apoio às operações especiais (se for o caso);

j) executar ações de controle da população;

k) realizar escoltas de comboio e de autoridades; e

l) compor a reserva, quando determinado.

6.2.4.5.8 O Esqd C Amv pode realizar demonstrações de força para manter tensão constante sobre a força irregular. No entanto, ao empregar os meios mecanizados, é importante considerar que eles ficam vulneráveis a emboscadas, com a utilização de armas AC e meios improvisados, pelas forças irregulares.

6.2.4.6 Segurança de Área de Retaguarda

6.2.4.6.1 A ação comum de SEGAR é planejada pelo Cmt Esqd C Amv e é executada na área de retaguarda do próprio Esqd e em seu proveito.

6.2.4.7 Contrarreconhecimento

6.2.4.7.1 Generalidades

a) O contrarreconhecimento (C Rec) é um conjunto de TTP utilizado pela F Seg nas missões de cobertura, proteção e vigilância, destinado a impedir, pelo combate, que elementos de Rec Ini obtenham informações sobre as nossas forças ou desdobrem meios que possam interferir no combate. O C Rec pode ser conduzido por meio de ações ofensivas (C Rec Ofs) ou defensivas (C Rec Def).

b) O C Rec Ofs procura deliberadamente o contato com elementos de reconhecimento do inimigo, destruindo-os ou neutralizando-os pelo combate, à frente da linha de P Blq, de vigilância ou de objetivos ocupados por uma F Seg.

c) O C Rec Def procura evitar que elementos de reconhecimento do inimigo penetrem em determinadas áreas ou regiões da Z AÇ da SU ou do Esc Sp. Pode ser conduzido à retaguarda de obstáculos naturais ou artificiais, canalizando os Elm Rec Ini para AE onde serão destruídos ou neutralizados.

d) No planejamento da operação principal, devem ser previstas a execução do C Rec e a natureza do combate a ser realizado. Em princípio, não deve ser criada uma força específica para realizar o C Rec, mas serão estabelecidos o valor e a composição das forças de segurança que, além de suas missões, executarão as ações de C Rec.

e) O emprego dos radares de vigilância terrestre, convenientemente dispostos, complementa as capacidades de IRVA dos Pel C Amv, aumentando a possibilidade de localização antecipada dos Elm Rec Ini e suas faixas de infiltração.

f) O emprego de aeronaves da F Ae ou Av Ex, quando disponíveis, além de contribuir para a localização antecipada, permite o engajamento e a destruição dos Elm Rec Ini a maiores distâncias.

6.2.4.7.2 Planejamento e Execução do Contrarreconhecimento

a) A decisão de empregar ou não ações de C Rec obedece à ordem do Esc Sp ou ao resultado do estudo dos fatores da decisão, notadamente os meios, o tempo e o inimigo.

b) As ações e medidas básicas de C Rec devem constar das normas gerais de ação (NGA) do Esqd C Amv. Demandas não previstas nas NGA devem constar nas prescrições diversas ou ordens aos elementos subordinados da ordem de operações (O Op) do Esqd.

c) A complexidade de uma determinada operação ou a intensidade da atuação do reconhecimento inimigo poderão exigir do Esqd C Amv a elaboração de um anexo de C Rec à sua O Op ou de um plano de contrarreconhecimento.

d) O oficial de inteligência é o responsável pelo planejamento inicial do C Rec, levantando objetivos, finalidade e local de execução das ações de C Rec. Com base nesse planejamento, o S-3 realizará o planejamento de emprego tático da tropa, integrando-o com o planejamento da operação a ser executada pelo Esqd C Amv. As diretrizes do Cmt, NGA do Esqd e ordens ou o plano de C Rec do Esc Sp balizarão o planejamento.

e) Nas ações de C Rec, o Esqd poderá reforçar os Pel com elementos de apoio (Seç Vig Ter *etc.*), para detectar Elm de Rec Ini.

f) Os Elm de C Rec poderão operar dentro do Ap F da força enquadrante ou poderão atuar bem à frente, contando apenas com apoio de fogo orgânico. Caso a distância exceda o alcance dos equipamentos de comunicações, deverão ser instalados postos de retransmissão.

g) Uma ordem de C Rec deverá seguir o modelo da O Op, com ênfase nos parágrafos primeiro e terceiro. Dessa ordem deverão constar:

- o elemento de combate que cumprirá a missão;
- o posicionamento dos radares de vigilância terrestre;
- os reforços aos elementos de combate (OA de Mrt e Art, radares, engenharia, armas AC e outros que se fizerem necessários), se for o caso;
- um completo estudo do inimigo, incluindo situação, possibilidades, armamento, equipamento e calcos, onde constarão, no mínimo, os supostos itinerários de infiltração, locais de estabelecimento de PO, postos de escuta, radares e locais de interesse para seus Elm de Rec;
- o plano logístico de apoio (suprimento extra, estabelecimento de cachês ou outros meios);
- os itinerários de retraimento dos elementos de C Rec, se for o caso; e
- as medidas de coordenação e controle necessárias para coordenar movimento, fogos, apoio logístico e comunicações.

h) Sequência para o planejamento do C Rec:

- estudo do Rec Ini e levantamento gráfico de suas possibilidades (faixas e itinerários de infiltração, vias de acesso, regiões de interesse, prováveis PO e locais para condução de fogos);

- definição do tipo de C Rec a ser executado: ofensivo, defensivo ou uma combinação de ambos;
- definição das ações ofensivas à frente da linha de P Blq, vigilância ou objetivos ocupados pelo Esqd C Amv (onde? quem? como? apoio de fogo e de engenharia? itinerários de deslocamento? acolhimento?);
- definição das ações defensivas a ser executadas e necessidade de apoio de engenharia para canalizar o inimigo e o apoio de fogo necessário à sua destruição ou neutralização;
- marcação de RIPI sobre os itinerários do Rec Ini, com as finalidades de observar sua infiltração e reduzir o seu poder de combate pela aplicação de fogos diretos e/ou indiretos;
- definição de prioridades de engajamento;
- definição de AE para destruir elementos de Rec Ini pelo fogo direto e indireto;
- planejamento de outras medidas de coordenação e controle que permitam o retraimento e a coordenação de fogos e movimento do Elm de C Rec;
- planejamento da localização dos radares de vigilância terrestre sobre as principais vias de acesso ou itinerários de infiltração do Rec Ini;
- planejamento do posicionamento dos PO, exploradores, Mrt e outros Elm que reforcem o grupamento de C Rec;
- estabelecimento de uma L Ct que limite o avanço da força de C Rec Ofs e outra que balize seu retraimento (se for o caso);
- planejamento do apoio logístico para as medidas e ações de C Rec; e
- estabelecimento da ordem de movimento do Elm C Rec Ofs (normalmente, por infiltração e durante períodos de reduzida luminosidade ou à noite).

6.3 AÇÕES DE SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES DE COMBATE

6.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.3.1.1 Quando um Ass Amv é realizado em um objetivo pré-selecionado e é realizada a conquista de uma cabeça de ponte aeromóvel, estima-se que a tropa aeromóvel tem condições de manter tal cabeça de ponte por até 48 horas, sendo necessária a sua junção com tropas que virão por terra e, em um segundo momento, a substituição das tropas aeromóveis, efetivamente, por aquelas que se deslocaram por terra.

6.3.1.2 Uma ação de substituição de unidade de combate aeromóvel é uma operação na qual toda ou parte de uma unidade aeromóvel é substituída, em uma cabeça de ponte aeromóvel, normalmente, por outra unidade de natureza distinta que realizou o deslocamento por terra, comumente tropas blindadas. As responsabilidades na missão de combate e da área de operações das tropas aeromóveis são assumidas pela unidade que chega à cabeça de ponte aeromóvel por terra.

6.3.1.3 A substituição é executada quando a unidade aeromóvel já consolidou a cabeça de ponte aeromóvel e está com sistema de defesa em todas as direções estabelecido e em condições de ser substituído após a junção.

6.3.1.4 Sempre que possível, as substituições devem ser executadas durante períodos noturnos ou de reduzida visibilidade, a fim de explorar as capacidades de operar durante a noite, com o emprego de equipamentos de visão noturna, para as ações de ligação e contato, além de balizamento das medidas de coordenação e controle.

6.3.1.5 A unidade aeromóvel e a unidade que se desloca por terra devem manter estreita ligação, devendo a tropa que se desloca por terra ajustar-se ao plano geral de defesa utilizado por uma tropa aeromóvel, em uma defesa de cabeça de ponte aeromóvel, até a passagem de comando ser efetivamente realizada.

6.3.1.6 Os planos e ordens de uma ação de substituição de uma unidade de combate aeromóvel devem prezar pela meticulosidade em medidas de coordenação e controle, além de orientar a execução de ensaios, para que o adestramento refinado possibilite a execução da substituição no mais curto prazo possível. Tudo isso visando a ampliar a capacidade de sucesso de uma substituição de uma unidade aeromóvel, haja vista que o território em que uma cabeça de ponte aeromóvel é estabelecida encontra-se atrás das linhas inimigas.

6.3.1.7 Os planos e ordens devem ser determinados pelo escalão superior. Planos de dissimulação, incluindo todas as medidas que permitam assegurar o sigilo e a surpresa, devem ser providenciados.

6.3.2 TIPOS DE OPERAÇÕES DE SUBSTITUIÇÃO

6.3.2.1 Existem três formas para se substituir uma unidade aeromóvel:

- a) em posição;
- b) por ultrapassagem; e
- c) por acolhimento.

6.3.2.2 Mediante o êxito da operação de junção, para todas as formas de substituição de uma unidade aeromóvel, o Esqd C Amv será o responsável pela segurança e vigilância durante toda a operação.

6.3.3 SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

6.3.3.1 A substituição em posição ocorre quando a unidade aeromóvel está com o dispositivo de defesa conquistado e consolidado em uma cabeça de ponte aeromóvel e esta é substituída no mesmo local, para o prosseguimento das operações, seja em caráter ofensivo e dinâmico, seja para a manutenção do estado defensivo e estático.

6.3.3.2 Por se tratar de um sistema defensivo circular em todas as direções, a substituição em posição, em uma cabeça de ponte aeromóvel, será realizada da frente (direção provável do inimigo) para a retaguarda e de maneira simultânea de todas as unidades desdobradas na C Pnt Amv. A coordenação com as unidades vizinhas e de apoio é responsabilidade da unidade substituta.

6.3.3.3 Durante a substituição em posição, o Esqd C Amv deve reconhecer os itinerários de progressão que serão utilizados, bem como estabelecer postos de observação visando a prover a segurança e vigilância durante toda a operação.

6.3.3.4 Os itinerários de progressão, para cada unidade da Bda Inf L Amv, devem ser reconhecidos, prioritariamente, durante o dia, pelos Pel C Amv, de forma que cada pelotão seja responsável pelos itinerários de progressão e pela zona de ação de uma unidade.

6.3.3.5 É importante ressaltar que, durante a realização da substituição em posição, a rotina operacional, na cabeça de ponte aérea, deve ser mantida, e o estado de alerta da tropa estacionária deve ser máximo. Medidas de contrainteligência são empregadas para evitar que a operação seja revelada, incluindo a continuidade de atividades normais, tais como fogos de apoio e emissão de ondas eletromagnéticas (rádio, radares e outros). Os fogos das unidades da Bda Inf L (Amv) devem assegurar o sucesso da operação e neutralizar a reação do Ini, em caso de contato com o Ini durante a operação.

6.3.3.6 Os postos de observação podem ser planejados ao longo dos flancos expostos dos diversos itinerários de progressão. A vanguarda do deslocamento, nos itinerários de progressão, pode ser conduzida por tropas do Esqd C Amv, visando a aproveitar sua mobilidade, fazendo com que a substituição seja conduzida tão rapidamente quanto possível, para assegurar o controle e o sigilo.

6.3.4 SUBSTITUIÇÃO POR ULTRAPASSAGEM

6.3.4.1 Ultrapassagem é uma operação na qual uma unidade ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo. Nessa situação, normalmente a Bda Inf L (Amv) é a força estacionária, em contato com o inimigo, sendo ultrapassada. O Esqd C Amv exerce papel preponderante na segurança e vigilância, utilizando sua mobilidade e flexibilidade para potencializar a velocidade da ultrapassagem.

6.3.4.2 A ultrapassagem exige planejamento cuidadoso e coordenação cerrada. As unidades da Bda Inf L (Amv) em contato proveem todo o apoio possível à U que vai ultrapassá-las; o Esqd C Amv participa da operação, realizando a segurança e os balizamentos necessários para uma ultrapassagem eficiente. O Esqd pode permanecer em posição e apoiar as U que ultrapassam até que seus fogos tornem-se ineficazes. Após a operação, o Esqd C Amv pode permanecer em posição ou ser empregado em outra ação em prol da Bda Inf L (Amv).

6.3.4.3 Para uma ultrapassagem exitosa, é fundamental que o Esqd C Amv utilize seus vetores de inteligência para alimentar o Esc Sp com o máximo de dados sobre o inimigo que está em contato. O emprego das ARP e os radares de vigilância terrestre têm papel preponderante nessas situações.

6.3.4.4 As medidas de coordenação e controle utilizadas durante a substituição em posição também devem constar no planejamento da ultrapassagem. Porém, deve-se evidenciar que parte do poder de combate do Esqd C Amv pode estar sendo empregado no contato com o inimigo, sendo uma ação comum que pode ser realizada em caráter limitado pelo Esqd.

6.3.4.5 Além das atribuições já citadas durante a substituição em posição, que devem ser consideradas para a execução da ultrapassagem, o Esqd C Amv pode liderar o movimento nos itinerários de ultrapassagem, balizar os pontos iniciais, coordenar as passagens pelos pontos de controle e realizar as ligações nos diversos pontos de ligação entre as unidades da Bda Inf L (Amv) em contato e a tropa que realiza a ultrapassagem propriamente dita.

6.3.4.6 Dentro do contexto do emprego da Bda Inf L (Amv) isolada, antes da operação de junção, o Esqd C Amv, por ser a tropa com maior mobilidade dentro dessa GU, tem a capacidade de executar uma ultrapassagem para substituir um batalhão que, porventura, esteja desgastado ou desfalcado, seja para iniciar um ataque, seja para mudar o ritmo de uma operação.

6.3.4.7 O Esqd lidera o movimento pelos itinerários de ultrapassagem previamente reconhecidos por ele, de forma a orientar a tropa substituta a passar pelas áreas selecionadas, que devem estar desocupadas. Esse procedimento visa a reduzir a possibilidade de fratricídio.

6.3.4.8 O emprego de guias até o escalão pelotão deve ser explorado e estes serão controlados pelo próprio Esqd C Amv, mesmo que eles pertençam a outras unidades da Bda Inf L (Amv).

6.3.4.9 Passagem do Comando da Zona de Ação

a) A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da zona de ação é transferida a tropa substituta deve ser determinada pelo Esc Sp e deve ser de conhecimento do Esqd, para que este faça seu planejamento de deslocamento visando ao cumprimento do horário estabelecido, bem como ao pleno atendimento de todas as condições.

b) Normalmente, o Cmt da força substituta assume a responsabilidade pela Z Aç na hora do ataque. A responsabilidade pela Z Aç pode, também, ser transferida na ocasião do desencadeamento dos fogos de preparação, ou mais cedo, mediante ordem do comando que determinar a ultrapassagem.

c) Em princípio, os Cmt U da Bda Inf L (Amv) em contato exercem, em sua Z Aç, o controle operacional sobre os elementos da tropa substituta até que a responsabilidade por essa área passe para o Cmdo da força substituta.

6.3.5 SUBSTITUIÇÃO POR ACOLHIMENTO

6.3.5.1 É a operação na qual uma força, em movimento retrógrado, passa através da zona de ação de outra que ocupa posição defensiva e/ou retardadora à sua retaguarda. A força acolhida realiza um retraimento através de uma posição. Pelas suas características de emprego, a Bda Inf L (Amv) não é prioritariamente enquadrada nesse tipo de operação. Logo, o Esqd C Amv não realiza esse tipo de operação.

CAPÍTULO VII

PLANEJAMENTO DO APOIO DE FOGO

7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

7.1.1 O apoio de fogo consiste na aplicação de fogos por uma força para apoiar ou proteger outra força. O Esqd C Amv deve utilizar, de forma planejada e coordenada, na plenitude de suas possibilidades, todas as frações de apoio de fogo orgânicas e o apoio de fogo recebido do escalão superior.

7.1.2 O emprego do fogo tem como finalidade facilitar a manobra, bem como reduzir a capacidade de combate do inimigo, impactando seu moral e reduzindo seu poder de combate.

7.1.3 Para aplicação e emprego de fogos, crescem de importância os trabalhos de inteligência e busca de alvos, além da observação e do acompanhamento dos resultados, com a análise e avaliação dos danos produzidos.

7.2 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS

7.2.1 A coordenação, na execução dos fogos, visa a obter o melhor rendimento possível dos meios disponíveis, mediante a integração dos fogos com a manobra.

7.2.2 O fogo e a manobra são interdependentes e devem ser sincronizados, cabendo a responsabilidade dessa interação ao Cmt Esqd C.

7.2.3 Para o planejamento e a condução dos fogos indiretos, em apoio à manobra do Esqd C Amv, o Cmt SU pode ser assessorado pelo:

- a) SCmt SU – oficial de apoio de fogo da SU;
- b) o S-2/S-3 participa diretamente da coordenação dos fogos, podendo existir o oficial de ligação de artilharia;
- c) observador avançado de artilharia; e
- d) guia aéreo avançado (GAA) ou controlador aéreo avançado (CAA), quando em apoio ao Esqd.

7.2.4 O planejamento dos fogos em unidades de manobra é detalhado no manual de campanha *Planejamento e Coordenação de Fogos*.

7.2.5 Quando da condução das operações, os observadores avançados (OA) de artilharia formulam e transmitem os pedidos de fogos do Cmt SU ao coordenador de apoio de fogo (CAF) da Bda, observam e ajustam os tiros de Artilharia de

Campanha. Quando em apoio ao Esqd, o CAA ou GAA realiza o mesmo trabalho do OA artilharia para o apoio aéreo.

7.2.6 DOCUMENTOS DOS PLANOS DE FOGOS

7.2.6.1 Os documentos e planos orgânicos do Esqd C Amv são os seguintes:

- a) lista e calco de alvos;
- b) plano de fogos de morteiro;
- c) plano de defesa anticarro (PDAC); e
- d) plano de fogos de metralhadoras;

7.2.6.2 Esses documentos também são descritos detalhadamente no manual de campanha *Planejamento e Coordenação de Fogos*.

7.2.7 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO DO APOIO DE FOGO (MCAF)

7.2.7.1 As MCAF são destinadas a delimitar áreas e volumes do campo de batalha onde as ações podem ser realizadas com relativa liberdade, evitando conflitos no espaço aéreo, fratricídio e desperdício de meios. Tais medidas podem ser classificadas como permissivas ou restritivas.

7.2.7.2 As MCAF permissivas relacionam-se com a possibilidade de se atirar livremente em uma área ou faixa delimitada, cuja coordenação tenha ocorrido previamente. Elas visam a garantir uma maior velocidade na aplicação dos fogos, facilitando o engajamento de alvos para reduzir ou evitar a necessidade de coordenação adicional.

7.2.7.3 As MCAF restritivas determinam que fogos realizados em determinadas áreas ou além de linhas específicas sejam coordenados com o comando da força ou com um elemento subordinado ao comando da força que as estabeleceu. O objetivo de sua utilização é prover maior segurança, definindo condições padronizadas para o engajamento de alvos em situações que atendam a condições específicas de coordenação.

7.2.7.4 A fim de evitar o fratricídio e ampliar as possibilidades de tiro, particularmente quanto à oportunidade de abertura de fogo sobre os alvos designados, devem-se considerar, desde a fase de planejamento, as MCAF e as medidas de coordenação e controle do espaço aéreo (MCCEA) a ser determinadas pelo Esc Sp.

7.2.8 ÓRGÃOS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE

7.2.8.1 De uma maneira geral, cada escalão de comando estabelecerá um órgão de apoio de fogo, tendo sua estrutura definida de acordo com o escalão, com a natureza da operação e com o tipo de apoio a ser prestado. Esse órgão prestará assessoramento ao comandante em relação à aplicação de fogos e à

coordenação dos diferentes sistemas, visando a garantir a segurança e a rapidez no engajamento de alvos pelo fogo.

7.2.8.2 Em todos os níveis, haverá um elemento designado como coordenador do apoio de fogo (CAF), função que no nível Esqd caberá ao seu próprio comandante. Para fins de assessoramento, entretanto, é desejável que o Esqd C Amv receba um observador avançado (OA) de Artilharia.

7.2.8.3 As responsabilidades do CAF encontram-se descritas nos manuais *Estado-Maior e Ordens* e *Planejamento e Coordenação de Fogos*.

7.2.9 O PROCESSAMENTO DE ALVOS E A METODOLOGIA “D3A”

7.2.9.1 O processamento de alvos é a capacidade de detectá-los, decidir sobre o meio a ser empregado para batê-los, priorizar a execução, realizar a coordenação dessas ações com todos os sistemas e avaliar os danos obtidos. Sua finalidade é potencializar a capacidade do sistema de apoio de fogo, obtendo os efeitos desejados em todos os níveis de planejamento.

7.2.9.2 Para que se atinja essa finalidade, o Esqd C Amv utiliza a metodologia “D3A”, de modo a obter a melhor utilização dos recursos e a empregar os fogos de forma integrada e sincronizada com a manobra. Sua utilização permite a organização das tarefas durante o processo de planejamento e execução das operações.

7.2.9.3 A ênfase do processo encontra-se na identificação dos alvos supostamente mais importantes. Uma vez identificados, esses alvos devem ser detectados e atacados.

7.2.9.4 Por meio da sincronização das funções de combate Movimento e Manobra, Inteligência e Fogos, esse processo deve levar ao ataque do alvo correto, com o meio mais adequado e no momento oportuno.

7.2.9.5 A metodologia é baseada em quatro etapas: detectar, decidir, disparar e avaliar (D3A). Leva em consideração a intenção do comandante, o conceito da operação e as diretrizes e restrições para o planejamento.

7.2.9.6 Com base nas decisões tomadas pelo comando, organiza-se o esforço de detecção e engajamento dos alvos previamente selecionados, a fim de otimizar a utilização dos recursos de inteligência e dos meios atuadores disponíveis.

7.2.9.7 A descrição pormenorizada de cada etapa do método encontra-se descrita no manual de campanha *Planejamento e Coordenação de Fogos*.

7.2.10 COORDENAÇÃO NOS PEDIDOS DE TIRO

7.2.10.1 A fim de se garantir o rápido desencadeamento de fogos e de não se sobrecarregarem as redes de comando, deve ser priorizada a metodologia *bottom-up*, devendo os pedidos de fogos serem feitos pelo Cmt Esqd C Amv diretamente à célula de fogos do Esc Sp.

7.2.10.2 Essa metodologia encontra-se descrita no Capítulo I do MC *Planejamento e Coordenação de Fogos*.

7.2.11 CONDUTA E AJUSTAGEM DO TIRO

7.2.11.1 A observação é o recurso principal de que se vale a função de combate Fogos para obter informes sobre o inimigo e, em particular, para localizar alvos.

7.2.11.2 A principal missão de um observador é observar e ajustar o tiro sobre elementos que possam interferir no cumprimento da missão da unidade apoiada.

7.2.11.3 A finalidade da conduta do tiro é colocar tiros eficazes no alvo, por meio de ajustagens efetuadas com tiros observados. Diz-se que o tiro está ajustado quando o alvo recebe impactos de projetis ou estilhaços, ou está enquadrado nos limites convenientes.

7.2.11.4 A ajustagem consiste na condução dos arrebenamentos para cima do alvo, sendo dividida em ajuste do desvio e do alcance. Obtendo-se o enquadramento (distância entre dois arrebenamentos em lados opostos do alvo) adequado, podem-se desencadear os fogos de eficácia.

7.2.11.5 Os procedimentos detalhados a ser empregados pelo Esqd C Amv para ajustagem do tiro indireto encontram-se descritos no CI 6-135/1 *Condução do Tiro de Artilharia pelo Combatente de Qualquer Arma*.

7.3 APOIO DE FOGO DO ESCALÃO SUPERIOR

7.3.1 CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

7.3.1.1 Por suas peculiaridades, as operações aeromóveis (Op Amv) apresentam características específicas quanto ao emprego de fogos.

7.3.1.2 Nas Op Amv, o apoio de fogo inicial de artilharia, na área de objetivos, é limitado, uma vez que a maioria dos seus meios desembarca com o escalão de acompanhamento. Consequentemente, o maior volume de Ap F ao assalto deve ser proporcionado pelos meios aéreos, pelos morteiros e pelo fogo naval, quando disponível.

7.3.1.3 O apoio de fogo fornecido pela Bda Inf L Amv ao Esqd C Amv deve ser oportuno, preciso e contínuo, para o sucesso das operações.

7.3.1.4 A sincronização do fogo e da manobra deve ser buscada durante todas as fases das operações, devendo a centralização dos fogos ser priorizada, sempre que possível.

7.4 APOIO DE FOGO ORGÂNICO

7.4.1 CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

7.4.1.1 Devido aos seus meios, o apoio de fogo orgânico do Esqd C Amv é limitado.

7.4.1.2 O Cmt Esqd Amv pode, a seu critério, centralizar as peças de Mrt Me orgânicas do Pel C Amv, constituindo uma Seç Mrt Me provisória que, em conjunto com a Seç Mrt Me do Pel Cmdo Ap, constitui o Pel Mrt Me provisório, com a finalidade de centralizar o apoio de fogo do Esqd.

7.4.1.3 Da mesma forma, as seções de mísseis anticarro do Pel C Amv podem ser centralizadas, a critério do Cmt Esqd C Amv.

7.4.1.4 Em ambos os casos, a função de combate Movimento e Manobra será gravemente impactada, por serem os Mrt Me os principais meios relacionados à atividade de apoio de fogo orgânicos dos pelotões, sem os quais se perderá a capacidade de cumprir diversas tarefas.

7.4.1.5 Nesses casos, crescem de importância as premissas de planejamento e coordenação de fogos citadas no presente capítulo, sendo necessário que o Cmt Esqd C Amv realize criteriosa análise do estado final desejado pelo Esc Sp.

7.4.1.6 A fim de se viabilizar a possibilidade do emprego centralizado, as guarnições das peças de morteiro médio e das seções de mísseis anticarro devem estar preparadas para a atuação conjunta, sob comando único.

7.4.1.7 Quando disponível, o apoio de fogo orgânico do Esqd C Amv configura o apoio de fogo cerrado ao seu comando enquadrante, a partir do desembarque.

7.4.1.8 A sincronia do apoio de fogo do Esqd C Amv com o apoio de fogo provido pelo escalão superior é sempre desejável, uma vez que os meios orgânicos do Esqd podem constituir elemento de economia de forças para o próprio GAC leve aeromóvel, otimizando tanto a busca de alvos quanto o seu posterior engajamento em prol da Bda Inf L Amv.

7.4.1.9 Nesse caso, os alvos altamente compensadores do Esqd C Amv serão definidos pelo escalão superior.

7.5 APOIO DE FOGO POR MEIOS AÉREOS

7.5.1 EM RELAÇÃO AO ESQUADRÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL

7.5.1.1 Os efeitos que podem ser produzidos com os meios aéreos, a fim de se contribuir para a consecução dos objetivos da campanha ou operação militar e para o alcance do estado final desejado, relacionam-se diretamente com as tarefas básicas e ações de Força Aérea.

7.5.1.2 As missões de Ap F da F Ae podem ser pré-planejadas ou imediatas.

7.5.1.3 As missões pré-planejadas são executadas contra alvos fixos ou transitórios e resultam de planejamento detalhado. Ocorrem em ciclos de 24 a 72 horas.

7.5.1.4 As missões imediatas são solicitadas quando a natureza do alvo e a situação tática exigirem que ele seja atacado imediatamente. Elas surgem com prazo de execução inferior a 24 horas.

7.5.1.5 Os pedidos de apoio aéreo são formulados, pelo Esqd C Amv, por meio do preenchimento de formulários próprios.

7.5.1.6 O Esqd C Amv deve ter condições de designar alvos de diferentes naturezas para o engajamento por plataformas aéreas.

7.5.1.7 Apesar de sua capacidade operacional e da tecnologia embarcada nas aeronaves e nos sistemas de aviação, o Cmt Esqd C Amv deve realizar uma criteriosa análise de risco, quando do exame de situação, para o planejamento de emprego de tais meios, quando disponíveis.

7.5.1.8 De maneira geral, o emprego de meios aéreos depende, decisivamente, das condições meteorológicas.

7.5.2 APOIO AÉREO APROXIMADO

7.5.2.1 O apoio aéreo aproximado consiste no emprego de meios aéreos para detectar, identificar, neutralizar ou destruir forças de superfície inimigas que estejam em contato direto com forças de superfície amigas.

7.5.2.2 Por meio do emprego de frações de ataque, a Av Ex tem condições de realizar fogos sobre alvos ou objetivos em proveito do Esqd C Amv, explorando a capacidade do armamento e a ação de choque de suas aeronaves.

7.5.2.3 Nas operações ofensivas, a Av Ex pode ser empregada para possibilitar o retraimento de uma fração do Esqd C Amv engajada no combate ou para desorganizar um contra-ataque inimigo.

7.5.2.4 Nas operações defensivas, a Av Ex tem condições de apoiar pelo fogo as frações do Esqd C Amv, especialmente durante a ocupação de posições de retardamento, sobretudo nas situações nas quais outros meios de Ap F não tenham capacidade de acompanhar o movimento da tropa ou não possam proporcionar o volume de fogo suficiente para garantir o sucesso da ação.

7.5.2.5 Ainda nas operações defensivas, o apoio aéreo aproximado da Av Ex pode ser empregado para destruir ou neutralizar ameaças inesperadas, que possam interferir nas ações de retardamento realizadas pelo Esqd C Amv.



Fig 7-1 – Apoio de fogo de Aviação em uma Op Amv

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

CAPÍTULO VIII

LOGÍSTICA

8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.1.1 A logística no Esqd C Amv deve adequar-se à multiplicidade de situações de emprego da Bda Inf Amv. Aplicando o conceito de logística na medida certa, deve possuir a capacidade de prover o apoio aos seus elementos de combate nas diversas funções logísticas, assegurando-lhes liberdade de ação, amplitude de alcance operacional e capacidade de durar na ação.

8.1.2 A logística do Esqd C Amv tem como base as frações, o pessoal e o material previstos em quadro de organização (QO) e emprega TTP específicas. Esse conjunto de estruturas e meios colocados à disposição do esquadrão será apoiado por outras frações e meios logísticos alocados pelo escalão superior para uma determinada operação.

8.1.3 Este capítulo destina-se a descrever os procedimentos logísticos executados nas fases de preparação, movimento aéreo, ações táticas iniciais e ações táticas subsequentes de um Ass Amv.

8.1.4 Em um Ass Amv, a Bda Inf Amv, em linhas gerais, desdobra uma base logística de brigada no escalão recuado e, posteriormente, um destacamento logístico (Dst Log) na cabeça de ponte aeromóvel. Ambos são instalados e operados pelo batalhão logístico aeromóvel (B Log Amv) para apoiar logisticamente as unidades aeromóveis.

8.1.5 Caso o Esqd C Amv integre uma força-tarefa unidade aeromóvel (FT U Amv), o responsável pelo apoio será a companhia de comando e apoio do BI Amv reforçado, que desdobra um Dst Log na C Pnt Amv e uma área de trens (AT) recuada, no escalão recuado.

8.1.6 Neste capítulo, as referências ao B Log Amv aplicam-se igualmente à CCAp, no caso de o Esqd C Amv compor uma FT U Amv.

8.1.7 A logística do Esqd C Amv em operações que não sejam aeromóveis se desenvolve de forma idêntica ao preconizado pelas subunidades de cavalaria mecanizadas.

8.1.8 Para mais informações sobre as peculiaridades da função de combate Logística, nas operações aeromóveis, deverá ser consultado o manual *Brigada de Infantaria Aeromóvel*.

8.2 ESTRUTURA DE APOIO LOGÍSTICO

8.2.1 O Esqd é apoiado pelo Esc Sp e apoia os elementos subordinados (orgânicos e em reforço), constituindo-se, assim, um elo na cadeia de apoio logístico.

8.2.2 A 1ª seção (Pessoal) e 4ª seção (Logística) planejam, coordenam e conduzem a manobra logística, que é integrada e sincronizada com a manobra tática da 3ª seção. O planejamento logístico do Esqd C Amv tem por objetivos manter a prontidão operacional e aumentar o poder de combate dos pelotões de cavalaria aeromóvel (Pel C Amv).

8.2.3 As atividades relacionadas ao pessoal e material englobam todas as tarefas logísticas voltadas para o apoio nas funções logísticas Saúde (Sau), Recursos Humanos (RH), Suprimento (Sup), Manutenção (Mnt), Salvamento (Slv) e Transporte (Trnp).

8.2.4 No Esqd C Amv, a logística é executada pelas frações do pelotão de comando e apoio com encargo logístico: turma de aprovisionamento (Tu Aprv), turma de manutenção (Tu Mnt), turma de saúde (Tu Sau) e turma de suprimento (Tu Sup), da seção de logística (Seç Log); e turma de comunicações (Tu Com), da seção de comando (Seç Cmdo).

8.2.5 A logística na tropa aeromóvel deve, em princípio, deslocar-se em direção aos elementos de 1º escalão, de forma a proporcionar-lhes apoio cerrado e contínuo, contribuindo para manter sua impulsão e capacidade de durar na ação. Somente em situações especiais, os elementos em 1º escalão devem dirigir-se à AT para receber apoio logístico. Sempre que possível, a AT do Esqd C Amv deve prestar o apoio logístico diretamente nas posições ocupadas pela tropa.

8.2.6 A quantidade e as classes de suprimentos e equipamentos que o Esqd conduz, em uma Op Amv, são ditados pelos fatores da decisão. Normalmente, os elementos do escalão de assalto chegam à área de objetivos com apenas os suprimentos e equipamentos que suas viaturas e pessoal possam conduzir.

8.2.7 TRANSMISSÃO DE DADOS LOGÍSTICOS

8.2.7.1 A transmissão de assuntos referentes à logística da operação em curso entre pelotões e estado-maior deve ocorrer por meio de Sumário Diário de Logística e/ou mensagem operacional.

8.2.7.2 Durante todas as fases iniciais do combate, o Esqd C Amv deve enviar relatórios periódicos de sua situação logística, por meio da rede de comando.

8.2.8 DESDOBRAMENTO LOGÍSTICO

8.2.8.1 Na área de objetivos, os meios, efetivos e frações logísticas do Esqd desdobram-se à retaguarda dos elementos de combate em 1º escalão, adotando um dispositivo que permita prestar o apoio logístico a esses elementos de forma oportuna e eficiente, sem interferir na manobra.

8.2.8.2 São elementos desse desdobramento da logística no Esqd C Amv: o PC (especificamente, a área da 1ª e 4ª seções), os trens, as áreas onde esses trens irão se desdobrar para apoiar a manobra do Esqd C Amv e os eixos por onde a logística deverá fluir das áreas onde os trens desdobraram-se até os elementos de combate.

8.2.8.3 Caso haja meios logísticos não necessários na C Pnt Amv, estes se estruturarão junto ao escalão recuado, na sede do Esqd C Amv. Não sendo possível o deslocamento de todos os meios logísticos do Esqd C Amv até a C Pnt Amv, serão priorizados os meios estritamente necessários que permitam a manutenção dos fluxos com maior urgência.

8.2.8.4 Posto de Comando

8.2.8.4.1 No PC, reúnem-se os meios e pessoal integrantes da 1ª e 4ª seções para planejar, coordenar e sincronizar a manobra logística do Esqd C Amv. Por intermédio dessas seções, são feitas as ligações logísticas entre o Esqd e seus elementos de combate, seus elementos de apoio e os elementos de apoio logístico do Esc Sp desdobrados no Dst Log.

8.2.8.5 Os Trens do Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel

8.2.8.5.1 Trens é a designação genérica dada ao conjunto dos elementos em pessoal, viaturas e equipamentos destinados a proporcionar apoio logístico ao Esqd C Amv. Os trens do Esqd são constituídos pelas frações da Seç Log do Pel Cmdo Ap, Tu Com e pelos elementos logísticos do Esc Sp, recebidos em apoio ou reforço (Ref).

8.2.8.5.2 Os trens do Esqd são instalados, mobiliados e operados pelo Pel Cmdo Ap.

8.2.8.5.3 Os trens fornecem apoio logístico aos elementos de combate e aos elementos em Ref, particularmente no que se refere à Mnt orgânica de todas as classes de Sup, posto de socorro (inclusive evacuação de feridos), transporte de Sup, evacuação do material danificado, capturado e salvado, registro e evacuação de mortos.

8.2.8.6 Áreas de Trens

8.2.8.6.1 AT é a região onde o Esqd desdobra suas instalações logísticas necessárias ao apoio logístico cerrado aos Pel C Amv. Essa área localiza-se na zona de ação do esquadrão e, sempre que possível, próximo ao posto de comando do Esqd C Amv.

8.2.8.6.2 A AT dispõe de uma limitada quantidade de suprimento das classes III e V para emergências (constitui a reserva tática do Esqd C Amv), cuja distribuição somente ocorrerá por ordem específica do S-4.

8.2.8.6.3 Em algumas situações, em função do espaço reduzido no interior de uma C Pnt Amv, o Esqd pode, em coordenação com o Esc Sp, instalar seus trens ou parte deles no interior do Dst Log, ocupando, nesse caso, sua orla anterior.

8.2.8.6.4 A distância da AT para os elementos de 1º escalão levará em conta o estudo dos fatores para a localização dos trens.

8.2.8.6.5 Poderão ser desdobradas, na AT, as seguintes instalações logísticas, de forma sumária e sobre rodas:

- a) posto de remuniciamento (P Remn);
- b) posto de socorro (PS);
- c) posto de coleta de mortos (P Col Mor);
- d) posto de coleta de salvados (P Col Slv);
- e) posto de distribuição de material classe I (P Distr CI I);
- f) posto de distribuição de material classe III (P Distr CI III);
- g) posto de distribuição de material classe IX (P Distr CI IX);
- h) posto de coleta de prisioneiros de guerra (P Col PG);
- i) área de manutenção de viaturas e armamento (poderá também ser o P Distr CI III e IX);
- j) área de cozinha;
- k) área de estacionamento de viaturas; e
- l) outras instalações.

8.2.8.7 Fatores a se Considerar para Localização dos Trens

8.2.8.7.1 Em todas as situações, os trens devem ser localizados e se deslocar de modo a prestar apoio oportuno e adequado em suprimento, evacuação médica e manutenção aos elementos de combate. Os órgãos de apoio dos Esc Sp são orientados pela localização das unidades e subunidades subordinadas e situam-se em consonância com ela.

8.2.8.7.2 Para a localização da AT, o S-4 deve manter estreito entendimento com o E-4 da Bda ou S-4 da FT U Amv, conforme a situação.

8.2.8.7.3 Representantes do S-4 essenciais ao reconhecimento, à escolha e ao balizamento dos locais das instalações logísticas, em coordenação com o Esc Sp, podem deslocar-se com o escalão de assalto.

8.2.8.7.4 Para melhor atender à prestação do apoio logístico, a análise da localização de uma AT deve considerar a manobra, o terreno, a segurança (do fluxo e das instalações) e a situação logística.

8.2.8.7.5 Devido à limitada flexibilidade para a localização, em uma defesa circular, é comum que não seja possível atender a todos os fatores ou que o S-4 tenha que priorizar um fator em detrimento de outro.

8.2.8.7.6 Para o estabelecimento da distância de segurança, o S-4 deverá levar em consideração, quando a situação permitir, o alcance dos fogos indiretos do Pel inimigo em contato, ou pelo menos 2.000 m. Em todas as situações, os trens devem estar localizados de forma que exista, ao menos, uma massa cobridora entre estes e o inimigo, a fim de evitar seus fogos diretos.

8.2.8.7.7 Devem, ainda, ser considerados na escolha de regiões para o desdobramento da AT, os seguintes aspectos:

- a) o sigilo das operações;
- b) a otimização do transporte;
- c) as limitações dos meios de transporte;
- d) a atitude da população;
- e) os prazos; e
- f) a duração das operações.

8.2.8.8 Controle dos Trens

8.2.8.8.1 O S-4 estuda continuamente a situação, a fim de propor a oportunidade do deslocamento dos trens, de maneira a facilitar o apoio às operações futuras. As prováveis AT devem ser levantadas antecipadamente, a fim de agilizar a manobra logística.

8.2.8.8.2 Após a decisão de realizar um deslocamento dos trens, o S-4, em coordenação com o S-3, aciona o reconhecimento dos itinerários e da nova área e expede a ordem de deslocamento, normalmente verbal.

8.2.8.9 Emprego dos Trens

8.2.8.9.1 A maioria dos trens do Esqd integra o escalão de acompanhamento. Seu pessoal, material, viaturas e equipamentos são, geralmente, aero ou helitransportados.

8.2.8.9.2 Durante as operações de movimento rápido, torna-se necessário o deslocamento quase contínuo dos trens, para evitar que o aumento da distância

desses elementos impossibilite a execução oportuna do apoio. Entretanto, o movimento constante dos trens limita a eficiência dos elementos de apoio logístico, particularmente os de manutenção, pela falta de tempo e de condições adequadas de trabalho.

8.2.8.9.3 Nas situações de movimentos mais lentos, os trens poderão permanecer estacionados por longos períodos, deslocando-se por lanços quando a distância em relação aos elementos apoiados se tornar demasiadamente grande para permitir um apoio oportuno.

8.2.8.9.4 Os elementos dos trens encarregam-se da sua própria segurança aproximada. A segurança afastada, normalmente, é obtida pela localização dos trens próxima aos elementos de combate e da reserva. Entretanto, em situações de movimento rápido, pode ser necessário fornecer escolta aos trens ou enquadrá-los na própria formação de combate, para proporcionar-lhes segurança.

8.2.8.9.5 As dimensões ideais da AT do Esqd C Amv são, no mínimo, 300 m X 300 m, para permitir uma dispersão adequada.

8.3 ELEMENTOS E FRAÇÕES COM RESPONSABILIDADES LOGÍSTICAS

8.3.1 O Cmt Esqd C Amv é o responsável pelo apoio logístico no Esqd. Ele deve assegurar que o apoio logístico seja prestado não somente às frações orgânicas do Esqd, mas também a todos os elementos sob o seu controle operacional ou em reforço.

8.3.2 ESTADO-MAIOR

8.3.2.1 O SCmt do Esqd C Amv é o principal responsável pela sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico do Esqd.

8.3.2.2 O S-4 é o assessor do Cmt Esqd C Amv para as atividades da logística de material. Tem como seus auxiliares diretos o adjunto (Adj) do S-4 (também SCmt do Pel Cmdo Ap) e os elementos da turma de logística (Tu Log) da Seq Cmdo, que compõem a 4ª seção da SU. Suas principais atribuições são:

- a) coordenar a manobra logística do Esqd C Amv;
- b) assistir o Cmt Esqd e mantê-lo informado sobre as atividades logísticas sob sua responsabilidade;
- c) planejar, coordenar e supervisionar todas as atividades logísticas referentes ao material do Esqd C Amv;
- d) coordenar com o Esc Sp e apoiar os Pel em suas necessidades logísticas referentes ao material;
- e) selecionar a localização, coordenar e supervisionar as atividades e deslocamentos dos trens;

- f) redigir o parágrafo 4º da ordem de operações, após ter realizado seu estudo de situação, recebendo do S-1 a parte referente à logística do pessoal;
- g) fornecer relatórios de logística, quando solicitados;
- h) encaminhar o pedido de Sup do Esqd ao Dst Log;
- i) selecionar e planejar os processos de distribuição de Sup para os escalões subordinados;
- j) supervisionar o preparo das rações R1 e planejar a distribuição de rações à tropa;
- k) remeter ao Esc Sp um relatório diário da situação de Sup CI III;
- l) manter atualizadas as NGA do Esqd relativas ao aprestamento;
- m) planejar e supervisionar o aprestamento do Esqd, coordenando com o E-4/Bda Inf Amv (ou S-4/FT U Amv) e com as unidades de apoio logístico da Bda, o fornecimento do correspondente e adequado apoio durante esta fase; e
- n) outras determinadas pelo Cmt Esqd C Amv.

8.3.2.3 O S-4 é o coordenador da manobra logística do Esqd, integrando e sincronizando os planejamentos da logística com as operações, manobra e apoio ao combate.

8.3.2.4 São atribuições específicas do S-4 o planejamento, a coordenação e a supervisão de todas as questões referentes aos diferentes aspectos da logística do material, tais como pedidos, recebimentos, estocagem, distribuição, aplicação, consumo dos Sup e fiscalização da qualidade destes, Mnt e evacuação de material, controle dos meios de transporte e outros.

8.3.2.5 O S-4 deve antecipar-se às necessidades de apoio logístico, encaminhar os pedidos de apoio ao Esc Sp com oportunidade, fiscalizar o apoio que é prestado ao Esqd e planejar, coordenar e sincronizar toda a logística interna do Esqd C Amv.

8.3.2.6 O S-1 é o assessor do Cmt para as atividades da logística do pessoal. Tem como seus auxiliares diretos o Adj S-1 (também oficial de saúde) e os elementos da turma de pessoal (Tu Pes) da Seç Cmto, que compõem a 1ª seção da SU. Suas principais atribuições são:

- a) fornecer informações sobre a logística de pessoal, necessárias para o planejamento e a conduta das operações;
- b) realizar o estudo continuado da situação, para fins de planejamento;
- c) apresentar proposta de diretrizes e planos referentes à logística de pessoal; e
- d) supervisionar a execução das ordens e diretrizes relacionadas ao pessoal.

8.3.2.7 São atribuições específicas do S-1 o planejamento, a coordenação e a supervisão de todas as questões referentes aos diferentes aspectos da logística do pessoal, como controle dos efetivos, reacompanhamento, apoio de saúde, moral da tropa, banho, lavanderia, sepultamento, serviço postal e outros.

8.3.2.8 O S-1 controla o efetivo do esquadrão por meio do mapa da força recebido dos Pel. O S-1 elabora, também, outros registros e relatórios necessários ao controle do pessoal e gestão da função logística RH.

8.3.2.9 O oficial de saúde é o principal responsável pela execução do apoio de saúde no âmbito do Esqd. Cabe a ele, por meio do S-1, assessorar o Cmt Esqd C Amv sobre quaisquer problemas relacionados com a saúde, incluindo a higiene em campanha e a prevenção contra doenças.

8.3.3 PELOTÃO DE COMANDO E APOIO

8.3.3.1 Considerações Gerais

8.3.3.1.1 Além da Tu Log e Tu Pes, abordadas em conjunto com o EM, possuem responsabilidades logísticas os seguintes militares do Pel:

- a) Cmt Pel Cmdo Ap – Cmt dos trens e da AT, quando desdobrada, oficial de Mnt e oficial de munições. Determina a localização específica de cada elemento na AT. Executa os deslocamentos, controla e provê a segurança dos trens. Preenche a ordem de transporte; e
- b) SCmt Pel Cmdo Ap – Adj S-4, oficial aprovisionador e oficial de comunicações e substituto eventual do Cmt AT. Assessora o S-4 na supervisão do preparo das rações R1 e no planejamento da distribuição de rações à tropa.

8.3.3.1.2 Também têm responsabilidade logística o encarregado do material (execução do planejamento logístico), o sargento brigada (logística de pessoal), o furriel (suprimento) e os mecânicos e auxiliares (manutenção).

8.3.3.2 Seção de Logística

8.3.3.2.1 Turma de Suprimento

- a) A Tu Sup é a principal fração de apoio logístico do Esqd C Amv. Sua organização inclui o pessoal e material necessários para executar, no âmbito do Esqd, as atividades de suprimento das CI I, II, III (apenas combustíveis), IV, V, VI e X.
- b) A Tu Sup é responsável pela função logística transporte no Esqd C Amv.
- c) São missões da Tu Sup:
 - levantar as necessidades de suprimento dos Pel e encaminhar ao S-4;
 - elaborar o relatório diário da situação de Sup CI III;
 - receber, controlar, estocar (quando necessário), repartir e distribuir os suprimentos aos Pel; e
 - evacuar os mortos.
- d) Normalmente, a turma instala e opera P Distr CI I, P Distr CI III e um P Remn CI V (munição) na AT.

8.3.3.2.2 Turma de Manutenção

- a) É a fração encarregada de prestar apoio de manutenção orgânica de 1º escalão ao Esqd C Amv (manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão de maior complexidade e tempo de execução).
- b) Suas missões compreendem:
- realizar o levantamento das necessidades e planejar a execução da manutenção de 1º escalão;
 - executar a manutenção orgânica de 1º escalão das viaturas, armamento e equipamentos diversos do Esqd, em apoio aos Pel, coordenando, assistindo e ampliando o trabalho das guarnições;
 - executar a evacuação de viaturas no âmbito do Esqd C Amv;
 - cooperar na evacuação e coleta de salvados e material capturado;
 - estabelecer e operar um P Col Slv, caso seja necessário;
 - solicitar, controlar, estocar e fornecer peças e conjuntos de reparação necessários à manutenção do material, excetuando-se os de saúde e de Com;
 - instalar e operar um P Distr CI IX;
 - desdobrar e operar a área de manutenção na AT; e
 - receber, distribuir e aplicar os Sup CI III (óleos e lubrificantes).

8.3.3.2.3 Turma de Saúde

- a) É organizada com pessoal, equipamentos e meios de transporte necessários para proporcionar tratamento de saúde de urgência e evacuação de feridos, doentes e acidentados no âmbito da subunidade.
- b) São missões específicas da Tu Sau:
- instalar e operar o PS do Amv;
 - evacuar, do PS para o módulo de saúde no Dst Log, os feridos do Esqd que necessitam de atendimento médico de maior complexidade ou para instalações de saúde mais à retaguarda;
 - preparar os doentes e feridos mais graves para serem evacuados para a instalação de saúde do Esc Sp (a evacuação fica a cargo dess escalão); e
 - receber, estocar e aplicar o Sup CI VIII.

8.3.3.2.4 A turma do aprovisionamento possui as seguintes missões:

- a) desdobrar e operar a área de cozinha na AT;
- b) confeccionar e distribuir a ração R1 para o Esqd (para determinado período);
- c) transportar parte da reserva orgânica de ração do Esqd; e
- d) preparar os pedidos eventuais de ração, se for o caso.

8.3.3.3 Seção de Comando

8.3.3.3.1 Turma de Comunicações

- a) A Tu Com, além de proporcionar apoio de comunicações ao comando do Esqd, é responsável por receber, estocar, aplicar e distribuir o Sup CI VII.
- b) Suas missões logísticas compreendem:
- executar a Mnt orgânica (1º escalão) do material de Com do Esqd C Amv;
 - solicitar, receber, estocar e aplicar, de acordo com as necessidades, peças

e conjuntos de reparação (CI VII);

- receber e distribuir, de acordo com as necessidades, Sup CI VII (material rádio); e
- evacuar para o escalão superior o material de comunicações que necessite de Mnt além do segundo escalão.

8.3.4 PELOTÃO DE CAVALARIA AEROMÓVEL

8.3.4.1 O Cmt Pel C Amv deve ter conhecimento da situação logística do material e pessoal de suas frações. Com base nesse conhecimento, deve manter seu Cmt constantemente informado dessa situação (de forma usual, diariamente, por meio de informes ao S-4) e solicitar apoio logístico, caso seja necessário. O mesmo se aplica a todos os Cmt subordinados, em suas respectivas frações, em relação ao Cmt Pel C Amv.

8.3.4.2 O Adj Pel é o auxiliar do Cmt Pel para todas as atividades logísticas. Ele deve coordenar, cumprir e fazer cumprir as normas logísticas.

8.3.4.3 A fim de prover dados para o S-4 atualizar a manobra logística, durante o contato entre o Adj Pel e os elementos que realizam o ressuprimento, deverá ser informado o seguinte:

- a) mudança de necessidades logísticas, em face de alterações na constituição do Pel;
- b) situação do efetivo, suprimento e manutenção do Pel;
- c) necessidades logísticas do Pel para o período seguinte;
- d) entrega e recebimento de documentos e correspondências; e
- e) atualização da situação logística do Pel.

8.3.4.4 Normalmente, a logística, no nível Pel, restringe-se às atividades/tarefas de controle de efetivos e determinação das necessidades de repletamentos; levantamento das necessidades de Mnt e execução da Mnt preventiva do material; recebimento e consumo de rações e água; levantamento das necessidades, recebimento e controle do Sup recebido; providências para a proteção da saúde dos integrantes do Pel e a evacuação de mortos e feridos das frações.

8.4 PECULIARIDADES DO APOIO LOGÍSTICO NAS OPERAÇÕES AEROMÓVEIS

8.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.4.1.1 Para o Esqd C Amv, em termos gerais de demandas logísticas, as Op Amv refletem em:

- a) elevado consumo de munições;
- b) grande necessidade de manutenção e de evacuação de material salvado e/ou

capturado;

- c) elevado número de baixas e grande necessidade de evacuação de feridos;
- d) necessidade de coordenação com o Esc Sp por ocasião do emprego de meios aéreos para a logística;
- e) dificuldade na determinação exata dos meios necessários, dimensionando o apoio logístico com base na estimativa logística;
- f) ampla utilização de processos especiais de suprimento;
- g) necessidade de preparação do material e emprego de material adequado, com vistas ao helitransporte e ao desembarque;
- h) restrição de meios de transporte terrestres disponíveis nas etapas iniciais da operação;
- i) limitação de munição e outros itens de suprimento; e
- j) perda de pessoal e equipamento devido a problemas no desembarque ou devido a aeronaves abatidas.

8.4.1.2 As condições climáticas poderão causar o adiamento de operações planejadas ou reduzir a disponibilidade de tempo de uma operação em curso.

8.4.1.3 A capacidade de transporte dos meios aéreos limita a capacidade de apoio logístico à C Pnt Amv. Qualquer demanda que extrapole suas possibilidades tornar-se-á inviável.

8.4.1.4 O fogo de artilharia antiaérea do inimigo contra aeronave de reabastecimento, assim como fogos de artilharia de longo alcance, de morteiros e aéreos inimigos, pode dificultar a entrega, a coleta ou a distribuição de suprimentos.

8.4.1.5 Frente a essas características das Op Amv, cabe ao S-4 realizar uma previsão acurada das possíveis necessidades futuras.

8.4.1.6 Na fase de ações táticas iniciais, o apoio logístico do Esc Sp ao Esqd C Amv pode ser prestado em todo, ou em parte, por elementos já infiltrados na área de objetivos.



Fig 8-1 – Transporte de viatura leve do Esqd Amv por carga externa

8.4.2 APRESTAMENTO

8.4.2.1 O plano de aprestamento do Esqd C Amv deve incluir, entre outras, as seguintes informações:

- a) instruções detalhadas para o movimento e emprego de instalações e serviços do Pel Cmdo Ap, tais como P Remn, cozinha *etc.*;
- b) instruções sobre o deslocamento dos pelotões para a área de aprestamento, se for o caso, e para os locais de carregamento; e
- c) instruções para o carregamento de tropas e equipamentos em cada uma das aeronaves atribuídas ao Esqd.

8.4.2.2 O aprestamento deve ser realizado no menor tempo possível. Tão logo seja possível, o Esqd recebe o equipamento e os suprimentos que serão utilizados na operação. Inspeções frequentes são realizadas para verificar a situação do material.

8.4.2.3 Aos militares que conduzirão pacotes é dado tempo suficiente para a sua preparação. Pacotes extras, ou seus acessórios, se necessários, são solicitados ao elemento de apoio. Os fardos aeromóveis são preparados pelas frações correspondentes.

8.4.2.4 Os materiais pesados são conduzidos até as equipes especializadas (transporte aéreo e serviço especial de aviação – TASA), acompanhados por seus respectivos responsáveis ou usuários, que auxiliam na sua preparação.

8.4.2.5 O Cmt Esqd C Amv é o responsável pelo carregamento do seu material e pelo embarque do seu pessoal conforme as ordens recebidas do Esc Sp.

8.4.2.6 O Esqd C Amv, normalmente, carrega e ancora seus fardos nas aeronaves, tão cedo quanto possível, e embarca o pessoal o mais tarde possível.

8.4.3 INCURSÃO AEROMÓVEL

8.4.3.1 Nesse tipo de Op Amv, os meios logísticos empregados pelo Esqd C Amv devem ser os mínimos necessários para: a evacuação de mortos e feridos, evacuação de materiais aeromóveis danificados, destruição de material avariado e que não tenha condições de ser evacuado e apoio ao retraimento.

8.4.3.2 Em razão das características das incursões aeromóveis, estas serão, inicialmente, desprovidas de ressuprimento e manutenção de seus materiais.

8.4.3.3 Havendo necessidade de extensão da permanência no terreno ou evolução da situação tática, os elementos do Esqd da incursão aeromóvel poderão ser ressupridos por via aérea ou se valer dos meios que as localidades da Z Aç ofertarem ou dispuserem.

8.4.4 MÓDULO DE APOIO

8.4.4.1 Para a tropa de cavalaria aeromóvel, o módulo de apoio (Mod Ap) é a reunião de meios e pessoal orgânicos do Pel Cmdo Ap necessários para prover apoio logístico continuado a um Pel C Amv que atue destacado do Esqd, passando a integrar uma FT U Amv.

8.4.4.2 O Mod Ap poderá, se necessário, de acordo com o estudo de situação do S-4 e a capacidade logística da U Amv que receberá o Pel C Amv, conduzir um pacote logístico com suprimento para a operação do Pel.

8.4.4.3 Devido à U Amv reforçada ser de natureza diferente, o Mod Ap deve conduzir, principalmente, um pacote logístico de suprimentos específicos (principalmente Sup CI III e V (munição)), além de especialistas e ferramental para executar a manutenção do material de dotação do Esqd C Amv.

8.5 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA LOGÍSTICA

8.5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.5.1.1 O planejamento logístico é priorizado durante o período que antecede a concentração e deve ser tão detalhado quanto o tempo permitir. Por isso, o EM deve empregar procedimentos padronizados e NGA para agilizar seu trabalho.

8.5.1.2 O planejamento logístico do Esqd C Amv, para toda a Op Amv, é dependente do planejamento do Esc Sp e se processa na sequência inversa das atividades de sua execução, isto é, a partir do início do emprego do Esqd no terreno. A manobra terrestre condiciona as decisões quanto ao desembarque, que por sua vez influencia o movimento aéreo e o aprestamento.

8.5.1.3 Dentro do plano tático terrestre, o planejamento logístico deve abranger o desdobramento das frações logísticas na Z Aç do Esqd C Amv, bem como os processos, métodos e procedimentos a serem empregados em sua execução.

8.5.1.4 Para mais informações sobre o planejamento logístico, sugere-se consultar o manual de campanha *Logística Militar Terrestre*.

8.5.2 PRINCÍPIOS DO PLANEJAMENTO LOGÍSTICO

8.5.2.1 O apoio logístico deve ser dinâmico e procurar atender às necessidades específicas do Esqd, impostas pela situação tática, a fim de proporcionar maior poder de combate aos Pel C Amv.

8.5.2.2 O processo de planejamento logístico deve seguir a mesma metodologia empregada no MC *Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT)*. Deve ser realizado de acordo com as seguintes etapas:

- a) análise de logística;
- b) elaboração de planos e ordens;
- c) elaboração de estimativa logística; e
- d) acompanhamento e controle do apoio logístico.

8.5.2.3 Os seguintes princípios devem orientar o planejamento logístico:

- a) a logística deve ir ao encontro dos elementos de 1º escalão, reduzindo-se, ao máximo, os deslocamentos destes até as instalações logísticas;
- b) os elementos de 1º escalão devem ser aliviados, ao máximo, de seus encargos logísticos;
- c) o planejamento deve antecipar-se às necessidades;
- d) o apoio logístico deve ser contínuo, utilizando todos os meios disponíveis, conforme a situação tática o permitir;
- e) o suprimento e pessoal de logística devem estar em condições de emprego sempre que necessário;
- f) o planejamento da manobra logística deve ser uma atividade contínua de todo o EM do Esqd C Amv, capitaneada pelo S-4; e
- g) a constante avaliação da situação tática e o levantamento das necessidades para as futuras operações são atividades críticas para o planejamento da manobra logística.

8.5.3 ESTIMATIVA LOGÍSTICA

8.5.3.1 A estimativa logística é uma análise dos fatores que podem afetar o cumprimento da missão do Esqd C Amv.

8.5.3.2 O S-4 deve utilizar a estimativa logística para a formulação de linhas de ação e para o planejamento da manobra logística em apoio às operações definidas pelo Cmt Esqd. Os fatores mais relevantes para a confecção da estimativa logística são:

- a) a situação do suprimento disponível, particularmente das classes I, III e V;
- b) a disponibilidade e as características de viaturas e meios aéreos disponíveis;
- c) a existência e disponibilidade de zona de desembarque na área de objetivos;
- d) a configuração do escalonamento dos meios do Esqd para a Op Amv;
- e) a duração estimada da operação; e
- f) a possibilidade de obtenção de suprimentos e materiais na área de objetivos.

8.5.3.3 A estimativa logística não consta de um documento específico. O S-1 e o S-4 deverão formulá-la respondendo às seguintes perguntas:

- a) qual a situação atual da manutenção, dos suprimentos e dos transportes?
- b) quanto e o que é necessário para apoiar a operação?
- c) que tipo de apoio externo é necessário?
- d) qual processo de suprimento melhor atende às necessidades?
- e) o que está faltando e qual o impacto dessa falta na operação?
- f) que linha de ação deverá ser apoiada?
- g) onde estão os elementos a serem apoiados durante a operação?

8.5.3.4 A estimativa deve seguir um processo lógico e sistemático e prever as principais demandas de material e recursos a serem empregados em apoio às operações. Ela deve antecipar soluções para apoiar convenientemente a linha de ação selecionada para a manobra tática ou, de forma antecipada, demonstrar sua inexequibilidade, propondo alternativas viáveis.

8.5.3.5 A rapidez do planejamento pode ser aumentada pela preparação prévia de quadros de necessidades de aeronaves. O Esqd deve preparar e montar quadros que indiquem o número de aeronaves necessárias para as variadas condições. Esses quadros servem de base para o pedido e para a distribuição de aeronaves para uma operação específica. O S-3 e o S-4 devem ter em mente que os planos têm que ser flexíveis, uma vez que as mudanças nos números, nas capacidades e nos tipos de aeronaves podem ocorrer a qualquer tempo.

8.5.4 MANOBRA LOGÍSTICA

8.5.4.1 Considerações Gerais

8.5.4.1.1 A manobra logística é o conjunto de planejamentos, procedimentos, métodos e ações realizadas para apoiar pessoal e material, de forma integrada e sincronizada à manobra tática, durante todas as fases da operação.

8.5.4.1.2 No Esqd C Amv, a manobra logística deve prever que todas as atividades logísticas desenvolvidas pelo Pel Cmdo Ap sejam deslocadas em direção aos elementos de 1º escalão, evitando, sempre que possível, que os elementos de combate desloquem-se para a AT em busca de apoio.



Fig 8-2 – Ressuprimento aeromóvel

8.5.4.2 Planejamento da Manobra Logística

8.5.4.2.1 Durante o processo do planejamento logístico, o S-4 deve estudar as ordens do escalão superior, o conceito da operação, a intenção do comandante, a situação tática e logística e as peculiaridades de sua unidade. Deverão ser considerados, particularmente:

- a) as necessidades;
- b) as disponibilidades;
- c) a capacidade de comando e controle;
- d) os fatores restritivos;
- e) a disponibilidade de itens críticos;
- f) os fatores da decisão;
- g) os fundamentos das operações; e
- h) os princípios logísticos.

8.5.4.2.2 Do conceito da operação deverão ser extraídas informações fundamentais para a concepção da manobra logística, tais como:

- a) o que cada elemento apoiado fará no cumprimento da missão;
- b) onde cada elemento apoiado estará, em cada fase e no final da missão;
- c) que missão será executada ao final da operação; e
- d) como os elementos apoiados executarão a missão.

8.5.4.2.3 Após analisar o conceito da operação, o S-4 e o S-1 devem ser capazes de definir o apoio logístico necessário para a operação, determinando:

- a) que tipo de apoio é necessário e em que local;
- b) que quantidade de apoio será necessária; e
- c) qual a prioridade de apoio por tipo e por Pel.

8.5.4.2.4 Com base nas necessidades já levantadas, avaliam-se as possibilidades da logística do Esqd C Amv, levantando-se:

- a) que recursos logísticos estão disponíveis e quais são suas características;
- b) onde estão os recursos e as instalações logísticas do escalão superior;
- c) quando os recursos logísticos estarão disponíveis para os Pel; e
- d) como os recursos logísticos podem ser disponibilizados.

8.5.4.2.5 Baseando-se nas informações oriundas da análise da operação e nas necessidades e disponibilidades logísticas, o S-4 pode iniciar a concepção da manobra logística. Durante o planejamento, ele deverá analisar, ainda, os seguintes aspectos para propor a priorização de apoio a determinados elementos de combate:

- a) a necessidade de manutenção e a disponibilidade do material dos elementos de combate, considerando as características da missão e as prioridades atribuídas pelo Cmt Esqd. Essa análise permite planejar o emprego dos elementos de manutenção disponíveis;
- b) a situação tática e a missão atribuída a cada um dos elementos de combate, estimando a maior ou menor necessidade de apoio de evacuação de mortos e feridos na operação ou em alguma fase desta. Com base nessa análise, pode planejar o emprego dos elementos de saúde disponíveis;
- c) a situação tática e as ordens do escalão superior e do Cmt Esqd sobre alimentação da tropa, a fim de decidir sobre o escalonamento das rações; e
- d) a necessidade de propor ao Cmt Esqd o remanejamento de viaturas, armamentos e equipamentos entre os elementos de combate, a fim de contribuir para o cumprimento das missões impostas em determinada operação ou fase da manobra.

8.5.4.2.6 Caso as necessidades mínimas superem as disponibilidades, o planejador formula sugestões e pedidos ao Esc Sp. Tal assessoramento deve ser realizado o mais rápido possível.

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Condução do Tiro de Artilharia pelo Combatente de Qualquer Arma**. CI 6-135/1. Ed experimental. Brasília, DF: COTER, 2005.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Lista de Tarefas Funcionais**. EB70-MC-10.341. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Emprego da Inteligência Militar**. EB70-MC-10.307. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Ofensivas e Defensivas**. EB70-MC-10.202. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Posto de Segurança Estático**. EB70-CI-11.407. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Cavalaria nas Operações**. EB70-MC-10.222. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **As Comunicações na Força Terrestre**. EB70-MC-10.241. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações de Garantia da Lei e da Ordem**. EB70-MC-10.242. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Logística nas Operações**. EB70-MC-10.216. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Cavalaria Mecanizada**. EB70-MC-10.309. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Forças-Tarefas Blindadas**. EB70-MC-10.355. 4. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Interagências**. EB70-MC-10.248. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres**. EB70-MC-10.211. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Regimento de Cavalaria Mecanizado**. EB70-MC-10.354. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Infantaria Paraquedista**. EB70-MC-10.372. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Esquadrão de Cavalaria Mecanizado**. EB70-MC-10.374. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Forças-Tarefas Subunidades Blindadas**. EB70-MC-10.376. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Pelotão de Cavalaria Mecanizado**. EB70-CI-11.457. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Logística Militar Terrestre**. EB70-MC-10.238. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2022.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Aeromóveis**. EB70-MC-10.218. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2022.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Infantaria Aeromóvel**. EB70-MC-10.319. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2023.

BRASIL. Exército. Comando do Exército. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército**. EB10-IG-01.002. 1 ed. Brasília, DF: C Ex, 2011.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Aerotransporte**. EB60-MT-34.404. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEX, 2015.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Mestre de Salto Paraquedista**. EB60-MT-34.402. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEX, 2015.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Trabalho de Comando**. EB60-ME-13.301. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEX, 2019.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. C 21-30. 4. ed. Brasília, DF: EME, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Batalhões de Infantaria**. C 7-20. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Estado-Maior e Ordens**. C 101-5. 2. ed. vol. 1 e 2. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Catálogo de Capacidades do Exército 2015 - 2035**. EB20-C-07.001. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Movimento e Manobra**. EB20-MC-10.203. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército**. EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF: EME, 2018.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Doutrina Militar Terrestre**. EB20-MF-10.102. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2022.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 5. ed. Brasília, DF: MD, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Doutrina de Operações Conjuntas**. MD30-M-01. ed. vol. 1 e 2. Brasília, DF: MD, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 4. ed. Brasília, DF: MD, 2021.

INTENCIONALMENTE EM BRANCO

**COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES
CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO
Brasília, DF, 1º de novembro de 2023
www.cdoutex.eb.mil.br**